

IVEN GONÇALO VIEIRA COELHO

**MUTABILIDADE E EVOLUÇÃO URBANA:
LARGO 5 DE OUTUBRO NO CENTRO
HISTÓRICO DE LEIRIA**

Orientador: Prof. Doutor Alberto Flávio Monteiro Lopes

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Área científica: Urbanismo, Ambiente e Sociedade**

Lisboa

2017

IVEN GONÇALO VIEIRA COELHO

**MUTABILIDADE E EVOLUÇÃO URBANA:
LARGO 5 DE OUTUBRO NO CENTRO
HISTÓRICO DE LEIRIA**

Dissertação de mestrado Integrado em Arquitetura na
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
para a obtenção do grau de Mestre.

Despacho de nomeação de júri nº 427/2016 com defesa
pública a 01 de fevereiro de 2017

Presidente: Prof. Doutor Pedro Carlos Bobone Ressano
Garcia

Arguente: Prof. Doutor António José Marques Vieira
de Santa-Rita

Orientador: Prof. Doutor Alberto Flávio Monteiro
Lopes

Vogal: Prof. Doutor Vasco Maria Tavela de Sousa
Santos Pinheiro

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Área científica: Urbanismo, Ambiente e Sociedade

Lisboa

2017

Ao Professor Doutor Alberto Flávio Monteiro Lopes, pela orientação, disponibilidade e incentivo. À minha família pela motivação e ajuda nas horas de maior pressão psicológica, a todos os meus amigos que acompanharam este meu percurso, que me deram o seu parecer e criticaram de forma construtiva.  Câmara Municipal de Leiria que forneceu alguns elementos de trabalho bem como informações e direções.  Dr.^a Sandra Cadima, chefe de divisão de planeamento, ordenamento e estratégia territorial pela planta geral atual da cidade. A todos os funcionários do Arquivo Municipal de Leiria pela paciência e ajuda na recolha de informação,

Obrigado.

RESUMO

As cidades portuguesas, que passaram, durante o século XX, por processos de crescimento acelerado, estão atualmente a voltar-se sobre si próprias procurando melhorar a qualidade de vida da população que nelas habita, trabalha ou simplesmente visita as suas estruturas urbanas consolidadas.

Neste trabalho, tomamos como área de investigação o Largo 5 de Outubro em Leiria, para estudar a evolução urbanística da cidade e os impulsos que provocaram as mudanças, refletindo e debatendo sobre a mutabilidade da estrutura urbana, como forma de alicerçar as novas ideias de conservação da cidade histórica.

Existe uma normal alteração dos hábitos dos cidadãos ao longo do tempo e, portanto, torna-se importante que o espaço em que vivem evolua respondendo de forma positiva às novas realidades sociais. Deste modo, apoiados na história e na análise dos diferentes elementos que compõem o espaço urbano do Largo 5 de Outubro, procuramos identificar os elementos com maior capacidade de resistir às alterações futuras.

Palavras-chave: Centro Histórico, Largo 5 de Outubro, Leiria, Mutabilidade Urbana

ABSTRACT

Portuguese cities, that all over the 20th century, handled processes of accelerated growth are now turning to themselves searching to improve the quality of life of the population that lives, works there and even for the ones who visits its urban consolidated structures.

In this article, we use as research area the Largo 5 outubro in Leiria to study the urban evolution of the city and the impulses that are the reasons for the changes, reflecting and debating about the mutability of the urban structure as a way of substantiating the new ideas of conservation of this historical city.

There is a normal alteration of the costumes of the citizens and, because of that, turns to be importante that the space, where they live, evolves answering in a positive way to the new social realities. In the same way, supported by the history and analysis of the different elements that comprise the wide urban space, we performed this study to understand which are the elements with greater ability to withstand future changes.

Keywords: Historic center, Largo 5 de outubro, Leiria, Urban Mutability

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	13
Capítulo I – EVOLUÇÃO HISTÓRICA.....	15
1.1. A cidade medieval.....	15
1.2. A cidade no Século XVIII.....	19
1.3. A cidade no Século XIX	19
1.4. A cidade no século XX	20
1.5. Localização da área de estudo.....	27
2.1. Elementos da morfologia urbana	28
2.1.1. A rua	28
2.1.2. O quarteirão	30
2.1.3. O cadastro	31
2.1.4. As fachadas.....	31
2.1.5. As construções.....	32
2.1.6. Os logradouros.....	33
Capítulo II - LARGO 5 DE OUTUBRO	34
2.1. A Evolução da Cidade de Leiria ao longo do século XX.....	34
2.1.1. O plano de Cristino da Silva.....	34
2.1.2. O plano de Santa Rita	36
2.1.3. O plano de Lima Franco	38
2.1.4. O Plano Diretor da Cidade de Leiria, elaborado pela Hidrotécnica Portuguesa	42
2.1.5. As várias etapas da evolução do Largo 5 de Outubro	43
2.1.6. Edifícios que conferem carácter ao Largo 5 de Outubro	49
2.2. Situação atual da área de estudo	71
2.2.1. Edifícios correntes	74

2.2.2. Análise de projetos recentes de transformação.....	74
2.2.3. Edifícios singulares.....	77
CONCLUSÃO.....	82
FONTES DOCUMENTAIS – PROCESSOS ADMINISTRATIVOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LEIRIA.....	106
BIBLIOGRAFIA	108

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Vista parcial do Castelo de Leiria, imagem de Célia Ascenso, 19 de setembro de 2011.	15
Figura 2 – “PORTUGAL – LEIRIA – Rio Liz, jardim e Castello (fundado em 1185 por D. Afonso Henriques)”. Postal ilustrado.	15
Figura 3 – Igreja de São Pedro. Fotografia de Pedro Magalhães, out. de 2010.	16
Figura 4 – Regimento de Artilharia 4. (RAL, s.d.).....	16
Figura 5 – Rio Lis, a curva do rio perto da Fonte das 3 Bicas. Postal ilustrado.....	20
Figura 6 – Leiria – Um aspeto das margens do Rio Lis. Postal ilustrado.	20
Figura 7 – Largo 5 de Outubro, Jardim público e o Paço no final do século XIX início do século XX. Postal ilustrado.....	20
Figura 8 – Exposição Distrital de Leiria, entrada principal. Imagem de 1940. (MLisboa, 2013)	25
Figura 9 – Área de intervenção marcada a vermelho.	27
Figura 10 – Imagem aérea da área em estudo, o centro histórico e alguma envolvente.	28
Figura 11 – Rua do Largo 5 de Outubro, imagem do ambiente noturno.....	29
Figura 12 – Rua Direita, vista para o Largo da Sé. À direita o Centro Cívico.....	29
Figura 13 – Casa Narciso Costa. Na Rua D. Afonso Henriques.	29
Figura 14 – Antigo Paço Episcopal, em pleno Largo 5 de Outubro, Leiria, com a Sé de Leiria em pano de fundo. (Schreder, s.d.)	32
Figura 15 – Plano de Cristino da Silva aproximado à Avenida Heróis de Angola, 1926. (Correia, 2013).....	35
Figura 16 – Plano de Santa Rita aproximado à Avenida Heróis de Angola, 1926. (Correia, 2013).....	36
Figura 17 – Plano de Lima Franco aproximado à Avenida Heróis de Angola, 1957. (Correia, 2013).....	39

Figura 18 – Planta geral de melhoramentos para a cidade de Leiria, proposta de Lima Franco, Anteprojeto. AMLRA, 2016.....	39
Figura 19 – Plano da Hidrotécnica Portuguesa aproximado à Avenida Heróis de Angola, 1967. (Correia, 2013).....	42
Figura 20 – Área de intervenção, para recuperação dos pavimentos alcatroados da cidade de Leiria, assinalada por Ernesto Korrodi, 1937. AMLRA, 2016.....	44
Figura 21 – Convento de S. Francisco. (Costa L. V., s.d.).....	45
Figura 22 – Vista do Cineteatro José Lúcio da Silva e dos edifícios em construção a Norte, 1975. (Correia, 2013).....	45
Figura 23 – Projeto para o Jardim Público do arquiteto Lima Franco. (Correia, 2013).....	46
Figura 24 – Jardim Público ou Jardim Luís de Camões.....	46
Figura 25 – Jardim Luís de Camões, antigo Jardim público. Postal ilustrado.	46
Figura 26 - Passeio do Marachão, fotografia de 2014 de Preguiça Magazine.	47
Figura 27 – Avenida Heróis de Angola, Gare Rodoviária à esquerda.	47
Figura 28 - Campo Luís I, o lago do Jardim Público. Postal ilustrado.....	48
Figura 29 – Planta da cidade de Leiria aproximada à zona da Avenida Heróis de Angola nos anos 60. (Correia, 2013)	48
Figura 30 – Planta da cidade de Leiria aproximada à zona da Avenida Heróis de Angola, 1938. (Correia, 2013).....	48
Figura 31 – Antigo Palácio Marquês de Vila Real.....	49
Figura 32 – Castelo, Jardim e Coreto, postal ilustrado de princípios do século XX. Postal ilustrado.	50
Figura 33 – Praça Rodrigues Lobo, antiga praça de S. Martinho. Postal ilustrado.....	50
Figura 34 – Palácio dos Marqueses de Vila Real. (Costa L. V., 1989)	51
Figura 35 – Local da atual Caixa Geral de Depósitos.	52
Figura 36 – Teatro D. Maria Pia. Postal ilustrado.....	53
Figura 37 – Teatro D. Maria Pia. Postal ilustrado.....	53

Figura 38 – Secção longitudinal, Banco Nacional Ultramarino. (Correia, 2013)	55
Figura 39 – Planta do piso 1 do Banco Nacional Ultramarino. (Correia, 2013)	55
Figura 40 – Planta do piso térreo do Banco Nacional Ultramarino. (Correia, 2013).....	55
Figura 41 – Alçado, Banco Nacional Ultramarino. (Correia, 2013)	55
Figura 42 – Secção transversal, Banco Nacional Ultramarino. (Correia, 2013)	55
Figura 43 – Filial da Caixa Geral de Depósitos, 1974. Jornal Região de Leiria, 2015.	56
Figura 44 – Planta do piso térreo da antiga Caixa Geral de Depósitos. (Correia, 2013)	57
Figura 45 – Planta do piso 2 da antiga Caixa Geral de Depósitos. (Correia, 2013).....	57
Figura 46 – Planta do piso 3 da antiga Caixa Geral de Depósitos. (Correia, 2013).....	57
Figura 47 – Alçado antiga Sede da Caixa Geral de Depósitos. (Correia, 2013)	58
Figura 48 – Secção, antiga Sede da Caixa Geral de Depósitos. (Correia, 2013)	58
Figura 49 – Secção, antiga Sede da Caixa Geral de Depósitos. (Correia, 2013)	58
Figura 50 – Filial da Caixa Geral de Depósitos, e Fonte Luminosa, Jornal Região de Leiria, 2015.	58
Figura 51 – Casa projetada por Camillo Korrodi.	59
Figura 52 – Secção transversal da habitação coletiva de Ernesto e Camilo Korrodi. (Correia, 2013).....	59
Figura 53 – Alçado principal, voltado para a Avenida Heróis de Angola. (Correia, 2013)....	59
Figura 54 – Alçado lateral, voltado para o Largo 5 de Outubro. (Correia, 2013).....	59
Figura 55 – Fotografia da época da construção. (Correia, 2013)	60
Figura 56 – Planta do piso térreo da habitação coletiva de Ernesto e Camilo Korrodi. (Correia, 2013).....	60
Figura 57 – Planta do piso dois e três da habitação coletiva de Ernesto e Camilo Korrodi. (Correia, 2013).....	60
Figura 58 – Edifício Faria, atual Edifício Garage.	61
Figura 59 – Fachada direita do edifício Garage, voltada para a Avenida Heróis de Angola. .	62
Figura 60 – Fachada principal na atualidade do edifício Garage.	62

Figura 61 – Parte da fachada antiga do edifício Garage. (Costa L. V., 1989).....	62
Figura 62 – Pormenor da fachada do Edifício Garage, do construtor civil, Augusto Romão. (Correia, 2013).....	63
Figura 63 – Estação Rodoviária.	64
Figura 64 – Secção transversal da Gare Rodoviária. (Correia, 2013).....	65
Figura 65 – Alçado da Gare Rodoviária, sobre a Avenida Heróis de Angola. (Correia, 2013)	65
Figura 66 – Alçados do anteprojeto da Gare Rodoviária. (Correia, 2013).....	65
Figura 67 – Alçado voltado sobre a possível localização da nova praça. (Correia, 2013).....	65
Figura 68 – Interior da gare rodoviária. (Correia, 2013).....	65
Figura 69 – Planta do rés-do-chão da Gare Rodoviária. (Correia, 2013).....	66
Figura 70 – Planta do segundo piso da Gare Rodoviária. (Correia, 2013).....	66
Figura 71 – Planta do terceiro piso da Gare Rodoviária. (Correia, 2013).....	66
Figura 72 – Vista a partir do Largo 5 de Outubro. (Correia, 2013)	67
Figura 73 – Paço Episcopal.	67
Figura 74 – Obras efetuadas no edifício do Paço Episcopal. Imagem de João Mascarenhas Mateus, 2011.	68
Figura 75 – Localização do Edifício Banco de Portugal	69
Figura 76 – Secção do Banco de Portugal. (Damásio, 2013).....	69
Figura 77 – Plantas do edifício. (Damásio, 2013)	69
Figura 78 – Secção do projeto para a Sede do Banco de Portugal – Leiria. (Damásio, 2013).....	69
Figura 79 - Alçado principal da Sede do Banco de Portugal – Leiria. (Damásio, 2013)	70
Figura 80 – Planta do piso térreo da Sede do Banco de Portugal. (Damásio, 2013).....	70
Figura 81 – Detalhes construtivos do Banco de Portugal. (Damásio, 2013).....	70
Figura 82 - Pormenor de uma das janelas e do alinhamento que existe na fachada principal. (Damásio, 2013)	70

Figura 83 – Imagem aérea da cidade de Leiria com a área de estudo assinalada a vermelho, corresponde ao Largo 5 de Outubro, antigo Rossio bem com o espaço que contem a Fonte Luminosa.	71
Figura 84 – Fachadas dos edifícios que conferem carácter ao Largo 5 de Outubro, desenho 2D sem escala. (Silva S. M., 2010)	73
Figura 85 – Vista aérea de parte da área de intervenção do Programa Polis, Rio Lis.....	74
Figura 86 – Vista sobre o Largo 5 de Outubro a partir da Praça Goa Damão e Diu.....	74
Figura 87 – Ciclovias e vias de circulação pedonal criados pelo Programa Polis.	74
Figura 88 – Parque dos Mortos, outra das áreas de intervenção do Polis.	75
Figura 89 – Imagem aérea de parte da intervenção do Polis na cidade de Leiria.	75
Figura 90 – O Passeio do Marachão e o Jardim Público, a requalificação das margens do Lis.	75
Figura 91 – Pontes lúdicas e pedonais de travessia do rio.	76
Figura 92 – Acessos aos parques de estacionamento subterrâneos.	76
Figura 93 – Gare Rodoviária.	77
Figura 94 – Fachada da Gare Rodoviária voltada para a praça de táxis.....	78
Figura 95 – Fachada Norte onde atualmente está instalado uma oficina de Renault.	78
Figura 96 – Fachada Sul da Gare Rodoviária, voltada para o Jardim Luís de Camões.	78
Figura 97 – Fachada principal da Gare Rodoviária.....	78
Figura 98 – Vista parcial da fachada norte da Gare.	78
Figura 99 – Acrescento ao Paço Episcopal do arquiteto Carrilho da Graça.	79
Figura 100 – Zona de acesso às salas de cinema Castello Lopes.	79
Figura 101 – Fachada principal do Antigo Paço Episcopal.	79
Figura 102 – Acrescento do Paço Episcopal, Carrilho da Graça.	79
Figura 103 – Fachada principal do Antigo Paço Episcopal.	80
Figura 104 – Piso -1 do edifício de Carrilho da Graça.....	80
Figura 105 – Fachada principal do acrescento de Carrilho da Graça.....	80

Figura 106 – Localização do Edifício Banco de Portugal.....	81
Figura 107 – Pavimento e comércio no atual Largo 5 de Outubro.	81
Figura 108 – Entrada principal, Banco de Portugal.	81
Figura 109 – Largo 5 de Outubro nos anos 20. (Martinho, 2012).....	82
Figura 110 – Largo 5 de Outubro nos anos 80. (Martinho, 2012).....	82
Figura 111 – Largo 5 de Outubro na atualidade.....	82
Figura 112 – Planta da cidade de Leiria do ano de 1809, assinalada a vermelho a ponte dos 3 arcos.....	83
Figura 113 – Imagem aérea de Leiria atual com mancha vermelha da nova ponte, agora com o nome de Afonso Zúquete.....	83
Figura 114 – Novo volume sobre o arco “Garage”.	84
Figura 115 – Farmácia Baptista, Largo 5 de Outubro.	84
Figura 116 – Geladaria World Needs Nata, Largo 5 de Outubro.....	86
Figura 117 – Edifício Zúquete mais a oeste.	86
Figura 118 – Ótica Central, Largo 5 de Outubro.....	86
Figura 119 – Loja Intimissimi, Largo 5 de Outubro.	86
Figura 120 – Edifício Banco de Portugal, Largo 5 de Outubro.....	86
Figura 121 – Vista parcial do edifício “O Paço”, Largo 5 de Outubro.	86
Figura 122 – Pavimento do Largo 5 de Outubro.....	89
Figura 123 – Fonte Luminosa em frente ao Edifício da Caixa Geral de Depósitos, em plena Praça Goa Damão e Diu.	89
Figura 124 – Sede do Turismo, junto da Praça Goa Damão e Diu, com o Jardim Luís de Camões como pano de fundo.	89
Figura 125 – Pormenor dos canteiros e dos percursos existentes no Jardim Luís de Camões.	89
Figura 126 – Planta de pormenor com a proposta de pavimentos a renovar elaborada por Ernesto Korrodi. AMLRA 2016.....	90

Figura 127 – Sobreposição da Carta de 1809 à planta atual (2016). Escala 1:2500.	91
Figura 128 – Sobreposição da planta de Cristino da Silva (1926) à planta atual (2016). Escala 1:2500.	93
Figura 129 – Sobreposição do plano de Fernando Santa Rita (1926) à atual (2016). Escala 1:2500.	94
Figura 130 – Sobreposição do plano de Lima Franco (1954) ao atual (2016). Escala 1:2500.	95
Figura 131 – Planta atual da Cidade de Leiria, aproximada à área de estudo (2016). Escala 1:2500.	96
Figura 132 – Planta com os edifícios da tabela 1 assinalados.	99

INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos cem anos a cidade de Leiria sofreu uma enorme evolução, principalmente na segunda metade do século XX. O arquiteto Ernesto Camillo Korrodi foi um dos principais arquitetos da cidade no início do século XX e teve uma enorme influência a nível arquitetónico não apenas no edificado, mas também no espaço público. Na década de 1930 os planos do arquiteto Cristino da Silva e do arquiteto Fernando Santa Rita, trouxeram novas ideias no desenvolvimento da cidade. Na década seguinte é contratado o arquiteto Franco de Lima para elaborar o Plano Geral de Valorização da Cidade de Leiria.

Este estudo aborda a evolução do edificado, em redor do Largo 5 de Outubro, nomeadamente os edifícios mais importantes não só a nível histórico, mas também arquitetónico, como: Palácio do Marquês de Vila Real e posterior Edifício Zúquete; o Teatro D. Maria Pia e posterior a Fonte Luminosa; o Edifício da Caixa Geral de Depósitos e o Banco Português Ultramarino, que deram lugar a um novo edifício para a Caixa Geral de Depósitos; o Edifício da antiga sede do Banco de Portugal que, mesmo permanecendo ainda nos dias de hoje, já adquiriu outras funções e o Edifício do antigo Paço Episcopal que, em 2008 passou a ter uso comercial.

Com relação urbanística com o Largo 5 de Outubro identificamos: o Edifício Garage, reconstruído e acrescentado recentemente; a Gare Rodoviária e um Edifício habitacional no gaveto da Avenida Heróis de Angola com o Largo Paulo VI, da autoria de Ernesto Korrodi; o atual Jardim Luís de Camões, adjacente ao Passeio do Marachão e ao Rio Lis.

A dissertação desenvolve-se em duas fases. Na primeira, onde se aborda a Mutabilidade e evolução do tecido urbano e os elementos da morfologia urbana, realiza-se um estudo da evolução da cidade ao longo dos anos, no que toca à malha urbana, especialmente os planos propostos para a cidade com o especial destaque para os planos de meados do século XX do arquiteto Lima Franco e da Hidrotécnica Portuguesa.

Após compreender a evolução da malha urbana, importa perceber os elementos da morfologia urbana, ou seja, de forma generalizada, interpretar as ruas, os quarteirões, o edificado e o cadastro.

Na segunda fase entramos naquilo que é realmente a área de estudo, para abordar a evolução histórica e situação atual do Largo 5 de Outubro, com referência aos planos propostos para a cidade, dando especial atenção ao de Lima Franco, e, por fim, ao programa Polis.

São estudados e debatidos os elementos urbanos, as ruas, os quarteirões, e as fachadas, quer na área em estudo, quer na sua envolvente direta. No final é feita uma breve análise ao programa Polis.

O objetivo desta dissertação passa pela realização de uma análise detalhada dos elementos que formam o Largo 5 de Outubro, de forma a perceber quais os elementos que têm maior capacidade de mutabilidade, ou seja, quais são os elementos urbanos que, caso seja necessária uma alteração para que este espaço funcione melhor, terão melhor capacidade de se adaptar a essa mudança.

A norma para citações e referenciação bibliográfica adotada, foi a norma APA.

Capítulo I – EVOLUÇÃO HISTÓRICA

A região de Leiria apresenta, desde a Pré-História Antiga, uma ocupação humana inquestionável que deixou marcas profundas na paisagem. Os vestígios arqueológicos identificados permitem conhecer apenas uma ínfima parte daquelas que terão sido as vivências dos grupos humanos nesta área geográfica. (Leiria C. , 2005)

No local onde se situa o Castelo existem vestígios de ocupação humana com cerca de cinco mil anos. (Leiria C. , 2005)



Figura 1 – Vista parcial do Castelo de Leiria, imagem de Célia Ascenso, 19 de setembro de 2011.

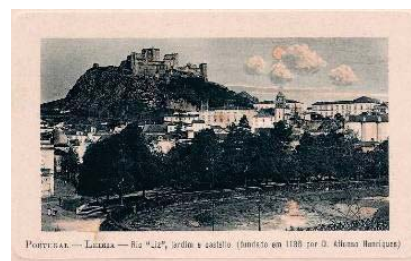


Figura 2 – “PORTUGAL – LEIRIA – Rio Liz, jardim e Castello (fundado em 1185 por D. Afonso Henriques)”. Postal ilustrado.

1.1. A cidade medieval

No século XII, quando D. Afonso Henriques vai viver para Coimbra, são adotadas medidas estratégicas para defender tanto a cidade como os territórios que a envolviam, pois assim conseguia o abastecimento da população que era cada vez maior¹. Em Leiria, a função do Castelo, para além da proteção que oferecia, era potenciar desenvolvimento, tanto a nível social como a nível económico.

¹ “...Afonso Henriques promoveu o povoamento da zona ao criar novos concelhos, eles próprios núcleos fortificados e, mandando construir novas fortificações. Surgiram assim os complexos fortificados de Santa Eulália, Arouce, Miranda do Corvo, Penela, Alvorge, Bera e Ansião.” (Leiria C. , 2005)

O Castelo de Leiria era nesta altura um dos que tinha a função de proteger Coimbra dos sucessivos ataques dos mouros, constituindo um dos imensos postos de controlo mandados construir pelo Rei com essa função específica. (Leiria C. , 2005)

As regiões envolventes ao Castelo começam a crescer. Começam a surgir vários bairros medievais, destacando-se: São Tiago, São Martinho; Santo Estêvão e dos Anjos. A freguesia com mais poder era a que acolhia as classes sociais de elite, uma freguesia amuralhada e onde o Rei tinha o seu palácio com o nome de S. Simão. (Leiria C. , 2005)

O Castelo e a muralha protegiam os bairros que se começavam a formar, nomeadamente o bairro destinado aos funcionários, à casa régia e à nobreza. (Leiria C. , 2005)

A Igreja de São Pedro, construída no século XII, foi edificada num ponto central do plano urbanístico da cidade, perto do pelourinho e de frente para o antigo talho, num espaço onde se realizavam mercados, os quais, mais tarde, se viriam a transferir para junto da zona ribeirinha, atual Terreiro de Leiria. Perto da Igreja existia o Regimento de Artilharia Ligeira 4, o edifício era constituído por três blocos. Um tinha óbvias influências de arquitetura oriental, mais recente, outro de arquitetura ocidental e que serviu como adega e celeiro sendo que mais tarde acabou por ser uma cavalaria. (Leiria C. , 2005)



Figura 3 – Igreja de São Pedro. Fotografia de Pedro Magalhães, out. de 2010.



Figura 4 – Regimento de Artilharia 4. (RAL, s.d.)

O Castelo de Leiria permaneceu como elemento estratégico importante e era, por isso, um ponto sujeito a cobiça em tempos de crise e guerra (Leiria C. , 2005)

No que toca à evolução da urbe medieval², a cidade de Leiria, pela sua localização geográfica, entre Lisboa e Coimbra, surge como importante ponto de comércio, um ponto central também administrativo e jurisdicional. Leiria medieval desenvolve-se entre o Castelo e o rio Lis. O Castelo oferecia proteção ao resto da vila extramuros e protegia-a dos ventos e do frio vindo de norte³. (Leiria C. , 2005)

No século XV a população queixava-se da poluição das águas do rio. Esta poluição devia-se, quer ao facto de as mulheres lavarem lá as suas roupas, quer aos numerosos moinhos e lagares.

Existiam também enormes problemas de higiene e as epidemias eram cada vez mais frequentes. Em 1496, quando os judeus foram expulsos, a população ficou bastante reduzida.

Como já referido anteriormente, o interior das muralhas era ocupado pelos membros da sociedade com maior poder, que habitavam em edifícios junto do Paço Real. No exterior das muralhas o espaço era muito disputado e construção era feita o mais junto possível a esta. Apesar de toda a proteção que as muralhas ofereciam, as indústrias, principalmente as cerâmicas, situavam-se em zona distante, perto do rio Lis. (Leiria C. , 2005)

Com o desenvolvimento da cidade criaram-se salinas e barreiros e a existência dos barreiros contribuiu para o aparecimento das olarias. No entanto, era pouco habitual existirem infraestruturas deste tipo no centro das cidades. Em Santo Estêvão instalaram-se algumas infraestruturas relativamente poluentes e que eram prejudiciais à saúde de quem habitava

² “O bairro de São Tiago, o primeiro a surgir extramuros, desenvolveu-se de forma irregular a Norte do morro do castelo, próximo da Ponte Coimbrã. O bairro de S. Martinho cresceu na várzea sul do referido morro, apresentando uma urbanização em “planta de tipo espinha de peixe”. Para além destes dois bairros, existiriam outros, tais como Santo Estêvão, localizado a Sudoeste do morro castelão, e os que se localizavam entre muralhas, Santa Maria e São Pedro. Estes últimos, por volta de 1498, estariam praticamente despovoados.” (Leiria C. , 2005)

³ Este aglomerado não terá existido por muitos anos, pois apesar dos seus pontos positivos relativos à localização estratégica com proximidade do rio e campos de cultivo, facilitando um acesso ao castelo em caso de ser necessária proteção, existiam pontos menos positivos no que se referia às condições climáticas, com fraca ou quase inexistente exposição solar. (Leiria C. , 2005)

naquelas zonas. Quanto à rede viária desta freguesia, ela foi reduzida, apenas constituída pela rua da Mouraria, atual rua Corredoira. A principal freguesia era a de S. Martinho, centro de comércio da vila, onde se localizava a Sé e a Praça Rodrigues Lobo. (Leiria C. , 2005)

A cidade era essencialmente formada por ruas muito estreitas⁴. As chuvas e as inundações que arrastavam com ela a lama, constituíam um problema ao qual se acrescentava o dos dejetos que eram lançados pelas janelas. (Leiria C. , 2005)

Os quintais eram uma das estruturas que todas, ou praticamente todas, as habitações dispunham, independentemente do estrato social. Era lá que eram plantadas as árvores de fruto. Praticamente todos tinham um poço, os animais, e as fossas. (Leiria C. , 2005)

Um marco importante no dinamismo urbano da cidade de Leiria ocorreu durante o século XVI, com a sua ascensão a cidade e a bispado/ diocese. A diocese é seguida por transformações na sua textura, nomeadamente, a construção da Sé com fachada sóbria e filiada no estilo “Chão”, a demolição da Igreja de São Martinho, com abertura da Praça de São Martinho (atual Praça Francisco Rodrigues Lobo) e a renovação de alguns espaços urbanos de forma a dar um novo “visual” adequado ao seu novo estatuto de cidade.

No século XVI, a estrutura da cidade baixa já se encontrava definida, organizando-se em volta da Rua Direita (eixo principal), cruzada por diversas ruas estreitas, mais ou menos perpendiculares, que favoreciam a exposição solar.

Neste período, séc. XVI, salienta-se a alteração no curso do rio Lis, o seu desvio para Nascente favoreceu a ocupação de terrenos do Rossio, que antigamente eram caracterizados como pantanosos e impossíveis de urbanizar, pelas suas cheias frequentes que arrasavam toda a parte baixa da cidade.

⁴ “Os marcos, ou frades, em pedra que se encontram, ainda na atualidade, em grande parte do centro histórico, constituem um elemento arquitetónico representativo de persistência muito importante para a perceção da malha urbana e da sua evolução. Estes marcos, que delimitam o espaço viário público, teriam provavelmente como função principal a de impedir a apropriação do espaço público pelos privados, e desta forma assegurar a manutenção de corredores pedonais e de circulação de veículos, mercadorias e animais, tendo na sua maioria persistido até aos nossos dias, em particular nas ruas em torno da Rua Direita.” (Leiria C. , 2005)

1.2. A cidade no Século XVIII

Na época em que o movimento dominante era o barroco, foram efetuadas obras por toda a cidade. Uma das principais foi a alteração do curso do rio Lis para evitar as inundações. Também se procedeu ao realinhamento da Praça de S. Martinho. Na planta de 1816 é possível verificar a expansão da cidade extramuros. (Leiria C. , 2005)

Tanto o terramoto de 1755 como as invasões francesas causaram elevados danos tanto no Castelo como na Sé, e estes são momentos que vão de certa forma condicionar a evolução da cidade, dos espaços públicos e dos privados. (Leiria C. , 2005)

1.3. A cidade no Século XIX

As invasões francesas, no início do século XIX, provocaram intensas destruições na cidade de Leiria, tornando a cidade num amontoado de ruínas. Como consequência das invasões, igrejas, conventos e habitações foram incendiados e destruídos, resultando num elevado número de mortes, que reduziu significativamente a população residente. O fenómeno de diminuição demográfica, relacionado com as invasões e também interligado às lutas liberais, provoca um abrandamento no desenvolvimento da urbanização e expansão da cidade, tornando-se mais relevante a reedificação dos edifícios danificados. (Margarido, 1988, p. 71)

Assim, o século XIX caracteriza-se por uma certa estagnação urbanística. Contudo, importantes obras, como a destruição do Palácio dos Marqueses de Vila Real, a encanação da Vala Real (que permitiu a abertura da Praça Francisco Rodrigues Lobo ao Rossio), a construção do Teatro D. Maria Pia, que surge junto ao Convento de Sant'Ana, e, no final do século, o Passeio Público, com inauguração em 1893 no Campo D. Luís I (designado atualmente de Largo 5 de Outubro desde 1910), que nasceu da plantação de choupos que acompanhava as margens do rio. (ALVES, RODEIA, & RODEIA, 2004)

Relativamente à estrutura urbana, no século XIX, não foram relevantes as alterações, sendo apenas mencionados trabalhos de remodelação de fachadas, realinhamentos, retificações e pavimentações de ruas. Leiria tornou-se num aglomerado mais urbano, uma cidade Romântica, novecentista que preserva aspetos dos tempos medievais, concretamente traçados e limites da área urbana. (Margarido, 1988, p. 88).

1.4. A cidade no século XX

Durante o século XX a cidade de Leiria desenvolveu-se nas margens do rio Lis, vindo a beneficiar da abertura da Avenida Heróis de Angola. (Leiria C. , 2005)

Até ao século XIX, a construção da cidade obedece a esta matriz em forma de “espinha de peixe”, fundamentada nos modelos tardo-medievais, não existindo alterações significativas na estrutura urbana. O novo traçado do rio Lis, após a construção da Ponte dos Três Arcos ainda no século XVIII, obriga-o a desviar-se para Este numa curva pronunciada, surgindo assim novos terrenos expostos com a possibilidade de serem urbanizados. Esta intervenção representou um marco importante no processo de urbanização da margem esquerda do rio Lis, no século XX. Contudo, proporcionou uma cisão entre a cidade e o rio, tornando difícil a relação do tecido urbano com o fluxo de água, que atravessa a uma cota muito baixa.



Figura 7 – Rio Lis, a curva do rio perto da Fonte das 3 Bicas. Postal ilustrado.



Figura 5 – Leiria – Um aspeto das margens do Rio Lis. Postal ilustrado.



Figura 6 – Largo 5 de Outubro, Jardim público e o Paço no final do século XIX início do século XX. Postal ilustrado.

De entre as diversas ermidas e os conventos que rodeavam a cidade, junto ao rio, identificavam-se a montante o Convento de Santo Agostinho e de Santana, a jusante o Convento dos Franciscanos e mais distante numa colina a Oeste localizava-se o Convento dos Capuchos. As ordens religiosas, desde a Idade Média, apresentam um papel influente no desenvolvimento agrícola e económico da região, fazendo parte das suas propriedades grande parte dos terrenos e de azenhas ao longo do rio, até ao século XIX, sendo estes bens posteriormente, incorporados na Fazenda Nacional. Este acontecimento proporcionou uma ocasião de crescimento da cidade com novas áreas de urbanização, visível já no século XX.

Antes dos planos de urbanização, na cidade de Leiria, na primeira década do século XX, era evidente um aumento populacional residente, chegando quase aos 4000 habitantes, devido às melhorias das condições habitacionais. A evolução foi demorada, observando-se

lentamente a velha cidade de Leiria a transformar-se sobretudo com o desenvolvimento de arruamentos novos, sendo estes, não só, inspirados pela dinâmica da expansão urbana, mas também pela necessidade de novas vias de circulação. Os tempos modernos manifestavam-se na remodelação dos antigos conventos, como o Convento da Ordem de S. Francisco adaptado a fábrica de moagem, com projeto do arquiteto Ernesto Korrodi. (Costa L. V., 1989, p. 37).

A demolição da velha Ponte dos Três Arcos, iniciou-se em 1902, encontrando-se esta localizada em frente ao Hotel Liz, fazendo parte do troço da E. N. 1. Esta alteração na via levou a um desvio num dos percursos principais do País, de ligação entre Lisboa e Porto, permanecendo por mais de 30 anos. No desenrolar do século, é inaugurada a Ponte Afonso Zúquete, construída nos anos trinta alguns metros a jusante. (Costa L. V., 1989, p. 37)

Em 1903, tiveram também início as obras de demolição do Convento de Sant'Ana e a abertura de duas artérias importantes, a Rua Machado dos Santos e a Avenida Dr. José Jardim, para o desenvolvimento da cidade, com desenho de Ernesto Korrodi. Já a entrar nos anos vinte, protestava-se contra a apresentação das ruínas do Convento de Sant'Ana, uma vez que ao encontrar-se numa zona central da cidade desfiguravam o local. Mencionado como um espaço ideal para a construção de um mercado fechado, para evitar os mercados em praças e largos sem quaisquer condições higiénicas, em 1915, foram cedidos os terrenos à Câmara Municipal para esse fim. Contudo, devido à situação económica do país em época de Guerra Mundial, as obras apenas se iniciaram anos mais tarde, em 1921. (Coelho, 1998, p. 20)

O projeto de Korrodi para o designado Bairro de Santana, baseava-se numa composição “haussmanniana”, ou seja, na criação de grandes avenidas.

A Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, com orientação Nascente/Poente, e a Rua Dr. Correia Mateus, perpendicular à Rua João de Deus e que faz a transferência entre a cota do bairro e a Rua Machado dos Santos por uma escada, representam dois eixos estruturantes na malha de edificado previsto pelo plano.

Esta área de expansão da cidade voltou a ser abordada pelos planos que vieram a ser desenvolvidos mais tarde, e foi necessário mais de meio século para as construções preencherem os espaços previstos em projeto. No entanto, Korrodi marca a sua presença no urbanismo da cidade. Ele é o “maestro” que guia a renovação urbanística da cidade de Leiria nas primeiras décadas do século XX, sendo autor dos mais importantes edifícios públicos, como a Câmara Municipal (1902) inserida na Portela, uma nova área da cidade, onde se inseriram outros equipamentos públicos como o referenciado Mercado Fechado (1921), a Filial do Banco

de Portugal (1923), construída no Largo 5 de Outubro de 1910, designado antigamente de Rossio e o Jardim Público em conjunto com os arranjos do Passeio do Marachão. Para além destes edifícios singulares, Korrodi desenhou um elevado número de edificações habitacionais e de prédios de rendimento que se encontram espalhados por toda a malha urbana. Esta é uma arquitetura eclética que interliga diversos estilos e referências, que vão desde a Arte Nova à Arte Déco⁵ e do Revivalismo Barroco ao Maneirista, transparecendo sempre uma arquitetura sóbria que incorpora um relacionamento equilibrado entre a forma e o ornamento. (Correia, 2013, p. 71)

1.4.1. Plano Geral de Melhoramentos e Modernização da Cidade de Leiria

No ano 1926, nasce a ideia de efetuar um concurso para elaboração de um Plano Geral de Melhoramentos e Modernização da Cidade de Leiria, resultado de um diploma aprovado em 1865 e que vigoraria até 1934. Este plano deveria incidir sobre o traçado das ruas, praças e jardins, sendo estabelecidas regras obrigatórias de alinhamentos de edifícios e as características das vias, largura mínima de 10 metros e o máximo declive de 7%, de forma a garantir boas condições de circulação automóveis e pedonais. A intervenção teria de ter ainda em atenção a malha urbana medieval, apropriando-a a princípios higiénicos e de salubridade, refletindo-se na regulamentação sobre o estabelecimento de cêrceas, sendo que os projetos deveriam corresponder às condições de luz, ventilação, abastecimento de água e drenagem dos esgotos. (Lôbo, 1995, p. 17).

Em resposta ao concurso lançado pela Câmara Municipal, foram entregues dois planos para avaliação por parte do júri, um do arquiteto Luís Cristino da Silva e outro de Fernando de Barros Santa Rita. (Cabral, 1975, p. 340)

O arquiteto Luís Cristino da Silva, no ano anterior à apresentação da sua sugestão para a cidade já tinha projetado o Capitólio, mas a sua primeira incursão por urbanismo só se realiza

⁵ “O «art déco» foi assim um processo artístico dos «anos loucos» de 1920-30, com conotação simultaneamente algo conservadora e modernizante (apelando sincreticamente a valores de composição ou de monumentalidade tradicionalista, mas ao mesmo tempo, recorrendo a um desenho e a uma temática renovadoras) e através do qual se caldearam pouco a pouco os valores modernos que iam sendo propostos por uma Bauhaus ou por um Le Corbusier” (Ibidem, p. 52)

com o Plano de Melhoramentos e Modernização de Leiria. Quando regressa a Portugal, no ano de 1929, Cristino e Korrodi lideram uma comissão para o projeto de Urbanização da Cova de Iria, orientando os jovens arquitetos José de Lima Franco e João António Aguiar neste mesmo projeto. Estes dois últimos arquitetos acabam por se afirmar como urbanistas no contexto de Planos Gerais de Urbanização realizados na época do Ministro Duarte Pacheco. Mais tarde, na década de quarenta, Lima de Franco passa a ser responsável por um plano de urbanização para a cidade de Leiria.

Fernando Santa Rita, viria a colaborar com o arquiteto Korrodi e a ser solicitado a chefiar a Comissão Técnica e de Estética da Câmara Municipal de Leiria no ano de 1926.

O relatório e parecer para a classificação dos dois planos a concurso do Plano Geral de Melhoramentos da Cidade de Leiria, teve a sua aprovação a 21 de outubro de 1926. Ambos os planos não respondiam às condições propostas pelo programa base do concurso, sendo estas reprovadas pelo júri, presidido pelo arquiteto Korrodi. A decisão mereceu destaque na imprensa local. Contudo, reconhecia-se que os planos transpareciam bom gosto e estudo, completando-se um ao outro. Deste modo, Fernando Santa Rita foi encarregado de adaptar as duas propostas às condições económicas da cidade leiriense, com mais enfoco na parte mais antiga e, por isso, mais característica. Pretende-se que o desenvolvimento de construções novas, obedeça ao alinhamento do projeto elaborado. (Cabral, 1975, p. 341)

A revisão dos estudos, articulando as propostas a concurso demorou alguns anos a ser realizado. Assim, quando se pretendia construir ou reconstruir edificações era necessário obter o prévio parecer da Comissão Técnica e de Estética, a qual menciona o plano de Santa Rita como referência para os alinhamentos das novas construções.

No ano de 1938, nascem duas propostas desenhadas que apresentam as idealizações dos Planos de Melhoramentos e Modernização. Enquanto chefe Técnico da Câmara Municipal, Camilo Korrodi assina e carimba a segunda planta que propõe a urbanização da Quinta dos Charters D'Azevedo, localizada em face com o Largo do Município, o desenvolvimento e abertura de várias ruas a Norte, aproximando-se da forma que viria adquirir a Av. Heróis de Angola, e a regularização dos itinerários na proximidade do Bairro de Santana, entre outras propostas de alteração/urbanização. (Correia, 2013, pp. 83-85)

Passaram cerca de 20 anos, entre o desenrolar do concurso para o Plano de Melhoramentos e Modernização até à determinação de empregar um arquiteto urbanista para traçar o Plano Geral de Urbanização. Durante o decorrer destes anos, o crescimento da cidade

de Leiria era visível em obras de construção de pequenas dimensões, expansão e aformoseamento das mesmas, sendo de importante destaque o desenvolvimento da estrutura urbana da cerca do Convento de Sant'Ana, onde surgem edificações mais atraentes e programas importantes para a atualização e modernização de Leiria. Nesta área são projetados o desenvolvimento do Mercado Municipal, a sede do Banco Nacional Ultramarino, em 1929, as edificações da Caixa Geral de Depósitos, entre 1940 e 1942, e por fim os Correios, em 1946. (Margarido, 1988, pp. 109-112)

Os dois planos apresentados de Melhoramentos e Modernização, incidem na construção de um Parque Municipal, ao longo da margem direita do Rio Lis. O desenvolvimento deste novo local de lazer e verde da cidade de Leiria resulta de um projeto delineado entre Ernesto Korrodi e o seu filho Camilo, sendo exposto em 1930. Assim, foi projetado para a área balneários, uma piscina, um teatro ao ar livre e um campo de ténis e um conjunto de elementos arquitetónicos, influência das primeiras obras modernistas. (ALVES, RODEIA, & RODEIA, 2004)

A necessidade de urbanização de espaços rurais levou à construção de novas vias. Algumas delas pisaram os antigos caminhos rurais, outras desenvolveram-se ao longo dos até então designados de terrenos agrícolas, sendo estas criadas com o objetivo de criar novas artérias, que promoveriam as ligações entre as povoações e a cidade. (Margarido, 1988, p. 88)

Nos anos quarenta, a Av. Marquês de Pombal, construída em 1931, é expandida e passa a adquirir uma largura de 20 metros totais, tornando-se na maior da cidade. Na década de 1930 foram realizadas outras obras de desenvolvimento de novas vias, destacando-se o prolongamento da Av. dos Combatentes até à Rua de Alcobaça e da Rua Francisco Pereira da Silva até à estrada da Barreira em 1933. Nesta década, com a destruição de edifícios a Nordeste do Jardim Público, devido a questões de higiene e apresentação da cidade, promoveu-se o alargamento da designada Praça das Sardinhas. (Cabral, 1975, p. 342)

Em 1940, decorrem ao mesmo tempo as Exposições do Mundo Português, em Lisboa, e a Exposição Distrital de Leiria, sendo este um importante marco da cidade, demonstrando ao país a sua aptidão no planeamento de eventos de grande envergadura, aproximando-se da cidade cosmopolita.

A coordenação dos projetos que se encontravam distribuídos pela área do Jardim Municipal e por parte da chamada Praça das Sardinhas foi desempenhada pelo arquiteto António Varela. Devido a este novo desenho, foi necessário alterar o desenho jardim,

nomeadamente os canteiros. Ernesto Korrodi e o seu filho Camilo ou o arquiteto Fernando Santa Rita poderão ter contribuído para a realização desta exibição, marcando um momento de charneira na arquitetura, entre apresentações do primeiro modernismo e a Arte Déco com os projetos, dos anos quarenta. (Coelho, 1998, p. 176)



Figura 8 – Exposição Distrital de Leiria, entrada principal. Imagem de 1940. (MLisboa, 2013)

1.4.2. Plano Geral de Urbanização

À data de apresentação do Plano Geral de Urbanização, no final da década de 1940, eram ainda muitas as obras que se encontravam por realizar previstas no Plano Geral de Melhoramentos da Cidade de Leiria, que resultou do concurso realizado em 1926. Uma das maiores obras de expansão de Leiria foi o designado Bairro de Santana, um marco forte da estrutura urbana de Leiria, envolvendo-se na malha histórica que lhe foi ajustada e regularizada para acolher o modernismo, levando ao crescimento mais a Sul, da área envolvente à Av. Dr. José Jardim.

À semelhança de outras cidades e vilas de Portugal, Leiria desenvolveu o Plano Geral de Urbanização, tendo este sido impulsionado pelo Ministro das Obras Públicas do Estado Novo, Duarte Pacheco.

Para a realização do Plano Geral de Urbanização da cidade de Leiria foi contratado o arquiteto Lima Franco. Esta decisão de desenvolver este plano encontra-se datada de 1935. Contudo só dez anos mais tarde foi contratado o arquiteto supracitado. Foi-lhe entregue o projeto de construção de um bairro com cerca de 150 casas para famílias mais carenciadas, uma vez que o município de Leiria decide comprar terrenos junto à Estrada da Estação, em Almoínhas, em 1947.

No ano de 1945, Lima Franco inicia um esboço do plano que termina após dois anos, sendo exposto esse antepiano em 1948. Este é um momento em que está no auge o planeamento urbano, com o desenvolvimento de diversos estudos de antepianos de urbanização.

O relacionamento estabelecido entre Lima Franco e a Câmara Municipal de Leiria apresenta-se difícil e o procedimento para a inspeção do plano arrasta-se por mais de dez anos, com a exposição de um plano alterado já em 1958, e outro datado de setembro de 1962. Estes planos foram apresentados já fora dos prazos afixados, o que levou a uma rescisão do contrato. Apesar da aprovação do Antepiano da cidade, uma vez que este reunia as condições de base para servir o estudo definitivo, o mesmo não aconteceu com as revisões efetuadas *à posteriori*, sendo estas recusadas pelas entidades municipais (apenas aprovados planos parcelares). (Cabral, 1975, p. 352)

1.4.3. O Plano Diretor da Cidade de Leiria

Em nome da Hidrotécnica Portuguesa, o Eng.º Civil José Beja Neves apresenta a proposta de realização de um Plano Diretor da Cidade e um Plano de Valorização da zona do Rio Lis, sendo este aceite e aprovado em reunião camarária, à data de 1964. Desta proposta faziam parte, em conjunto com o engenheiro, o professor Manuel Costa Lobo, o paisagista António Viana Barreto e os arquitetos Leopoldo Castro Neves de Almeida e Fernando Gomes da Silva.

Só à data de 1970 é aceite o Antepiano de Urbanização da cidade de Leiria, num traçado que incluía algumas localidades vizinhas, entre as quais, os Marrazes, Marinheiros, Parceiros, Gândara dos Olivais ou Telheiro. Mas, este plano apenas delineia as artérias de grandes dimensões e locais programáticos, deixando alguns locais para criar bairros, como é exemplo os Capuchos, a Quinta da Matinha, os lotes do Telheiro e da Quinta da Carvalha em Parceiros. São de salientar as ocorrências no Largo 5 de Outubro, uma vez que foram colocados monumentos ao Papa Paulo VI e aos Heróis do Ultramar sendo ainda criada a fonte Luminosa no ano de 1973. Nesta altura era principalmente preocupante o surgimento de bairros nas periferias da cidade de Leiria. Verificava-se, na década de 1960, um grande crescimento económico e industrial, que permitiu alterar em Leiria o seu estado de cidade província. Assistia-se ao surgimento de classes sociais com maior poder económico, capazes de investir,

o que combinado com as regularizações do uso do solo e a forte procura, permitiram uma modernização da morfologia urbana da cidade (Costa L. V., 1989, p. 59).

1.5. Localização da área de estudo

Leiria situa-se na Estremadura a 39° 47' 7" de latitude Norte, a 0° 18' 8" de longitude Este de Lisboa e a 113m de altitude (castelo). (Margarido, 1988, p. 25)

A cidade, local de passagem entre os mais importantes aglomerados populacionais do país, o Porto, a norte e Lisboa, a sul, encontra-se relativamente próxima de Coimbra.

A posição da cidade de Leiria é um dos elementos principais que concorre para o seu crescimento e desenvolvimento; o centro urbano é um importante nó viário. Aí se cruzam as E. N. nº 1 – a mais importante estrada nacional – e as E. N. nº109, nº 242 e nº 113. A E. N. nº1 passara outrora pelo centro da cidade, contudo hoje, a ligação entre a cidade e esta estrada é feita por uma via de acesso, canalizando-se, deste modo, o tráfego para a periferia. Este facto trouxe o descongestionamento do próprio tecido urbano. (Margarido, 1988, p. 25)

O Largo 5 de Outubro como ponto central deste estudo, localiza-se junto ao Jardim Luís de Camões, na margem esquerda do Rio Lis. Entre o Largo e o Jardim existe uma rua, a Rua do Largo 5 de Outubro, e que é importante na medida em que, para além de ser o local a partir do qual foi rasgada a Avenida Heróis de Angola, é também um dos únicos pontos de acesso à Rodoviária e aos principais eixos viários referidos anteriormente.

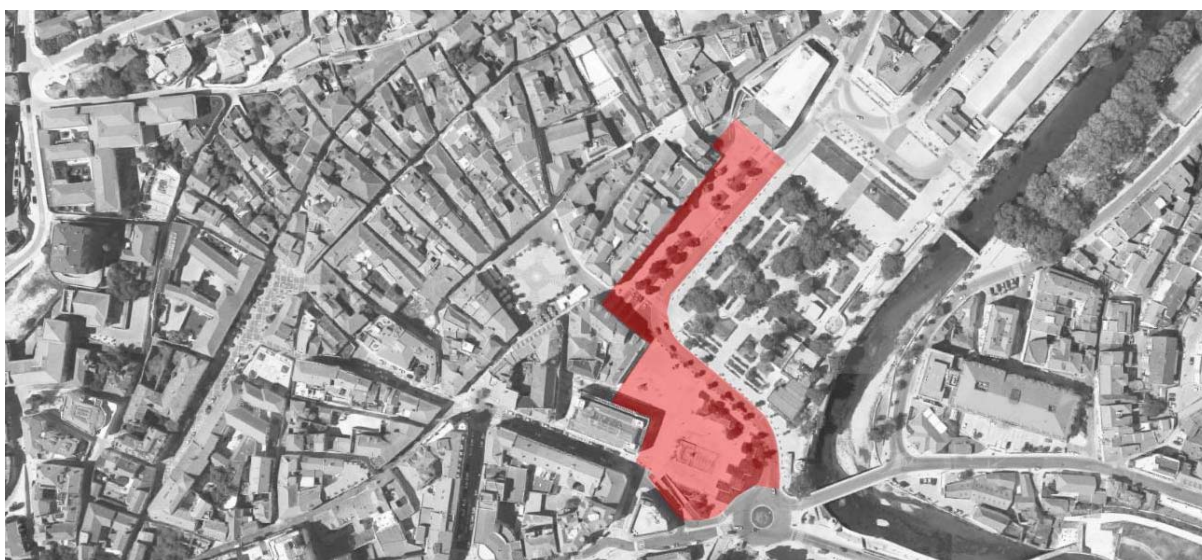


Figura 9 – Área de intervenção marcada a vermelho.

2.1. Elementos da morfologia urbana

A palavra morfologia é usada quando abordamos o exterior de uma certa forma ou objeto. O termo morfologia urbana não pretende dar a conhecer os volumes pelo qual é composto o espaço urbano, mas sim o espaço que fica entre esses volumes, como se o negativo fosse realmente o ponto forte e importante para a resolução de problemas. (Lamas, 2014, p. 37)

O estudo da morfologia urbana do Largo 5 de Outubro e do território envolvente próximo, ajudaram-nos a compreender as transformações ocorridas ao longo do tempo.



Figura 10 – Imagem aérea da área em estudo, o centro histórico e alguma envolvente.

2.1.1. A rua

A rua é um dos elementos mais nitidamente identificável da morfologia urbana. Esta tem a funcionalidade de interligar os diversos espaços da cidade, regularizar a apresentação de edifícios e quarteirões, assentando num suporte geográfico pré-existente. A rua constitui elemento morfológico nos diversos níveis e escalas urbanas. Na perspectiva de Poète, Lavedan (1885-1982) e Tricart, (1920-2003) o traçado das ruas tem um carácter permanente, que lhe permite permanecer imutável durante as transformações urbanas. Assim, é ainda possível, nos dias de hoje, identificar alguns traçados antigos, nomeadamente romanos, em cidades

européias. A relação mais direta entre a cidade e o território é o traçado, que segundo Poète, o traçado ou a rua interrelacionam-se claramente com a expansão e desenvolvimento da cidade de forma hierárquica, conforme a relevância funcional do percurso, deslocação e a mobilidade das pessoas, ideias e/ ou bens. A rua dos peões, a travessa, a avenida ou via rápida apresentam uma ligação com as hierarquias dos traçados ou das escalas da configuração urbana. (Lamas, 2014, pp. 98-100)

Uma das três ruas primordiais do centro histórico de Leiria é a Rua D. Afonso Henriques, com início no Largo Cândido Reis, Terreiro, e que vai até à Travessa Pero Alvito. Apresenta habitações reconstruídas, escritórios, a hospedaria Lusitana o Pátio do Barrão, reconstruído em 1992, e a casa Narciso Costa⁶ onde viveu o professor Narciso Costa (1890-1969), situada no cruzamento com a rua Fernão de Magalhães. (Eirena, 2011)



Figura 13 – Rua do Largo 5 de Outubro, imagem do ambiente noturno.



Figura 11 – Rua Direita, vista para o Largo da Sé. À direita o Centro Cívico.



Figura 12 – Casa Narciso Costa. Na Rua D. Afonso Henriques.

As ruas mais largas correspondem também às mais importantes e por onde, necessariamente, circula maior número de peões. As ruas paralelas àquela que é uma das ruas mais conhecidas, a Rua Barão Viamonte, mas mais conhecida como Rua Direita, são mais estreitas que as que lhe são perpendiculares, no entanto, não é condição para a anulação de circulação de trânsito automóvel em pelo menos um dos sentidos.

⁶Atualmente, a casa do artista apresenta um grande estado de degradação, lamentavelmente, pois apresenta um belíssimo sobrado com um varandim, de caras para o “Terreiro”.

Da mesma forma que acontece com outras ruas Direitas, esta de Leiria, representa um elemento crucial, uma vez que apresenta uma ligação direta entre o Largo da Sé e o Terreiro. As ruas que se unem em forma de espinha de peixe à Rua Barão Viamonte, e que estão viradas para Sul, tem uma configuração diferente das voltadas para Norte. (Margarido, 1988, pp. 59-61)

Como terceira e não menos importante, temos a Rua do Comércio, uma rua que termina na Praça Rodrigues Lobo. Trata-se de uma rua bastante pequena, mas que liga um pequeno largo onde existe uma estátua em homenagem a Afonso Lopes Vieira, à Praça.

O desenvolvimento do traçado do centro histórico foi forçado pela própria topografia. Deste modo, as ruas que se erguem na direção das muralhas sobem por volta de 20 metros, sendo assim estreitas, e por vezes, sinuosas (como por exemplo as ruas do Aljube Velho, ou a escadaria na Rua do Pelourinho). (Margarido, 1988, pp. 61-64)

A rua do Largo 5 de Outubro, funciona paralelamente às anteriormente referidas. É uma rua vital para a cidade na medida em que acaba por ser um dos pontos de acesso automóvel à cidade, apesar de, cada vez mais, se querer dar prioridade ao peão nesta rua. Acaba por ser também o local de acesso à Avenida Heróis de Angola onde se localiza a Gare Rodoviária. A rua é ladeada pelo Jardim Luís de Camões e o Rio Lis, já do lado oposto podemos encontrar o Largo, onde aliás existem edifícios de grande importância arquitetónica.

2.1.2. O quarteirão

Podemos chamar de quarteirão tanto a um espaço que é delimitado por zona contruída com redes viárias em sua volta, como ao espaço vazio, mas que se desenvolve segundo as redes viárias já existentes noutros quarteirões adjacentes. O quarteirão não é um elemento autónomo do espaço urbano, é delimitado pelos cruzamentos e para além de ser definido pelas vias, pelos lotes e pelos próprios edifícios, é também definido por elementos, por vezes, com menor escala, mas não menos importantes, os espaços públicos. (Lamas, 2014, pp. 88-94).

As cidades são um património dinâmico da qual surgem relações entre os seus espaços e as pessoas que usufruem deles. O afeto criado com a cidade traduz-se num sentimento de pertença nessas mesmas relações que é colaborante e solidário e, portanto, fortalece as identidades. Os locais de irradiação dos eixos de expansão da cidade são sempre uma matriz

que dignifica a região, pois, são normalmente centros que garantiram a riqueza e subsistência durante vários períodos da História. Podemos observar esta relação nos dias de hoje com o Castelo e com o Centro Histórico, que se desenrolou a partir da velha Praça de S. Martinho, atual Praça Rodrigues Lobo, onde encostava a judiaria e o bairro cristão. Assim se desenvolveu a vila, ao longo da zona baixa, que justificou, anos mais tarde, a sua ascensão a diocese e a cidade. (Leiria C. , 2005)

Ao nível da escala de bairro ou dimensão urbana, os traçados, quarteirões, monumentos, jardins e as áreas verdes compõem os pontos morfológicos possíveis de identificar. O movimento é uma necessidade no entendimento da cidade e à ligação das diversas partes urbanas (Lamas, 2014, p. 110).

2.1.3. O cadastro

O cadastro pode ser entendido como a junção daquilo que é o edificado com o lote.

Existe uma relação direta entre tipologia edificatória e morfologia urbana, isto porque o espaço urbano é caracterizado, em parte, pela edificação e da maneira com ela se relaciona uma com a outra. Estes dois termos funcionam sempre lado a lado pois a imagem de uma cidade é caracterizada pela tipologia edificada, mas ao mesmo tempo, a tipologia edificada condiciona a imagem ou forma da cidade. (Lamas, 2014, pp. 84-86)

O lote é um elemento essencial que estabelece o relacionamento entre o edifício e o solo. Já no termo urbanização está implícito parcelamento, quer a subdivisão de parcelamentos rurais, quer da imposição de novas parcelas cadastrais. (Lamas, 2014, p. 86)

Pode assim concluir-se que o cadastro é o edifício e o lote onde este se implanta que por sua vez condiciona o quarteirão e o desenho da cidade.

2.1.4. As fachadas

A relação do edificado com o meio urbano é conseguida pelas suas fachadas, dispostas entre duas empenas. Cada edifício apenas apresenta, em regra, uma fachada de comunicação, que define os espaços urbanos. Esta apresenta o seu valor devido à localização hierárquica que o lote ocupa no quarteirão, sendo esta uma situação presente nos tipos de habitações, ocorrendo raras exceções quando o edificado se localiza entre um quarteirão ou no meio de um lote vasto.

É através das fachadas dos edifícios que são expostas as suas características distributivas, incluindo a organização, o programas e a função, as particularidades e aspeto arquitetónico, nomeadamente a expressão estética, a época e o estilo, sendo estes um agrupado de elementos que espelham o reflexo da cidade. (Lamas, 2014, pp. 95-96)

As fachadas dos edifícios que rodeiam o Largo 5 de Outubro, mantêm, geralmente, a sua expressão original no que se refere à edificação existente e construída ao longo do século XX, constituindo exceção o edifício dos Charters de Azevedo, que foi demolido e substituído por um novo edifício habitacional provavelmente desenhado por Raul Lino. Para além deste, também o edifício do antigo Palácio dos Marquês de Vila Real, agora dividido em dois e tendo sido demolido em 1884 para nova construção nos mesmos lotes de dois edifícios, sendo ambos para a família Zúquete e ambos seguem a mesma linguagem arquitetónica e as fachadas conterem elementos idênticos.

2.1.5. As construções

As construções existentes remontam ao século XX, com estruturas, praticamente em todos os casos, em alvenaria de pedra, fundações pouco solidas a agravar a abertura dos novos estacionamento subterrâneos em 2008.

É importante relembrar, e falando ainda das fundações que influenciam a construção em geral, que em tempos, o terreno onde hoje se localiza o Largo 5 de Outubro bem como os edifícios que o rodeiam, eram pantanosos e, portanto, muito pouco estáveis devido às sucessivas enchentes e transbordos do rio. Após terem sido efetuadas alterações no percurso deste, as inundações foram praticamente anuladas permitindo que o solo ganhasse alguma consistência e fosse possível construir lá.



Figura 14 – Antigo Paço Episcopal, em pleno Largo 5 de Outubro, Leiria, com a Sé de Leiria em pano de fundo. (Schreder, s.d.)

2.1.6. Os logradouros

O logradouro representa uma área privada do lote, que não se encontra preenchido com construções. É uma área privada, isolada da área pública, por edifícios contínuos. Este resulta dos acertos dos lotes, das geometrias que os mesmos ocupam, considerados resíduos, na cidade tradicional. Ao longo de várias épocas teve com funcionalidades as hortas e os quintais, as oficinas, garagens, anexos, etc. A utilização do logradouro é o que permite o crescimento das malhas urbanas, nomeadamente, densificação, reconstrução e ocupação. A partir deste  possível acolher diversas atividades que não são possíveis de realizar noutras áreas da cidade, oferecendo, deste modo, ao solo alterações e intensificações do seu uso. É pelo uso e traçado do logradouro que se realiza, parcialmente o crescimento das configurações urbanas desde o quarteirão até ao bloco. Segundo José Lamas, o logradouro não é um elemento morfológico autnomo, mas sim um suplemento residual, uma área oculta (não habitacional e que não é utilizada para o traçado dos espaços públicos). Esta rea modesta é um grande atributo na morfologia da cidade tradicional, contribuindo para a evolução da mesma. (Lamas, 2014, p. 98)

Todos os edifícios do Largo 5 de Outubro, com exceção ao edifício do Paço tal como o edifício de esquina e que d de costas para a entrada da rodoviária, possuem pequenos logradouros, atualmente impermeabilizados.

Capítulo II - LARGO 5 DE OUTUBRO

2.1. A Evolução da Cidade de Leiria ao longo do século XX

Durante o século XX a cidade de Leiria passou por um grande processo de transformação. Tal como verificamos anteriormente, Cristino da Silva (1896-1976) e Santa Rita (1881-1976) foram os arquitetos a apresentar propostas urbanísticas para a cidade, em resposta a um concurso lançado pela Câmara Municipal.

Desenhámos seguidamente uma descrição pormenorizada dos vários planos que modelaram a cidade.

2.1.1. O plano de Cristino da Silva

Cristino da Silva estudou em França e foi extremamente influenciado pelo que lá vivera, desenhou um plano para Leiria baseado num urbanismo formal que vai de encontro ao movimento “*city beautiful*”. (Correia, 2013, p. 75)

A proposta apresentada pelo arquiteto abrange todo o território, alterando em muitos dos casos as topografias, visto que a cidade de Leiria se situa num local bastante acidentado e descartando algumas pré-existências ao longo de traços viários bastante grandes. O arquiteto destaca desde logo alguns dos edifícios que para ele são os mais importantes não só a nível histórico, mas também para a vivência na cidade e cria o seu traçado com vista a valoriza-los, desvalorizando, em contrário, a malha urbana medieval e as ruas já existentes a norte da cidade, a área para onde se pretendia que Leiria crescesse. Com base naquilo que vivera em França, o arquiteto desenha para o centro histórico um plano à imagem de Haussmann para Paris fazendo da Rua direita uma avenida, abrindo novas ruas a partir desta, eliminando outras, redesenhando a malha urbana para criar quarteirões mais organizados de maneira a reparar o problema da higiene e de salubridade que tanto preocupavam a população. (Correia, 2013, p. 75)

O plano deste arquiteto elaborado para a cidade de Leiria prevê a expansão da cidade tanto para norte, em direção aos terrenos do Convento de S. Francisco, como para sul, até perto do morro do Santuário de Nossa Senhora da Encarnação. Neste plano é também incluído o

plano desenhado por Korrodi para o Bairro de Santana, e é através dele que traça os eixos para definir a métrica da nova urbanização. (Correia, 2013, p. 75)



Figura 15 – Plano de Cristino da Silva aproximado à Avenida Heróis de Angola, 1926. (Correia, 2013)

A norte, sendo o Convento de S. Francisco um edifício tão importante, foi definida a partir dele, a malha ortogonal. Através dessa malha e das direções tomadas em relação ao Convento, surgem os quarteirões, lado a lado, sem praticamente interrupções, com exceção na chegada à praça localizada em frente do convento, neste local, reina um vazio. Esta praça é delimitada por construção habitacional a nascente, e rematada por duas vias de grande dimensão a poente. O desenho da Avenida Heróis de Angola, surge de um traçado desenhado também pelo arquiteto e que acompanha o leito do rio, conseguindo assim a articulação entre as duas matrizes urbanas. Apesar de mais tarde vir a adquirir o nome de Avenida Heróis de Angola, esta via desenhada pelo arquiteto não possuía exatamente a direção da atual via. (Correia, 2013, pp. 75-77)

No que toca ao lado sul, a outra zona de expansão, foi desenhada para ela uma grande alameda que, a certo ponto, dá de frente para o Santuário de Nossa Senhora da Encarnação, assumindo a direção da escadaria, e, por isso, este Santuário, tal como a pequena igreja, vão ser valorizados neste plano.

O território a urbanizar foi completamente alterado, começando pela deslocação da praça de touros para poente e, no seu antigo local, surge uma rotunda que evolui para via e que envolve o morro da colina onde esta se localizava. O arquiteto resolve fazer uma experiência baseada na simetria de maneira que tudo converge para a enorme rotunda circular e onde são distribuídas, de forma hierárquica, as várias vias.

A nascente, o arquiteto Cristino da Silva, desenha o Parque Público, junto da margem do Lis, expandindo assim o plano até ao cemitério, cemitério esse que acaba por ser a origem

da orientação dada pelo arquiteto para os arruamentos que ligam um espaço a outro. (Correia, 2013, p. 77)

2.1.2. O plano de Santa Rita

Fernando Santa Rita nasceu e viveu em Leiria. Como tal, conhecia o território e as vivências como nenhum dos outros arquitetos, que se apresentaram a concurso. Este é um fator que vai influenciar o desenho do arquiteto urbanista, que teve uma atitude não tão impositiva como a de Cristino da Silva, respeitando a topografia e as pré-existências apesar de intervir na malha medieval, mas ao mesmo tempo respeitando sempre os princípios higienistas presentes nos planos do início do século.

Santa Rita estuda a movimentação das pessoas na cidade, tal como os percursos mais e menos utilizados de maneira a que ao traçar as novas vias no seu plano e elas coincidirem com as antigas mais utilizadas, pudesse obter maior eficácia e assim o plano seria rapidamente o escolhido. (Correia, 2013, pp. 78-79)



Figura 16 – Plano de Santa Rita aproximado à Avenida Heróis de Angola, 1926. (Correia, 2013)

As ruas do centro histórico vão sofrer várias reformulações para que estas possam ter melhor arejamento e exposição solar. Para esta reformulação era também importante a redefinição dos quarteirões através do preenchimento dos seus vazios, desta forma, segundo Santa Rita, o espaço público ficaria definido. Também a Praça Rodrigues Lobo é alvo deste arquiteto na medida em que este pretende regularizar a sua geometria retangular, cercada por edifícios com arcadas à semelhança das que já existiam a poente.

Santa Rita não define um limite claro para a sua intervenção, ao contrario de Cristino da Silva também não se nota clara diferenciação das ruas de forma a saber automaticamente qual é mais importante pela sua dimensão (largura), não existe também a rotunda como culminar de vários eixos desenhados com base na grande composição geométrica que Cristino

da Silva tinha em todo o seu plano, sendo mesmo a base para todo o desenho. (Correia, 2013, pp. 78-79)

Ao contrário de Cristino da Silva, Fernando Santa Rita reprova os planos de expansão alemães apoiados na sua métrica rígida apoiada em problemas que, à partida seriam de maior importância, como o tráfego automóvel e as infra-estruturas robustas e pondo ainda para segundo plano o impacto paisagista e ambiental que tal intervenção possa trazer bem como a “...vivencia das pessoas que habitam as cidades.” Segue, portanto, as ideias que Camillo Sitte escreve nos seus tratados e que acaba por pôr em prática no desenho que faz para Marienberg, apoiada numa arquitetura e construção de inspiração medieval.

Santa Rita desenha então para Leiria um plano apoiado não na geometria rígida, mas sim na forma orgânica que esta pode adquirir. Melhor dizendo, trata-se de um plano baseado nas “*sequências construídas organizadas de modo orgânico, assimétrico e variado, explorando as particularidades do terreno*” (Lamas, 2014, p. 249).

Posto isto, e sendo o arquiteto leiriense um seguidor da obra escrita e desenhada de Sitte, este acaba por partilhar desta ideia de Sitte para a zona envolvente à Câmara Municipal que, apesar de ainda distante do centro histórico, acaba por ser uma zona com elevada importância histórica e também ela uma das zonas mais antigas da cidade. Este edifício é também o único que acaba por ter destaque pelo arquiteto Santa Rita, que, presente tal obra, acaba por se enquadrar perfeitamente nas vias que acabam por ter como ponto focal o largo desenhado em frente da fachada deste edifício. (Correia, 2013, pp. 79-81)

O plano de Santa Rita, à semelhança do apresentado pelo arquiteto Cristino da Silva, prevê a expansão urbana para norte, acima do Largo 5 de Outubro e do Jardim Luís de Camões, onde viria mesmo a ser desenvolvida a Avenida Heróis de Angola, desenvolvimento esse que termina já em terrenos do Antigo Convento de S. Francisco. Além disso, e também à semelhança do seu concorrente, este prevê também a expansão a sul. O Plano para o Bairro de Santana elaborado por Ernesto Korrodi, está presente nos planos dos dois arquitetos como um dado adquirido. Porém no plano de Santa Rita é notória a diferenciação entre dois estilos de desenho, o do arquiteto e o de Ernesto Korrodi, na medida em que o de Santa Rita se tenta adaptar ao terreno baseando-se no desenho das grandes avenidas e rotundas.

Ambos os concorrentes desenhavam para a margem direita do rio, um parque municipal, que se inicia no Bairro dos Anjos, para jusante, até à zona de arranjos da envolvente, dando-lhe continuidade, junto ao rio. De forma contrária pensou este arquiteto quando se deu a

possibilidade de redesenhar o planalto do cemitério, pois, o plano de Santa Rita não inclui esse pedaço da cidade resolvendo deixá-la tal como se encontrava. (Correia, 2013, p. 81)

2.1.3. O plano de Lima Franco

O arquiteto começa a estudar o anteprojeto com base nos elementos fornecidos pela Câmara Municipal de Leiria. Um dos documentos fornecidos consiste num inquérito feito aos moradores, e, como tal, revela as características e necessidade da cidade, onde os responsáveis pela elaboração deste documento, dão a conhecer Leiria a nível económico, industrial e sociocultural e onde o principal problema referia-se ao tráfego rodoviário. São elaborados um conjunto de traçados alternativos de forma a retirar o trânsito da cidade, devido às ruas estreitas e aos inúmeros cruzamentos. É possível ler ainda nesse relatório que existe a preocupação ou necessidade de criação ou de melhoramento de vários equipamentos, tais como uma estação de camionagem, o mercado, o quartel dos bombeiros, o hospital e o liceu. (Correia, 2013, pp. 81-93)

São enviados, por parte da Repartição Técnica da Câmara Municipal de Leiria, documentos e uma planta com um levantamento de certos aspetos que teriam de ser resolvidos. Das quais destacam-se as zonas com tendência ao congestionamento automóvel e propostas para novas vias de forma a resolver o problema. Para além disso, a planta contempla ainda a proposta de localização para o novo teatro, o complexo desportivo e outros espaços públicos. Nesta planta estão também os projetos aprovados com base no Plano do concurso elaborado pela Câmara Municipal de Leiria em 1926 e, como tal, seria vital a sua integração no Plano Geral de Urbanização que o arquiteto iria elaborar.

O arquiteto Lima Franco elabora um esboço, em 1947, do Plano de Urbanização e neste esboço conta já com a previsão de crescimento da população Leiriense ao longo de um período de cinquenta anos, passando 10.000 habitantes para 20.000. Neste plano é também definida a localização, a sul, das novas construções, com tipologias distintas das adotadas pela restante cidade, casas unifamiliares e com grande área em sua volta.

A construção medieval junto à encosta do castelo contrasta pelas piores razões com a restante cidade e tornam urgentes as alterações de forma a tornar aquele aglomerado mais higiénico e salubre. Mesmo sendo esta uma medida vital para aquele espaço, o arquiteto apenas desenha o rasgar de uma enorme via no lugar da Rua Direita, uma intervenção à imagem de

Eugène Haussmann (1809-1891), em Paris, e a reutilização de parte da ideia de Cristino da Silva no Plano de Melhoramentos. (Correia, 2013, p. 93)

O esboço do plano tenta resolver, através da abertura de uma via de circunvalação, o problema do trânsito automóvel, como revela a memória descritiva⁷.

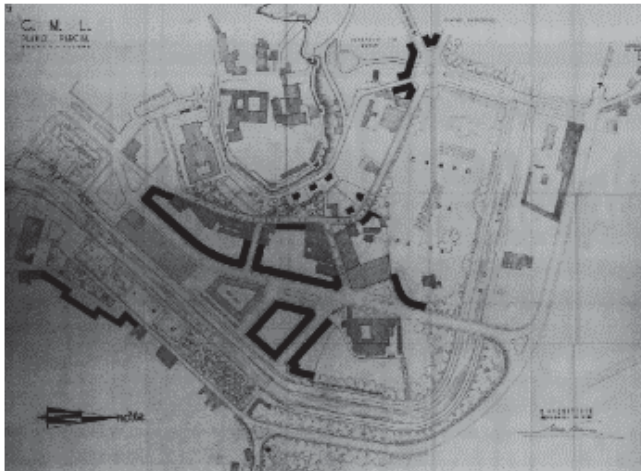


Figura 17 – Plano de Lima Franco aproximado à Avenida Heróis de Angola, 1957. (Correia, 2013)

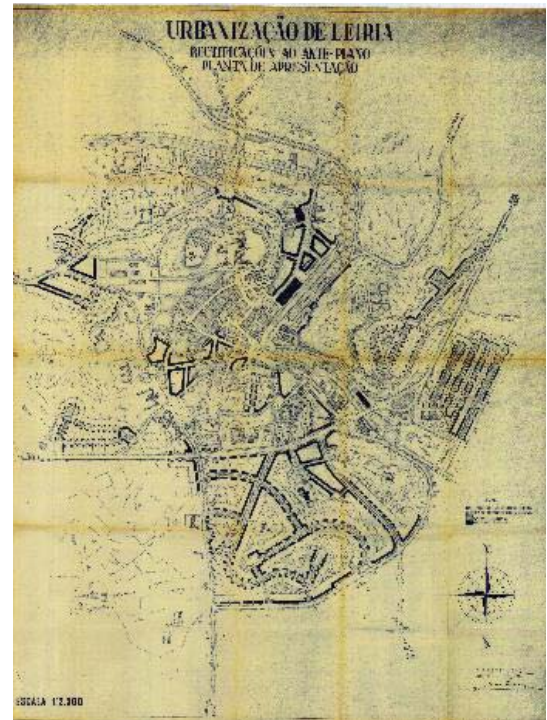


Figura 18 – Planta geral de melhoramentos para a cidade de Leiria, proposta de Lima Franco, Anteprojeto. AMLRA, 2016.

Algumas das vias propostas por Lima Franco para a cidade coincidem com outras importantes vias já existentes enquanto outras que, teriam sido pensadas, mas nunca haviam saído do papel. A Avenida Heróis de Angola e a Avenida Nossa Senhora de Fátima, já previstas noutros planos, têm agora a possibilidade de serem construídas. As habitações que surgem como limite lateral destas avenidas acabam por dar a conhecer as ideias do arquiteto. As

⁷ Memória descritiva e justificativa de Lima Franco, para o plano da cidade de Leiria, 1948 - Esta “grande artéria que circunda toda Cidade e que é servida de radiais em número suficiente e em locais apropriados, para que o acesso à Cidade nunca venha a ser prejudicado”, faz também a ponte da E.N. 1 entre a zona das Olhalvas e de Porto Moniz, contornando a cidade a Sul da nova área de expansão.

avenidas, com edifícios habitacionais, largos passeios e densidade reduzida, apontam para a filosofia de cidade-jardim⁸.

Num plano em que domina a moradia isolada inserida no manto verde contínuo, surgem também os grandes equipamentos para responder às necessidades de uma cidade em expansão e que se revelam essenciais para por a funcionar “*esta grande máquina de habitar*”.

Acabam por não existir grandes alterações do esboço para o Antepiano de Urbanização, nota apenas para a alteração da posição de alguns elementos. (Correia, 2013, pp. 95-99)

José de Lima Franco elabora vários desenhos e estudos de pormenor para várias zonas. Deles destacam-se o plano para o bairro para famílias pobres, a escadaria que permite o acesso da Rua Machado dos Santos até à Avenida José Jardim, os planos parciais da envolvente da Avenida Heróis de Angola e do Jardim Público e a localização de importantes edifícios como é o caso do Mercado ou do Liceu.

O arquiteto pensa também no tipo de arquitetura que ocupa as várias áreas, no caso da Avenida Heróis de Angola, sempre com uma frente virada sobre a rua e de forma contínua, imagina que a vivência será diferente das habitações a sul, unifamiliares e isoladas. Todos os projetos de arquitetura teriam de ter a apreciação do urbanista, e este facto demonstra a importância de Lima Franco, pois os projetos teriam de respeitar o traçado desenhado pelo urbanista, “*demonstrando uma capacidade de resolução ao nível de projecto, que lhe permite imprimir um estilo muito pós-Exposição do Mundo Português à cidade alternativa que propõe*” (Lôbo, 1995, p. 188).

Como revisão ao Antepiano, em 1957, surgem várias críticas por parte da Direção Geral dos Serviços de Urbanização, do Conselho Superior de Obras Públicas e da Câmara Municipal, dizendo que a ideia de cidade-jardim já conseguiria responder às necessidades da vida moderna. Nesta revisão “*a habitação unifamiliar é substituída por edifícios em banda, com um forte incremento de densidade e numa completa alteração de imagem urbana proposta*” (Lôbo, 1995, p. 188).

⁸ “*Se levada até às últimas consequências, a proposta de Lima Franco para Leiria transformaria radicalmente uma pequena cidade, de denso tecido medieval, numa cidade jardim onde a habitação unifamiliar, em parcelas generosas, seria a predominante, alternando com grandes áreas verdes de enquadramento dos equipamentos*” (Lôbo, 1995, pp. 187-188)

⁹ Memória descritiva e justificativa de Lima Franco, para o plano da cidade de Leiria, 1948.

Após novo estudo por parte do arquiteto, um estudo do crescimento mais realista, prevê o conjunto de habitações a Sul, como na sua primeira análise e a adaptação da Avenida Marquês de Pombal para que esta fizesse a ligação à E.N. 1 cruzando-se com a Estrada da Barreira. (Correia, 2013, pp. 99-101)

Após a rescisão de contrato por parte da Câmara Municipal de Leiria com o urbanista Lima Franco, em 1962¹⁰, foi apresentada uma planta com retificações aos anteprojetos. (Correia, 2013, pp. 101-103)

Durante o processo do Plano de Urbanização de Leiria, foram sendo realizadas algumas obras de elevada importância para a cidade, nomeadamente obras de melhoramentos e construções de “...equipamentos rodoviários como as *Garagens Ford (1945)* ou o *Terminal de Transportes Colectivos (1956)*, os novos espaços de ensino como a *Escola Industrial (1953-1955)*, o *Liceu (1960-1964)*, ou a *Escola Primária Masculina (1957)*, sendo ainda construído o *Palácio da Justiça (1954-1963)* e o *Estádio Municipal*.” (Correia, 2013, p. 103)

Em 1954 o arquiteto José de Lima Franco procede a uma reformulação urbanística no Largo 5 de Outubro e essa reformulação vai também transformar o Jardim Luís de Camões. Para além desta importante transformação, quer no Jardim, quer no Largo, é ainda importante referir a abertura da Avenida Heróis de Angola que faz a ligação da antiga Praça das Sardinhas, atual Praça Paulo VI, até ao Convento de S. Francisco tornando-se assim num dos eixos mais importantes da cidade. (ALVES, RODEIA, & RODEIA, 2004)

Durante os anos cinquenta existe uma remodelação do Largo dos Paços do Concelho e, em 1958, a demolição do irrecuperável Teatro D. Maria Pia. O teatro não voltou a ser construído na Praça Goa Damão e Diu e como tal o único local que servia para a projeção de filmes, acabou por ser um pavilhão com carácter temporário instalado no Largo 5 de Outubro. (Margarido, 1988, p. 24)

¹⁰ Memória descritiva de rescisão de contrato por parte da Câmara Municipal de Leiria com o arquiteto Lima Franco, 1962.

2.1.4. O Plano Diretor da Cidade de Leiria, elaborado pela Hidrotécnica Portuguesa

Começa a pensar-se no concelho como um todo e não como localidades individuais a partir do momento em que surge o Plano Diretor de Urbanização. São planeados diferentes pólos de forma a ter setores primários e secundários para além dos sub-pólos, ou seja, o concelho é estruturado de forma a acolher o desenvolvimento eminente da terciarização das atividades da população. (Correia, 2013, p. 105)

O plano da Hidrotécnica Portuguesa assemelha-se ao Plano Diretor Municipal, um plano mais estratégico que determinístico, e que acaba por se debruçar mais sobre o estudo de pequenas zonas, com planos de pormenor e de complemento. Uma das grandes prioridades é as acessibilidades entre os diferentes pólos, dando especial foque à acessibilidade automóvel pela criação de diversos locais de estacionamento junto aos núcleos de equipamento. É também proposta uma via automóvel que passaria distante da cidade, mas perto destes novos polos, para além desta via é ainda proposta a construção de uma variante a E.N. 1 que *“abandona o actual traçado por alturas de Porto Moniz, passa a sul do Bairro das Almoinhas e de Marrazes e vai ligar à estrada existente a norte da Calçada do Bravo”*. (Correia, 2013, pp. 105-107)



Figura 19 – Plano da Hidrotécnica Portuguesa aproximado à Avenida Heróis de Angola, 1967. (Correia, 2013)

No Plano Director são destacadas duas zonas urbanas, a zona norte. Dentro de cada uma das zonas urbanas estavam previstos equipamentos que se dividiam em três escalões, dependente do número de habitantes. No primeiro, o mais básico, incluía escola primária e centro de saúde para zonas com cerca de 4.000 habitantes. No segundo escalão, que abrangia já áreas com mais população, seriam equipados com equipamentos culturais, mercado e escolas de ensino técnico e liceu. Já no terceiro e ultimo escalão, destinado às áreas com maior numero

de população, estariam programados equipamentos como o centro cívico e os hospitais. No Plano Director de Urbanização foi também apresentada a resolução de um problema, o rio Lis. Com o Plano de Valorização da Zona do Rio Lis pretendia-se a reintegração do rio na cidade e neste plano criado pela Hidrotécnica Portuguesa, para que tudo funcionasse em harmonia e continuidade.

O Plano Complementar de Valorização do Rio Liz começa condicionado sobretudo pela forma como a cidade voltou as costas a este curso de água ao longo dos anos. É proposto o tratamento do leito, criando espelhos de água e urbanizando as margens. Porém, ao analisar o plano, percebe-se que são os eixos viários desenhados de forma a tornarem o trânsito mais fluido, que acabam por ter todo o protagonismo ao invés do rio. (Correia, 2013, pp. 107-111)

A Hidrotécnica Portuguesa elabora o esboço do Plano de Remodelação do Centro da Cidade de Leiria em 1967 que tenta resolver os planos a maior escala. Porém, trata-se apenas de ideias e intenções, respeitando o centro histórico e possibilitando o seu uso às pessoas. Quando é observado o desenho apenas se consegue perceber, à partida, a resolução das vias viárias, muito pela criação da Via do Centro Urbano que deveria *“suportar um grande caudal de tráfego e cujo objectivo principal será o de irrigar convenientemente a Zona Central”*. (Lamas, 2014, p. 378).

2.1.5. As várias etapas da evolução do Largo 5 de Outubro

O Largo 5 de Outubro ganhou o nome em 1910 após a Implantação da República. Até aí, era conhecido pelos Leirienses como o Rossio de Leiria. O largo é um espaço de extrema importância, no entanto, quando se procura informação sobre este, a tarefa torna-se algo complicada de maneira que apenas é possível identificar alterações através das antigas plantas das propostas de projeto ou através dos antigos edifícios que ainda hoje rodeiam o largo.

Se analisarmos os projetos referidos anteriormente, encontramos em todos eles breves referências ao Largo 5 de Outubro, pois, apesar de não ser uma intervenção muito significativa no que toca ao espaço público, a introdução da Gare Rodoviária veio em muito beneficiar a cidade, tal como a abertura de diversas ruas. De todas elas, a mais importante foi a abertura da Avenida Heróis de Angola, onde, aliás, se situa a rodoviária, como tal, é um importante arruamento que surge a partir do largo.

A primeira proposta foi do arquiteto Ernesto Korrodi, em resposta a um concurso lançado pela câmara e que tinha como objetivo a recuperação dos pavimentos alcatroados da cidade de Leiria. O arquiteto decide escolher o Largo 5 de Outubro como um dos pontos a intervir e fala dos orçamentos para o largo numa das suas memórias descritivas¹¹.

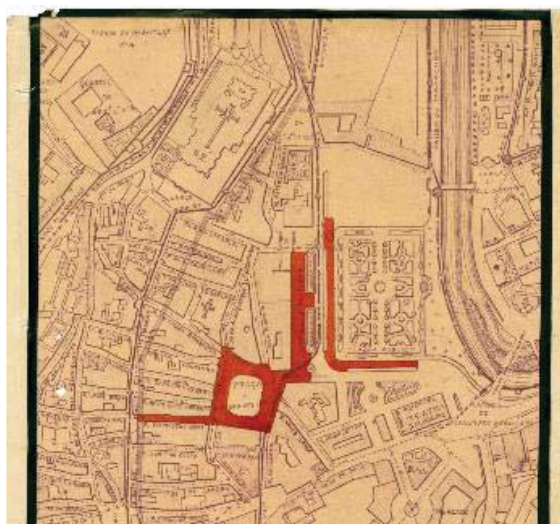


Figura 20 – Área de intervenção, para recuperação dos pavimentos alcatroados da cidade de Leiria, assinalada por Ernesto Korrodi, 1937. AMLRA, 2016.

Num ficheiro anexo a este veem descriminadas as dimensões quer da Praça Francisco Rodrigues Lobo, quer do Largo 5 de Outubro, no entanto as que nos interessam são realmente as do segundo. Posto isto, e analisando este anexo do chefe da Repartição Técnica, Camillo Korrodi, podemos concluir que o Largo 5 de Outubro tem de comprimentos 110,0 m por 15,0 m de largura.

¹¹ “Este orçamento refere-se à reparação dos pavimentos da Praça Rodrigues Lobo e Largo 5 de Outubro, na cidade de Leiria.

Qualquer daqueles pavimentos é de revestimento betuminoso e necessitam urgentemente de um tapete de alcatrão, a-fim-de evitar a sua deterioração.

O trabalho a executar consta de pequenos buracos a reparar com brita miúda e alcatrão e o revestimento geral com uma camada de betuminoso de 1.200kg. por m2...

Conviria que este trabalho fosse executado durante a Primavera, garantindo assim o bom resultado da aplicação do betuminoso. O orçamento importa na quantia total de Esc. 8.745£50, sendo de materiais Esc. 4.480£50 e de mão de obra Esc.4.263£00.” Memória descritiva do concurso, Ernesto Korrodi, Leiria, fevereiro de 1937.

Para além deste documento, contém ainda um outro anexo em que descreve todos os materiais necessários, as quantidades de cada um deles e o preço.

A Avenida Heróis de Angola vai assumir-se, entre os anos sessenta e setenta do século XX, como centro da cidade muito devido aos vários equipamentos de valor que se foram apoderando das margens desta. Um dos principais interesses, era o fato de existir relativa facilidade de acesso, e conter vários serviços que davam diversidade e qualidade de vida a esta zona de expansão da cidade. Um dos edifícios importantes e já referidos anteriormente, foi a gare rodoviária em 1956-1960, projeto do arquiteto Camilo Korrodi. Para além deste, também o Cineteatro José Lúcio da Silva, construído entre 1964 e 1966 e desenhado pelos arquitetos Carlos M. Ramos (1922-2012) e José Bruschy.

As propostas, de 1926, do concurso para o Plano Geral de Melhoramentos da Cidade de Leiria, contemplava a abertura de um eixo que ligasse o Largo 5 de Outubro à zona do antigo convento de S. Francisco.



Figura 22 – Convento de S. Francisco. (Costa L. V., s.d.)



Figura 21 – Vista do Cineteatro José Lúcio da Silva e dos edifícios em construção a Norte, 1975. (Correia, 2013)

Fernando Santa Rita, na sua planta de proposta que apresenta a concurso, propõe que o eixo comece no topo Norte do Jardim Público, atual Jardim de Camões, e assuma a direção tomada pelo coletor de esgotos até ao convento. Sendo o rio um elemento vital para a cidade, era importante que existisse alguma relação, como tal, são também propostos vários arruamentos transversais que permitem a relação quer com o Passeio do Marachão e como o rio, quer com a Rua Capitão Mouzinho de Albuquerque.

Para a zona de expansão a norte do núcleo histórico e consolidado, também surge um desenho do arquiteto Cristino da Silva embora este baseado na geometria rígida. São propostas

duas alamedas que acompanham o curso do rio Lis, uma na margem esquerda, junto ao Largo 5 de Outubro e que começa com o Jardim Luís de Camões, e outra na margem direita onde existe o tão famoso jardim do Avião. Esta segunda alameda inflete, mais a norte, para respeitar o alinhamento da fachada principal do Convento de S. Francisco. Para além destas enormes alamedas, foram desenhados também arruamentos de menor dimensão que as acompanham paralelamente e foram também desenhadas outras ruas perpendiculares que servem de atravessamento transversal. (Correia, 2013, p. 217)

Foi proposto pelos arquitetos a abertura de uma rua que fizesse ligação à nova zona de expansão, a norte do Jardim Luís de Camões e, pegando nesses planos de 1926, em 1938 os projetos começaram a ganhar forma. Foi aberta aquela a que hoje chamamos de Avenida Heróis de Angola. No entanto, antes de tal abertura, existiu uma reformulação da antiga Praça das Sardinhas, atual Praça Paulo VI. Para que as construções pudessem começar tiveram de ser adquiridas algumas construções e, posteriormente, teriam de ser demolidas. A câmara manda elaborar um estudo para um conjunto de fachadas com carácter modernista para a avenida. Este trabalho acaba por ser feito pelo arquiteto Ernesto Korrodi em 1940, o qual, para além deste trabalho de composição de fachadas, acaba por desenvolver o prédio que dá tanto para a nova avenida, como para a Praça das Sardinhas e para o Jardim Luís de Camões, um prédio que será analisado num subcapítulo mais adiante.

Apesar de terem sido efetuadas algumas obras, o processo de urbanização em torno da avenida não avançou, e apenas foram retomados 5 anos mais tarde quando a Câmara decide contratar o arquiteto Lima Franco para elaborar um Plano de Urbanização para a Cidade de Leiria.

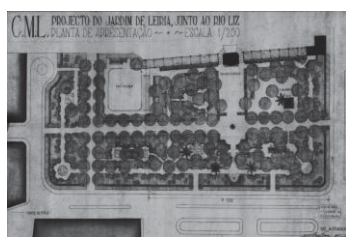


Figura 25 – Projeto para o Jardim Público do arquiteto Lima Franco. (Correia, 2013)



Figura 24 – Jardim Público ou Jardim Luís de Camões.



Figura 23 – Jardim Luís de Camões, antigo Jardim público. Postal ilustrado.

Já em 1948 o arquiteto apresenta um plano de pormenor para a área correspondida entre o rio e a Avenida Mouzinho de Albuquerque e propõe a criação de uma praça neste local, já perto do Convento de S. Francisco, no entanto, num novo estudo sobre o antigo plano, o

arquiteto decide mudar a localização da praça para uma zona mais central, a Poente da avenida. (Correia, 2013, p. 219)

Lima Franco propõe também neste desenho, algumas alterações ao Campo D. Luís I, no que se refere aos arranjos do jardim do século XIX, e que depois se passara a chamar de Jardim Luís de Camões. Apesar de todas as alterações a que este tinha sido sujeito, tendo como principais alterações a romantização de Ernesto Korrodi e, já em 1940, a adaptação para receber a Exposição Distrital do Bicentenário, o arquiteto apresenta um novo desenho para o jardim assim como um acrescento. Apesar de nunca ter sido construído, o arquiteto desenhou um ringue de patinagem a norte, estudo que seria para construir numa segunda fase, para além disso ele redesenha os canteiros conseguindo assim impor diferentes áreas temáticas num mesmo espaço como é, para além do ringue previsto, a zona destinada às atuações musicais. (Correia, 2013, pp. 217-219)

Como referido anteriormente, Lima Franco desenhou o primeiro Plano de Urbanização de Leiria em 1945, isto numa altura em que as alterações no espaço urbano da cidade começavam a querer parar sendo que apenas tinha sido construído o Bairro das Almoinhas, em 1947 e algumas obras no arranjo de pavimentos.



Figura 27 - Passeio do Marachão, fotografia de 2014 de Preguiça Magazine.



Figura 26 – Avenida Heróis de Angola, Gare Rodoviária à esquerda.

Lima Franco realizou um projeto parcial para a urbanização do Marachão e para a área entre o Largo 5 de Outubro e a Igreja de S. Francisco, onde aliás, surgiu a Avenida Heróis do Ultramar, *”...em 1938, construía-se a nova ponte sobre o rio e, em 1966, inaugurava-se o teatro José Lúcio da Silva, da traça do arquiteto Carlos Ramos (filho), junto àquela avenida; no Largo 5 de Outubro, um Padrão aos Heróis do Ultramar (1966), da autoria de Joaquim Correia, e um monumento ao papa Paulo VI (1968), do escultor João Charters de Almeida, contribuíram para a sua definição urbanística.”* Em 1962, a Câmara Municipal de Leiria decide rescindir contrato com o arquiteto Lima Franco. (Costa L. V., 1989, pp. 53-54)

O Antepiano da Hidrotécnica Portuguesa mostrava já muitas das áreas classificadas fora do núcleo com o objetivo de fazer crescer a cidade para além deste com a projeção de novos polos industriais, serviços, áreas habitacionais e os mais diversos equipamentos. Todo o concelho é agora estudado e planeado de forma a que a paisagem natural seja preservada.

Desse Antepiano nasceram as novas áreas habitacionais, novas zonas industriais e, para que tudo pudesse funcionar devidamente, os diversos arruamentos na nova malha periurbana de Leiria. Ainda em 1970 surgem alguns espaços verdes que contrastam com o edificado, sendo um dos principais espaços verdes o Jardim Luís de Camões entre o Passeio do Marachão e o Largo 5 de Outubro, que apesar de já existir, vai ser reestruturado. Os serviços e comércio, como essenciais, acabam por acompanhar esta evolução na cidade de Leiria. (Gomes, pp. 19-22)

Leiria começava, em 1956, a crescer, muito por culpa da nova estação rodoviária implantada na Avenida Heróis de Angola, no entanto, esta apenas começou a funcionar nove anos mais tarde. Só em 1965 se começaram a fazer uso dos transportes coletivos na cidade. (Costa L. V., 1989, pp. 53-57)



Figura 28 - Campo Luís I, o lago do Jardim Público. Postal ilustrado.



Figura 29 – Planta da cidade de Leiria aproximada à zona da Avenida Heróis de Angola nos anos 60. (Correia, 2013)



Figura 30 – Planta da cidade de Leiria aproximada à zona da Avenida Heróis de Angola, 1938. (Correia, 2013)

2.1.6. Edifícios que conferem carácter ao Largo 5 de Outubro

Abordaremos seguidamente as principais características dos edifícios que rodeiam o largo em estudo. Englobaremos ainda uma referência a edifícios que, embora não se situem no Largo 5 de Outubro, contribuem pela sua proximidade, para a sua singularidade.

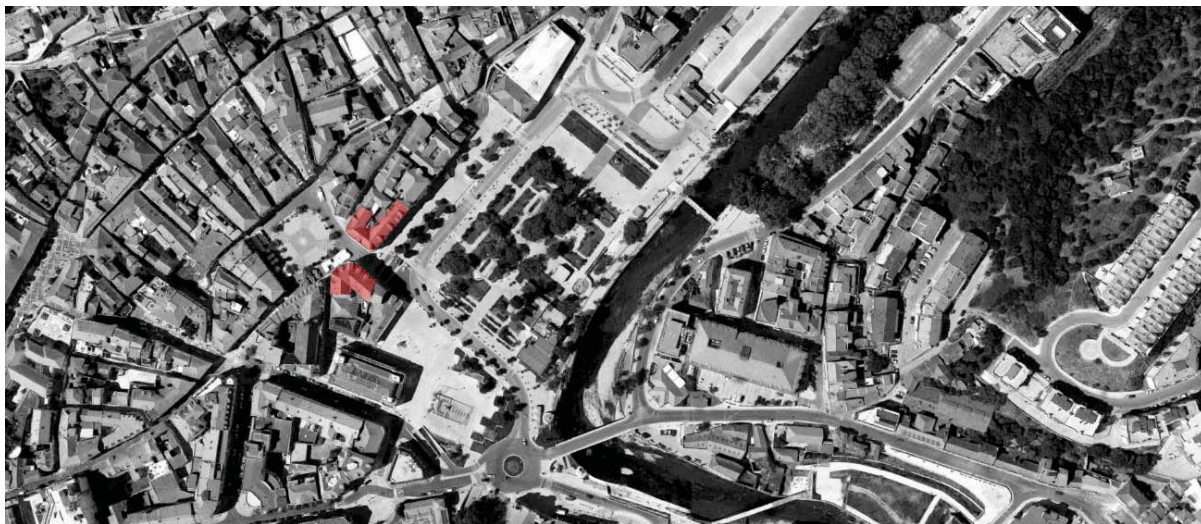


Figura 31 – Antigo Palácio Marquês de Vila Real

2.1.6.1. Antigo Palácio dos Marqueses de Vila Real

Quando se fala deste Palácio, é de relativa importância a referência à Praça de S. Martinho na medida que o edifício vai definir o seu traçado quadrilátero quase regular. A planta da cidade de Leiria de 1809, tal como as arcadas e a continuidade das construções a Sul, fazem abrir a perspectiva da Praça para este mesmo lado remetendo-nos para imagens da Baixa de Lisboa e para o urbanismo das Luzes.

No Palácio era perfeitamente notável a influência mardelina, pelos elementos: telhado duplo germânico e vãos, com um perfil das molduras que em muito se assemelha ao do estilo pombalino.

A Capela de N^a. S^a da Anunciação, pertencia ao Palácio dos Marqueses de Vila Real, entre a Praça e o Largo dos Banho atualmente com o nome de Largo D. Paio Guterres.

No local onde hoje em dia existe o Edifício Zúquete de frente para a estátua e para o Rossio, existiu, até 1887 o Palácio dos Marqueses de Vila Real construído na segunda metade do século XVI e que acabara por ser demolido para alargamento da rua. O Palácio continha um

arco que permitia o atravessamento do Rossio, hoje com o nome de Largo 5 de Outubro e local onde normalmente decorriam os mercados e feiras, para a Praça de S. Martinho, atual Praça Rodrigues Lobo.

Com a fachada principal voltada para a Praça de S. Martinho, continha “o brasão sobre o arco e vagas reminiscências manuelinas na janela geminada da frontaria, era de aspeto severo”. Durante uma das viagens a Portugal no final do século XIX, A. Haupt descreve o Palácio como “as grossas cantarias do cunhal e as duas janelas graciosamente lavradas, que se abrem na vasta largura das paredes, são tudo aquilo de que o artista carecia para criar uma impressão forte e completa a que não falta sequer o pitoresco resultante com a travessa que corre por baixo do arco”. (Costa L. V., 1989, pp. 26-28)

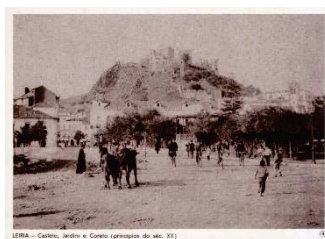


Figura 32 – Castelo, Jardim e Coreto, postal ilustrado de princípios do século XX. Postal ilustrado.



Figura 33 – Praça Rodrigues Lobo, antiga praça de S. Martinho. Postal ilustrado.

A família dos Marqueses de Vila Real, fazia parte das famílias elites leirienses da época e possuíam também a alcaidaria do castelo. (Leiria C. M., 2005)

O Palácio foi doado pelo rei D. João III à família, no entanto, mais tarde, com a conspiração de D. Luís de Noronha e Meneses contra D. João IV, a família acaba por ficar sem ele e acabam por se mudar para a Casa do Infantado. Mais tarde o Palácio foi recuperado pelo primeiro conde de Valadares, descendente de D. Miguel de Meneses.

O Palácio viria a ser reconstruído em duas partes, existe uma mesma área de implantação, mas uma divisão do lote em duas partes sendo que uma delas, em 1914, ardeu por completo e coube ao arquiteto Leiriense Ernesto Korrodi a função de reabilitar o bloco do lado Sul. (Costa L. V., 1989, pp. 26-28)

Após a demolição, poucas foram as alterações urbanísticas em redor da Praça tirando a demolição do arco de S. Martinho. Com esta demolição acabam por se erguer os dois novos edifícios, um de um lado do antigo arco no gaveto do atual Largo 5 de Outubro com a Travessa

de Sant'Ana e que era um prédio de rendimento. Pertencia a Joaquim de Oliveira Zúquete, “...um dos mais intervenientes na vida social leiriense...” depois da Instauração da República em 1910. Este foi o volume que sofreu com o anteriormente falado incêndio de 1914, e que foi reconstruído pelo arquiteto Ernesto Korrodi. Do lado oposto ao antigo arco que os ligava, surge um outro prédio construído em 1888, já depois da demolição do arco e da ampliação da Praça, propriedade de Maria de Jesus Oliveira Zúquete, também ele num gaveto, com “...pormenores que realçam a sua arquitetura eclética de reminiscências revivalistas - mansardas rasgadas por um óculo. uma varanda neomanuelina e um remate de flores do Lis acima da cornija...” e este edifício contribuiu para que a Praça ficasse com um traçado mais regular, mais ortogonal, após projeto de ampliação da Praça, executados pelos engenheiros Carlos Augusto de Abreu, José Bernardes Lopes de Andrade e José Charters de Azevedo. A abertura criada com a eliminação do arco e a nova dimensão da rua permitiu que houvesse uma maior ligação ao antigo Rossio, atual Largo 5 de Outubro, Largo este na altura com o nome de Campo D. Luís I “que foi palco do Romantismo, com novas funções sociais e atributos citadinos...” devido à proximidade com o rio Lis. (Costa L. V., 1989, pp. 26-28)



Figura 34 – Palácio dos Marquesses de Vila Real. (Costa L. V., 1989)

Existe atualmente uma placa colocada na fachada que fica voltada para a Praça Rodrigues Lobo, que contem factos importantes sobre o atual edifício Zúquete¹².

Após a intervenção do arquiteto funcionou neste bloco o Grémio Literário e Recreativo até 1950. Quanto à arquitetura, é importante referir a decoração com azulejos que remetem ao estilo Arte Nova. (Leiria C. M., 2005)



Figura 35 – Local da atual Caixa Geral de Depósitos.

2.1.6.2. Praça de Goa Damão e Diu

Este Largo, nomeado em alguns documentos como Rossio, mas hoje chamado de Praça de Goa Damão e Diu, foi envolvido no estudo devido à proximidade com a Rua do Largo 5 de Outubro. Neste local, existiram realmente muitas mudanças durante o século XX, começando pelo edificado, existiu aqui o Teatro D. Maria Pia, o Banco Nacional Ultramarino e a Caixa Geral de Depósitos, aliás, este ultimo ainda hoje existe, no entanto em pouco se compara ao edifício de antigamente. Para além deste edificado, o Largo onde hoje vemos a Fonte Luminosa,

¹² “De estilo Arte nova e com o inconfundível cunho do arquiteto Ernesto Korrodi, o Edifício Zúquete nasce sobre um passado rico, em historia e romance. A fachada que apresenta hoje, mandada edificar pela família Zúquete, data de 1914 e resulta da reconstrução do prédio então existente, destruído a 7 de janeiro do mesmo ano, num incendio de largas proporções. Neste acidente, perdeu-se também inúmero património cultural, pertença da já considerável biblioteca do Grémio Literário e Recreativo aí instalado. Presença bem marcada na Cidade, a arquitetura de Korrodi, destaca-se no traço simples, na harmonia das simetrias, dos frisos e painéis de azulejos e na perfeita simbiose dos contornados ferros forjados.”

e antigamente ocupado pelo Teatro (mesmo local de construção), o local também já foi utilizado como parque de estacionamento. Como tal, a seguinte descrição é referente a todos os edifícios que por ali passaram tal como das alterações ao espaço público a que este espaço foi sujeito.

Pouco restava da memória do antigo Rossio depois da demolição do Teatro D. Maria Pia nos anos 50. A Câmara Municipal de Leiria cedeu os terrenos da antiga cerca de Sant’Ana para aí se construir o primeiro edifício da Caixa Geral de Depósitos, no ano de 1932 e o projeto para este edifício foi aprovado em 1943. Em 1936 adquire também um edifício que fica nas traseiras da Caixa Geral de Depósitos, um edifício que viria a ser demolido mais tarde, onde funcionava o Banco Nacional Ultramarino. No local do antigo Teatro, era inaugurada em 1973 a Fonte Luminosa, integrada na nova formatação do Largo da Comissão de Turismo. Junto da fonte foi também colocada uma escultura do artista Lagoa Henriques (1923-2009).



Figura 36 – Teatro D. Maria Pia. Postal ilustrado.



Figura 37 – Teatro D. Maria Pia. Postal ilustrado.

No intervalo de tempo entre a demolição do Teatro D. Maria Pia em 1958 e a construção da Fonte Luminosa em 1973, existiu um parque de estacionamento à superfície.

Nesta data, existia também a Agência do Banco Nacional Ultramarino. Construída pelo engenheiro civil José Theriaga, na área onde existira o convento de Sant’Ana, surge a Agência do Banco Nacional Ultramarino, decorria o ano de 1929. (Margarido, 1988, p. 98)

A filial do Banco Nacional Ultramarino, estava implantada num lote com forma triangular, limitado pela Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, pela Rua Dr. Correia Mateus e pela Rua João de Deus. A implantação respeita também o plano parcial para o Bairro de Sant’Ana, no entanto é construído no local que estaria reservado para a Sede do Banco de Portugal, contudo, esta última havia sido construída no Largo 5 de Outubro em 1924.

Theriaga, nascido em 1898, parte para o projeto deste edifício tendo como referência a cêrcea do mercado¹³.

Como pode ler-se na memória descritiva do projeto, datada de 10 de julho de 1929, este local é o culminar de vários arruamentos e, como tal, houve o cuidado de deixar a fachada principal voltada para a rotunda do novo bairro, o Bairro de Santana.

O rés-do-chão localiza-se à mesma cota da rotunda e é também a esta cota que se efetua a entrada no edifício, porém, para além desta entrada principal, existem também duas entradas laterais e ambas com escadarias de acesso devido ao desnível das vias, uma que dá para a Avenida Combatentes da Grande Guerra e outra que dava para a Rua Dr. Correia Mateus.

O edifício é orientado segundo o ponto central da rotunda, dividindo-o de igual forma em duas metades e perante um programa com elevado grau de exigência, foi organizado segundo os três diferentes tipos de acesso. O acesso ao público, trata-se do acesso principal e depois da passagem por uma antecâmara entramos numa sala de forma hexagonal, a sala destinada ao público e que tem ligação para as zonas de serviços internos, o acesso aos serviços internos e o acesso da gerência. Simetricamente iguais, surgem a tesouraria e o gabinete da gerência, na retaguarda existem também os espaços de serviços e todos eles dão para o espaço central e de maior dimensão do edifício, tratando-se de um espaço de distribuição. Para além disso, nesta área estão também localizados espaços que são essenciais para o funcionamento, nomeadamente, a contabilidade, a sala de correspondência, a casa-forte, as instalações sanitárias, um gabinete para o segurança e, com entrada independente, o arquivo.

O segundo andar organiza-se de forma muito idêntica ao do primeiro possuindo uma galeria de distribuição entre todas as divisões. Fazem parte deste piso uma sala de estar central, uma sala voltada para a rotunda, uma sala de jantar, uma cozinha, quartos e instalações sanitárias. O acesso a este piso é feito através de uma escada de três lanços que parte do átrio e chega a uma antecâmara que serve o apartamento do gerente e um acesso independente a um escritório.

¹³ *Apesar do decoro e gramática clássica inerentes ao carácter institucional do edifício, este assume-se pela sobriedade e pelo corte com os excessos decorativos que caracterizam os primeiros anos do século.* (Correia, 2013, p. 131)

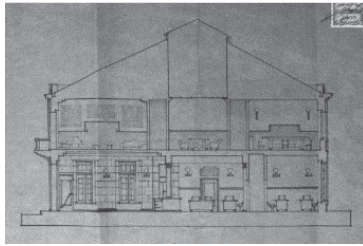


Figura 39 – Secção longitudinal, Banco Nacional Ultramarino. (Correia, 2013)

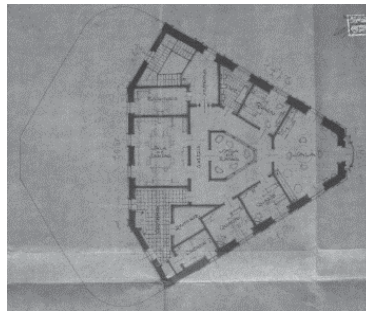


Figura 38 – Planta do piso 1 do Banco Nacional Ultramarino. (Correia, 2013)

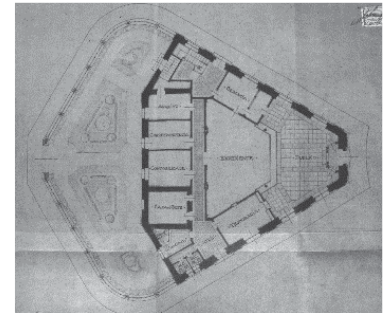


Figura 40 – Planta do piso térreo do Banco Nacional Ultramarino. (Correia, 2013)

O edifício era de enorme complexidade e para que isso não bastasse os enormes vãos surgiam também eles como um problema. Estes problemas levaram o projetista a optar por um sistema construtivo misto em que o pavimento em madeira do segundo piso “*assenta em vigas mestras de beton armado, que se estabelecem sobre 4 columnas, e também nas divisórias inferiores, que são de tijolo de cimento e areia*”¹⁴.

A linguagem das fachadas era clássica, marcada pelo embasamento em pedra, rematada por um filete horizontal que se repetia também no embasamento, e isto apesar da recente introdução do betão na construção. As portas e as janelas eram devidamente tratadas quanto à importância que assumem, o alçado voltado para a rotunda de Santana era o único que continha janelas de sacada e varanda. Distinguia-se de outras duas fachadas pela sua dimensão e decoração por estarem voltadas para as duas vias mais importantes.

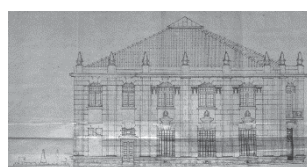


Figura 41 – Alçado, Banco Nacional Ultramarino. (Correia, 2013)

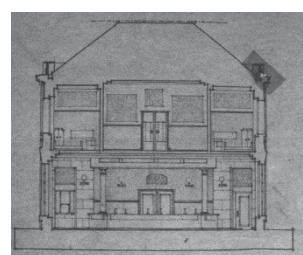


Figura 42 – Secção transversal, Banco Nacional Ultramarino. (Correia, 2013)

Para além dos espaços que não eram decorados com pedra, existiam outros que eram revestidos por reboco de argamassa pintado. No que toca à cobertura e tendo esta uma forma

¹⁴ Memoria descritiva do projeto datada de 10 de julho de 1929.

tão irregular, tiveram de se ter cuidados especiais. Era construída em madeira e composta por seis águas com uma enorme claraboia no centro. O edifício tinha como remate, no telhado, uma platibanda que servia para esconder a caleira e a inclinação do telhado, no entanto, o telhado era perceptível da rua.

O edifício viria a sofrer algumas alterações para se adaptar a outras funções, alterações essas que são praticamente imperceptíveis do exterior. A alteração era sobretudo na caixilharia e na cobertura que passa a ser em cobre. (Correia, 2013, pp. 131-135)

A Filial da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, foi desenhada pelo arquiteto Cristino da Silva no ano de 1940 e apenas foi aprovado o projeto em 1943. (Costa L. V., 1989, p. 57)



O local onde se localiza o edifício, é delimitado a Nascente pela Rua João de Deus, a Norte pelo Largo 5 de Outubro e a Poente por pequenas construções sem grande relevância arquitetónica, e o terreno localiza-se no centro histórico da cidade, junto ao Bairro de Santana e junto ao atual Jardim Luís de Camões.

Figura 43 – Filial da Caixa Geral de Depósitos, 1974. Jornal Região de Leiria, 2015.

A futura localização do edifício tinha um enquadramento bastante interessante a nível arquitetónico, porém, ao mesmo tempo, e por serem elementos históricos, teria de respeitar o meio onde se ia inserir, nomeadamente o centro histórico de Leiria. Segundo se pode ler na memória descritiva do projeto datada de 27 de maio de 1940, o arquiteto diz que é importante que o edifício seja dotado de uma arquitetura que acompanhe a época corrente e que se integre naquilo que é a cidade da Leiria.

Numa outra memória descritiva do projeto, datada de 20 de julho de 1942, pode ler-se que todos os espaços são acessíveis por acessos independentes, sobretudo no que diz respeito ao acesso do público. Analisando a planta do piso térreo, apesar dos acessos públicos serem completamente independentes, existem pontos de contacto com a parte privada, o local de trabalho dos empregados.

No piso térreo localizavam-se os principais espaços da Caixa Geral de Depósitos. Existia a sala de atendimento ao público, a secretaria, o gabinete do gerente e as caixas-fortes. O acesso ao piso intermédio era feito através de uma escada junto ao alçado Sul, este piso tinha como principal objetivo a futura expansão da instituição, entre outros serviços que lhe dão apoio. O ultimo piso era ocupado pela habitação do gerente, habitação essa que continha uma enorme varanda em “L”.

A entrada localizava-se no gaveto formado pelas duas fachadas mais importantes e mais trabalhadas. Este trabalho de fachadas devia-se ao facto de estarem voltadas para importantes espaços públicos... uma voltada sobre o Largo 5 de Outubro, um importante espaço de comércio e a outra sobre a Rua Dr. Correia Mateus. Pelo desenho das fachadas percebe-se de imediato que existiam dois pisos com a mesma função, neste caso destinados aos serviços da Caixa Geral de Depósitos e, acima deste volume formado pelos dois pisos existia um outro com traços diferentes, em estio “casa portuguesa” pois tratava-se da habitação do gerente, e este novo volume acabava por coroar condignamente o edifício.¹⁵

Para se aceder a essa habitação, tem de se subir pela caixa de escada que era também a torre do relógio. Tinha cerca de dezasseis metros de altura era um elemento arquitetónico que marcava a composição do edifício. O arquiteto Cristino da Silva desenha alçados marcados por uma composição simples e ao mesmo tempo sóbria¹⁶.

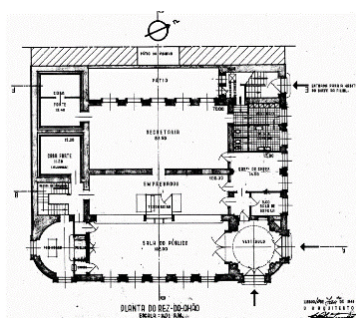


Figura 44 – Planta do piso térreo da antiga Caixa Geral de Depósitos. (Correia, 2013)

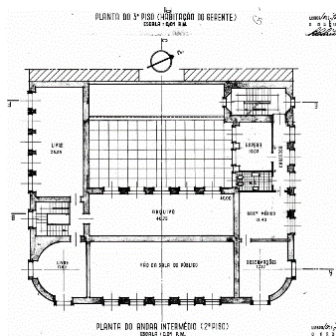


Figura 45 – Planta do piso 2 da antiga Caixa Geral de Depósitos. (Correia, 2013)

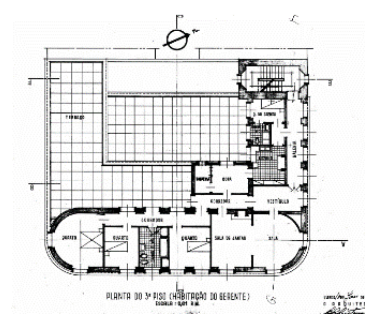


Figura 46 – Planta do piso 3 da antiga Caixa Geral de Depósitos. (Correia, 2013)

A utilização dos novos tipos de construção eram uma enorme inovação para a cidade, no entanto acabava por ser contrariada com a linguagem aplicada nas fachadas, uma linguagem clássica e que destoava, de certa forma, da envolvente.

¹⁵ Memória descritiva de projeto, 20 de junho de 1942.

¹⁶ Memória descritiva de projeto, 27 de maio de 1940 – “... procurou-se *unificar tanto quanto possível a arquitectura adoptada nas fachadas do edifício, a-fim-de lhe imprimir o necessário carácter e sobriedade, visto tratar-se de uma instalação oficial*”.

O edifício era de tal maneira importante que tiveram de ser feitos desenhos a várias escalas em que fossem explicados a aplicação de todos os materiais de forma detalhada. Para além disso era também de extrema importância que todos os materiais fossem de origem nacional e que todos eles fossem materiais dignos de tal edifício.

O Banco Nacional Ultramarino acaba por ser adquirido pela Câmara para a construção da nova Caixa Geral de Depósitos, neste terreno teria existido também a cerca de Sant'Ana, terreno esse que a Câmara viria a ceder para a construção deste novo edifício. O edifício do Banco foi demolido para construção de um novo edifício de grandes dimensões, que para além de ocupar a área do antigo, ocupa também parte da área onde tinha existido o Teatro D. Maria Pia.



Figura 47 – Alçado antiga Sede da Caixa Geral de Depósitos. (Correia, 2013)

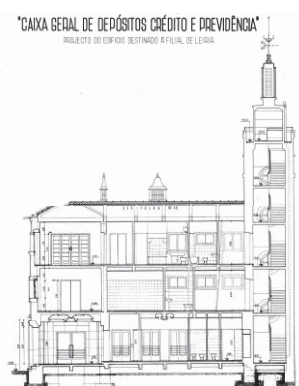


Figura 49 – Secção, antiga Sede da Caixa Geral de Depósitos. (Correia, 2013)

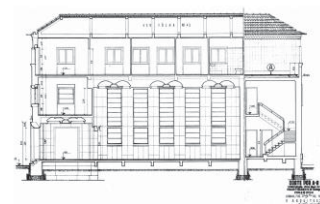


Figura 48 – Secção, antiga Sede da Caixa Geral de Depósitos. (Correia, 2013)

Em 1983 o edifício acaba por ser parcialmente demolido por já não conseguir responder às necessidades para que foi criado, e, foi construído um novo edifício, também para a Caixa Geral de Depósitos, de grandes dimensões e que ocupa praticamente todo o quarteirão, foi um projeto do arquiteto Raul Chorão Ramalho inaugurado em 1984.



Figura 50 – Filial da Caixa Geral de Depósitos, e Fonte Luminosa, Jornal Região de Leiria, 2015.

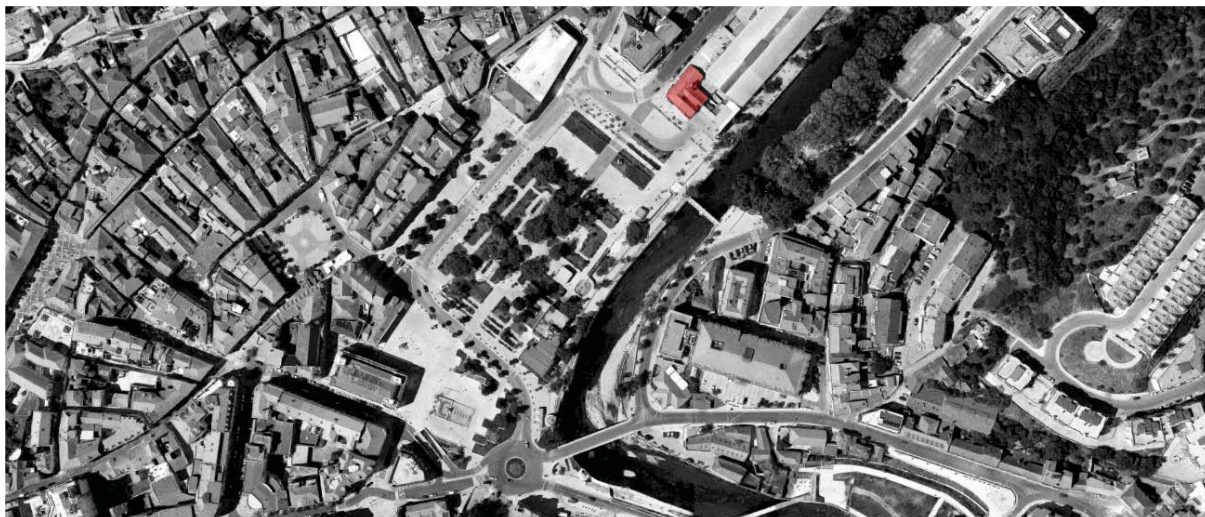


Figura 51 – Casa projetada por Camillo Korrodi.

2.1.6.3. Casa de Ernesto e Camilo Korrodi

No gaveto formado pelo Largo 5 de Outubro e a Avenida Heróis de Angola, surge um edifício habitacional e comercial em 1940, da autoria do arquiteto Ernesto Korrodi e Camilo Korrodi.

Segundo aquilo que se pode perceber através da análise da memória descritiva do projeto de 1940, este era o primeiro de muitos edifícios projetados para esta nova Avenida, que dava possibilidade à expansão da cidade para Norte/Nascente.

A Câmara Municipal tinha o objetivo bem traçado, pretendia-se elaborar um conjunto de construções modernas dignas da posição que vinham a ocupar. Posto isto, e sendo o projeto para o edifício a elaborar, da autoria de Ernesto Korrodi, o processo segue à partida condicionado a nível de alçados por imposição da Câmara.

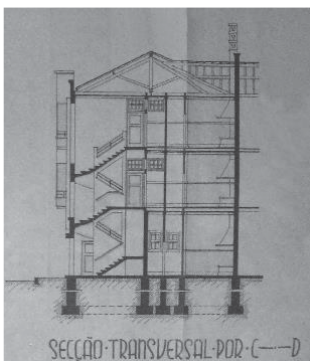


Figura 52 – Secção transversal da habitação coletiva de Ernesto e Camilo Korrodi. (Correia, 2013)



Figura 54 – Alçado principal, voltado para a Avenida Heróis de Angola. (Correia, 2013)



Figura 53 – Alçado lateral, voltado para o Largo 5 de Outubro. (Correia, 2013)

Apesar de ser já um edifício com estrutura em betão armado, a organização interna é ainda muito tradicional e típica do início do século XX. O projeto acompanha a corrente “fachadista”¹⁸ dos prédios de rendimento da Lisboa dos anos trinta, no entanto o modernismo apresentado nas fachadas, acaba por não ser continuado no que toca à organização interior em planta. No que toca à cobertura com estrutura em madeira e revestimento em telha, mantém o sistema tradicional e duas águas. Contém também uma caleira que é escondida pela platibanda.

Para a restante parte do lote onde não tinha havido intervenção, foi apresentado em 1962 um projeto de Camilo Korrodi, onde não são seguidos os alçados do projeto de 1940¹⁹. (Correia, 2013, pp. 227-231)



Figura 58 – Edifício Faria, atual Edifício Garage.

2.1.6.4. Edifício Faria

Na interceção do Largo 5 de Outubro com o Largo Cónego Maia, encontramos o antigo Edifício Faria, hoje com o nome de Edifício Garage construído em 1908 pelo construtor civil Augusto Romão. Caracteriza-se por ser um edifício de estilo Arte Nova, com um desenho arquitetónico que sobressai de entre todos os da redondeza e pelos seus azulejos decorativos em cimalha. Surge muitas vezes associado ao Largo 5 de Outubro apesar de não ser diretamente dele, mas acaba por criar um grande impacto a quem circula no Largo, e acaba por ser a sua

¹⁸ Recuperação ou construção de fachadas seguindo uma determinada tendência.

¹⁹ Memória descritiva de projeto de 1962.

“fachada norte”. Foi reconstruído em 2009 a par da intervenção do Programa Polis, mantendo-se o desenho original do edifício tal como do arco Garage.

Durante o século XX, o seu rés-do-chão acolheu diversas funções comerciais. Foi local de uma das mais importantes e conhecidas padarias de Leiria, a padaria Sequeira. Tinha também uma garagem, garagem essa que acaba por dar o nome ao edifício, esteve também instalada uma oficina de automóveis e foi também espaço onde decorreram sessões de cinema. Nos andares superiores existia habitação.



Figura 61 – Fachada direita do edifício Garage, voltada para a Avenida Heróis de Angola.



Figura 60 – Fachada principal na atualidade do edifício Garage.



Figura 59 – Parte da fachada antiga do edifício Garage. (Costa L. V., 1989)

Trata-se de um edifício elegante no que toca à elevada elaboração das fachadas, no entanto de construção muito frágil devido à qualidade do terreno que em tempos havia sido pantanosa, e houve de logo a noção que ao fazer alguma intervenção, ela teria de ser de raiz, ou seja, teria de ser demolido e contruído um novo edifício o que incluía também um enorme custo para o proprietário. (Faria, Soproi, & Monterg, 2009, p. 10)

Já em extremo estado de degradação, o proprietário decide reconstruir o edifício no seu interior e manter as fachadas. As fachadas foram recuperadas, foi acrescentado mais um piso aquilo que já existia acima do arco com a inscrição “Garage” e foram criadas novas habitações nos pisos três e quatro. Inicialmente o volume que agora existe acima do arco Garage não existia e foi criado de forma a expandir a área do edifício adjacente para função habitacional. Já que se fala aqui em usos, é importante também referir novamente os comércios que lá existem neste momento. O edifício foi ocupado de imediato pela marca Bershka que ocupa o piso térreo e o piso dois e pela loja de acessórios e rações para animais Brinka, todo o restante edifício, os pisos superiores, são reservados a habitação.

Fica voltado para o Largo 5 de Outubro e dá de costas para dois edifícios habitacionais e comerciais, um voltado para o Largo Cónego Maia e o outro voltado para a Avenida Heróis de Angola. Das outras duas fachadas e não menos importes, uma dá para a Avenida Heróis de Angola e a outra dá para o Largo Cónego Maia porem estas ultimas têm configurações e

desenho completamente diferentes. Enquanto a ultima respeita a fachada antiga que l existia, e se trata apenas da sua recuperação, não criando demasiado impacto com a construção que fica de frente para ela, nomeadamente a S de Leiria e outros edifícios habitacionais, a outra acaba por se resumir ao acrescento de pisos efetuado em 2008.  possível observar que os vos revelam de forma explicita aquilo que foi anteriormente dito na medida que os que ficam voltados para o Jardim Luís de Camões e para o Largo 5 de Outubro, neste caso um novo vo do novo volume, excluindo os vos da habitação do piso quatro, ele acompanha o formato dos vos da fachada que o ladeia, a fachada antiga, mas que agora funcionam como uma só. Já na fachada voltada para a Avenida Heróis de Angola, existem dois vãos na fachada nova, e, mais uma vez sem contar com o piso habitacional quatro, vos esses que vão ao encontro dos que os rodeiam, e que se caracterizam por serem vos corridos.

 também importante referir que o piso quatro apesar de ser um tanto ou quatro contrastante não são em termos da configuração dos vos que não seguem o mesmo alinhamento dos restantes, mas também devido à cor escolhida, o cinza escuro, acaba por ter uma posição mais recuada em relação à restante fachada criando assim uma zona de varanda corrida que d tanto para o Largo e para o jardim, como para a Avenida.



Figura 62 – Pormenor da fachada do Edifício Garage, do construtor civil, Augusto Romão. (Correia, 2013)



Figura 63 – Estação Rodoviária.

2.1.6.5. Estação Rodoviária

No ano de 1956 surgia em Leiria um novo projeto do Arquiteto Camilo Korrodi, a Gare Rodoviária (1956-1969).

O projeto foi pensado como um todo, no entanto existem três empresas que desempenham as suas funções em separado. O projeto insere-se no plano apresentado pelo arquiteto Lima Franco para a zona da nova Avenida Heróis de Angola e ocupando praticamente todo o quarteirão até ao Passeio do Marachão, começando no Largo 5 de Outubro, desenvolvendo-se através do contorno dos edifícios já existentes até à praça para onde estaria planeado o mercado.

Em 1956, data em que se começaram os trabalhos até 1960, foram feitas muitas alterações devido à introdução de novos programas e o redimensionamento de espaços.

No lado Nascente do edifício estavam situados todos os serviços necessários a um edifício deste género, “*o corpo de serviços relativos ao funcionamento da gare, sendo composto pelas instalações sanitárias de ambos sexos, armazém de guarda de bagagens e compartimentos para guardar óleos e material de limpeza e manutenção do espaço.*” Nesta fase, ainda inicial, estes serviços estavam integrados dentro do espaço da gare, no entanto, foi necessário obter mais espaço na zona de circulação e para estacionamento dos autocarros, e

como tal, foi “*proposta a sua localização sob o Passeio do Marachão, ocupando uma faixa de 3 metros de subsolo público desnivelado em relação ao piso da gare.*”²⁰



Figura 65 – Secção transversal da Gare Rodoviária. (Correia, 2013)

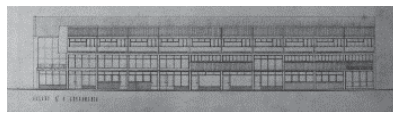


Figura 66 – Alçado da Gare Rodoviária, sobre a Avenida Heróis de Angola. (Correia, 2013)

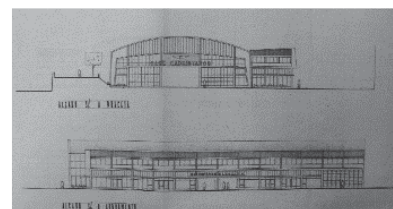


Figura 64 – Alçados do anteprojeto da Gare Rodoviária. (Correia, 2013)

Um dos problemas do arquiteto, era o fato de a avenida ser toda composta por edifícios quer habitacionais, quer comerciais, e como tal teria de arranjar solução para a fachada Poente da gare. Optou pela criação de um volume estreito, mas bastante comprido que permitia acolher variados programas de interesse para a cidade, desta forma, acabaria por não destoar da edificação envolvente.

Foi prevista a instalação de um café e de espaços comerciais no piso térreo que teriam relação direta, quer com a gare, quer com a Avenida Heróis de Angola. Neste piso localizava-se também a zona destinada aos utentes, as bilheteiras, as secções de despachos e as zonas de espera. As bilheteiras das gares Capristanos e Oliveiras, eram iguais e separadas apenas por uma vitrine expositiva, pois estas funcionavam as duas em conjunto²¹.

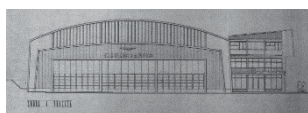


Figura 67 – Alçado voltado sobre a possível localização da nova praça. (Correia, 2013)



Figura 68 – Interior da gare rodoviária. (Correia, 2013)

O projeto inicial do volume a Poente, continha dois pisos que não eram ocupados na sua totalidade pelo programa imposto para a gare “...vindo a ser agravado este défice de programa pela criação de um piso intermédio, de sobreloja, previsto nos desenhos de julho de

²⁰ Memória descritiva de projeto, abril de 1959.

²¹ Memória descritiva do anteprojeto, dezembro de 1956.

1957 para que o complexo Oliveiras/Capristanos atingisse a mesma cêrcea do volume contíguo à gare Claras.”

A empresa Capristanos propôs a construção de uma unidade hoteleira para a gare, que oferecesse conforto e de boa qualidade de forma a dar a uma cidade com a dimensão de Leiria, um estabelecimento deste tipo²².

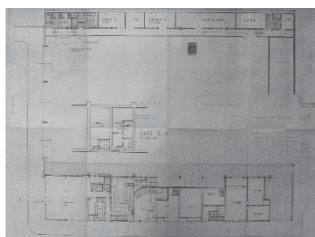


Figura 69 – Planta do rés-do-chão da Gare Rodoviária. (Correia, 2013)

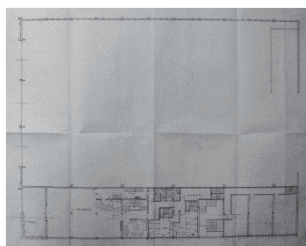


Figura 70 – Planta do segundo piso da Gare Rodoviária. (Correia, 2013)

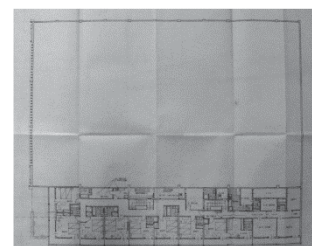


Figura 71 – Planta do terceiro piso da Gare Rodoviária. (Correia, 2013)

O objetivo seria resolver o problema de área em excesso dos segundo e terceiro piso que tinham relação direta com o café do rés-do-chão, como é referido ainda na mesma memória descritiva. O rés-do-chão teve de ser ampliando sobre a avenida devido ao acrescento desta função, e possibilitou a criação de um terraço para o restaurante que se situava a uma cota superior. Para além disso, a ampliação permitia criar zonas de serviços mais amplas, como tal, a cozinha acabou por ser redesenhada de modo a poder servir tanto o restaurante como a estalagem. Esta estalagem era acessível de forma independente a partir da Avenida Heróis de Angola e por isso funcionava de forma independente em relação aos restantes serviços da gare pois possuía um átrio que conduzia as pessoas quer a um espaço, quer a outro. No átrio anteriormente falado existe uma escada que nos leva aos quartos e a alguns serviços de apoio.

O projeto desta gare foi uma grande revolução a nível arquitetónico e urbanístico, uma das maiores por que Leiria haveria passado. Porém com o tempo perde-se alguma da importância inicial e os espaços vão sendo adaptados a outras funções. Foram construídas oficinas do lado que dá para a praça onde seria implantado o novo mercado, espaços comerciais no volume dianteiro, tal como escritórios.

²² Memória descritiva de projeto, agosto de 1960.

Nos dias de hoje, este “contentor arquitetnico”, continua a responder  dinâmica da cidade para alem do importante testemunho histórico que acaba por ser no que diz respeito  urbanização da zona envolvente  Avenida Heróis de Angola. (Correia, 2013, pp. 233-243)



Figura 72 – Vista a partir do Largo 5 de Outubro. (Correia, 2013)



Figura 73 – Paço Episcopal.

2.1.6.6. Paço Episcopal

O edifício do antigo Paço Episcopal acaba por ser a fachada norte do Largo 5 de Outubro. Apesar de ser bastante importante como definidora de espaço,  também uma importante obra arquitetnica do século XX.

Os esforços para recolher informação acerca do passado deste edifício, acabaram por ser em vo. No entanto, no que toca às obras recentes, encontrou-se imensa informação e foi sobre ela que se trabalhou.

O alinhamento das fachadas é algo que salta imediatamente  vista, todos os vos que existem no rés-do-chão, têm prolongamento para o segundo piso. Os vo são todos iguais, todos

permitem o atravessamento. No caso do rés-do-chão como acesso ao edifício, já nos pisos superiores os vãos dão acesso a pequenos varandins.

Pela observação da fachada principal ficamos com a ideia de que existe um terceiro piso, talvez reservado a funções mais específicas visto ter cobertura inclinada. Este piso é possível de observar na fachada principal devido ao embasamento triangular centrado que existe no topo do edifício e do vão que se rasga nesse mesmo triângulo.

O desenho de fachadas que compõem o largo representa um elemento fundamental para se perceber como evoluiu a construção em torno do rio. Neste conjunto de edifícios encontra-se o edifício do Antigo Paço Episcopal, torna-se um elemento arquitetónico interessantíssimo e é a mistura com outros estilos arquitetónicos num curto espaço que tornam o largo tão interessante. *“A conjugação do novo com o velho resultou em fachadas contemporâneas com respeito pela história, pelas preexistências e esteticamente agradáveis. As fachadas que compõem a frente de rio constituem-se como o cenário onde as vivências ribeirinhas acontecem, daí a sua importância para a renovação destes espaços.”* (Silva S. M., 2010, pp. 119-121)



Figura 74 – Obras efetuadas no edifício do Paço Episcopal. Imagem de João Mascarenhas Mateus, 2011.

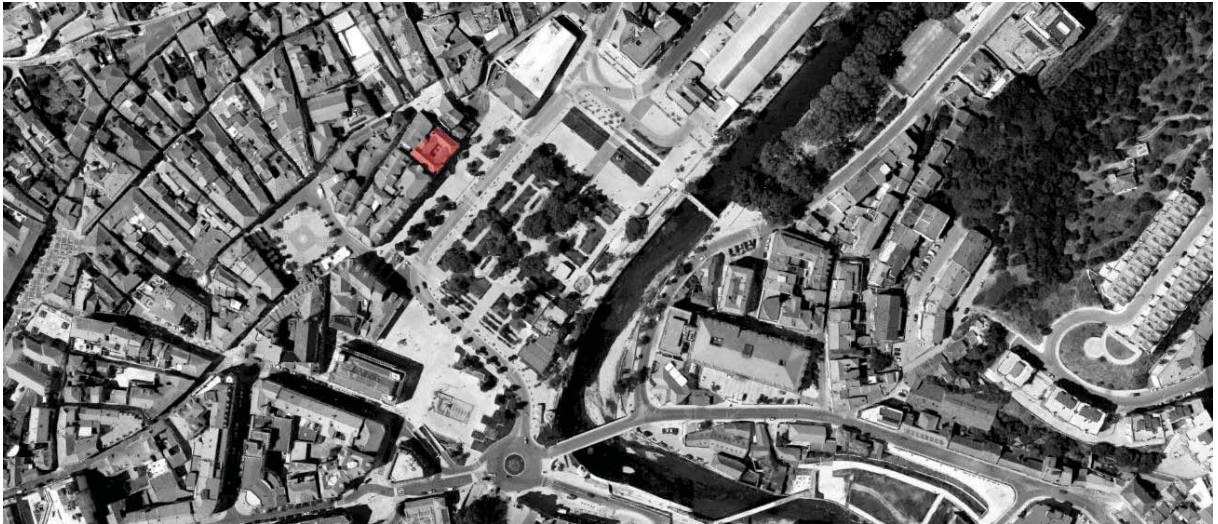


Figura 75 – Localização do Edifício Banco de Portugal

2.1.6.7. Banco de Portugal

O projeto para a Sede do Banco de Portugal elaborado pelo arquiteto Ernesto Korrodi, data de 1924 e localiza-se no Largo 5 de Outubro em Leiria, ocupando o nº4 e permaneceu com essa função até 31 de julho de 1994. (Damásio, 2013)

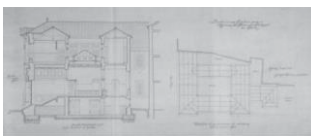


Figura 77 – Secção do Banco de Portugal. (Damásio, 2013)

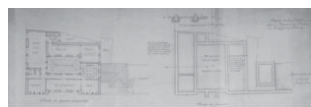


Figura 78 – Plantas do edifício. (Damásio, 2013)

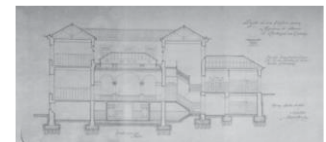


Figura 76 – Secção do projeto para a Sede do Banco de Portugal – Leiria. (Damásio, 2013)

É constituído por três volumes e apresenta traços neobarrocos. O seu exterior apresenta a arquitetura que Ernesto Korrodi designava de tradicional da primeira metade do século XVIII, uma arquitetura apalaçada. Quanto às fachadas, na principal²³ e que dá para o Largo, existe um enorme pórtico, “...com colunas de capitéis jónicos em pedra lioz, encimado pelas armas nacionais e apresenta janelas trabalhadas e com ferro forjado. A cornija termina num beiral saliente cuja função é meramente decorativa, mas que acentua o movimento das formas. O

²³ “A fachada principal, sem ter em conta os volumes de anexos, divide-se em cinco partes. As suas partes laterais, salientes em relação à restante fachada, são compostas, ao nível do piso parcialmente enterrado, por duas pequenas aberturas gradeadas de topo arqueado.”

edifício assenta sobre um embasamento duplo, em silhares almofadados.” Os grandes portões quer de um lado quer do outro, rematados com cornijas dão ao edifício a singularidade que ele realmente merece no contexto urbanístico em que se insere. (Korrodi, p. 31)

O elevado nível de ornamentação quer dos portões quer das grades das janelas tal como os capitéis e as esculturas dos frontões é de elevada importância pois são eles que, através da orgânica que apresentam, nos permitem caracteriza-lo como edifício de Arte Nova. A cobertura tem a estrutura feita em madeira com telha por cima e num espaço central existe, construída com ferro e vidro, uma enorme claraboia.



Figura 79 - Alçado principal da Sede do Banco de Portugal – Leiria. (Damásio, 2013)

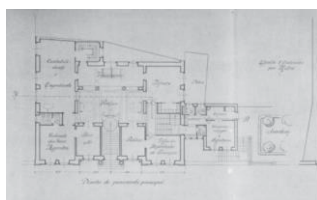


Figura 80 – Planta do piso térreo da Sede do Banco de Portugal. (Damásio, 2013)



Figura 81 – Detalhes construtivos do Banco de Portugal. (Damásio, 2013)

Após ser adquirido pela Câmara Municipal de Leiria, não existiram alterações no seu exterior, apenas existiu uma adaptação do seu interior com a colocação de paredes falsas para que este pudesse servir as funções para o qual agora era destinado, Sede do Departamento da Cultura da CM e espaço cultural, onde se costumam, hoje em dia assistir a várias exposições temporárias que atraem milhares de visitantes todos os anos.



Figura 82 - Pormenor de uma das janelas e do alinhamento que existe na fachada principal. (Damásio, 2013)

2.2. Situação atual da área de estudo

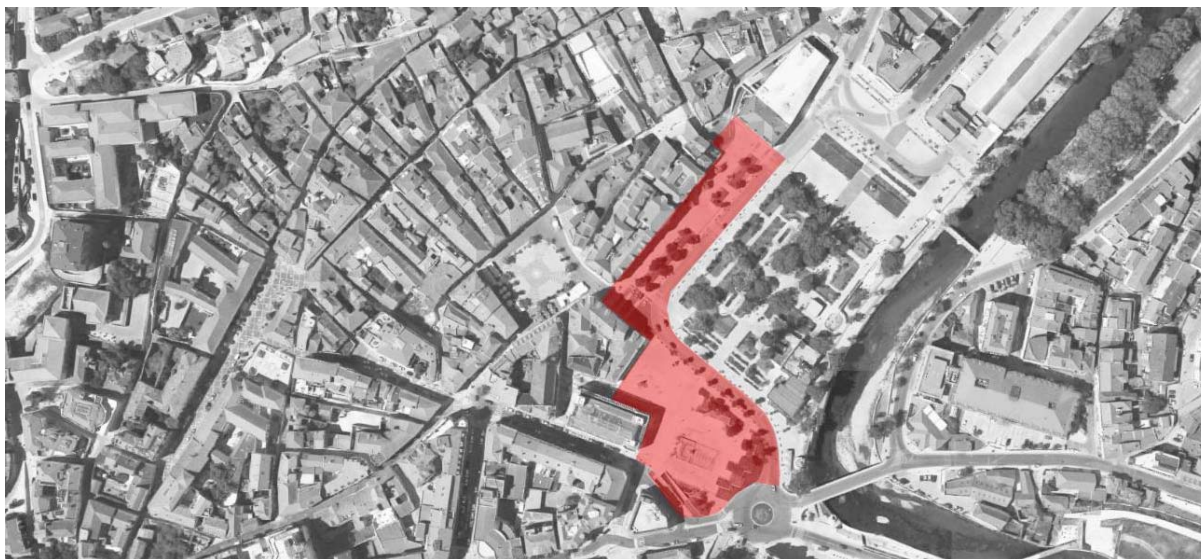


Figura 83 – Imagem aérea da cidade de Leiria com a área de estudo assinalada a vermelho, corresponde ao Largo 5 de Outubro, antigo Rossio bem com o espaço que contem a Fonte Luminosa.

O Programa Polis foi a intervenção recente de maior importância nos últimos anos. A área de estudo foi alterada com esta nova intervenção. No que toca a este Programa, as transformações efetuadas no tecido urbano e na paisagem da cidade de Leiria, surgiram devido à necessidade de se criarem novos equipamentos que melhorassem três importantes aspetos. A qualidade ambiental, a mobilidade e a sociabilidade na medida em que a cidade cresceria também economicamente com a abertura dos parques de estacionamento subterrâneos, as pontes pedonais sobre o Lis, os espaços verdes, como é o caso do Jardim Luís de Camões acompanhado de nova iluminação e mobiliário urbano que responda às necessidades do dia-a-dia.

Em Leiria, o principal objetivo deste programa foi a recuperação das margens do rio Lis, tal com a construção de várias pontes lúdicas que permitem o atravessamento entre margens de forma pedonal.

Após a intervenção percebe-se que pouco restou da paisagem histórica que existia, os relvados, a configuração dos canteiros, as árvores importadas e até mesmo os muros que confinam agora as margens do rio e onde está situado o Passeio do Marachão, foram alteradas para sempre. No local de acesso ao antigo Rossio, foi criado um parque de estacionamento subterrâneo, já parte do parque que existe à superfície e datado do Estado Novo, foi mantido. Foi criado um corredor de circulação automóvel em calçada e pedra natural de forma a que o

trânsito se fizesse com menos velocidade e de forma a dar mais segurança aos peões sendo que um dos grandes objetivos seria devolver aquele espaço ao peão e limitar a circulação automóvel.

Num local pouco usado pelo público, as novas árvores de pequeno porte, os bancos, as papelarias, os quiosques e até mesmo os corrimões em aço inoxidável que delimitam algumas zonas, acabam por voltar a trazer uma nova vida aquele espaço. Porém a imagem da cidade de Leiria é consideravelmente alterada após a esta intervenção.

Na praça do Rossio foram recuperados dois edifícios antigos: o antigo Paço Episcopal agora denominado Edifício ‘O Paço’ e o Edifício Garage, construído em 1908. O método de intervenção adotado para estes edifícios passou pela completa demolição do interior e uma grande transformação no seu volume exterior sendo que nas poucas paredes que se resolveram manter de pé, foram trocados os caixilhos das janelas e os revestimentos.

Nas traseiras do antigo paço episcopal surge um novo edifício anexo cuja fachada reorienta a leitura da Praça João Paulo VI, e neste anexo passam a funcionar importantes comércio como o cinema, o restaurante “O Paço”, uma cervejaria e uma loja de roupa, um projeto do arquiteto Carrilho da Graça. Já no edifício Garage, um projeto da arquiteta Sara Saragoça, são criados superior e lateralmente novos espaços dedicados a habitações. (Mateus, 2011, pp. 8-9)

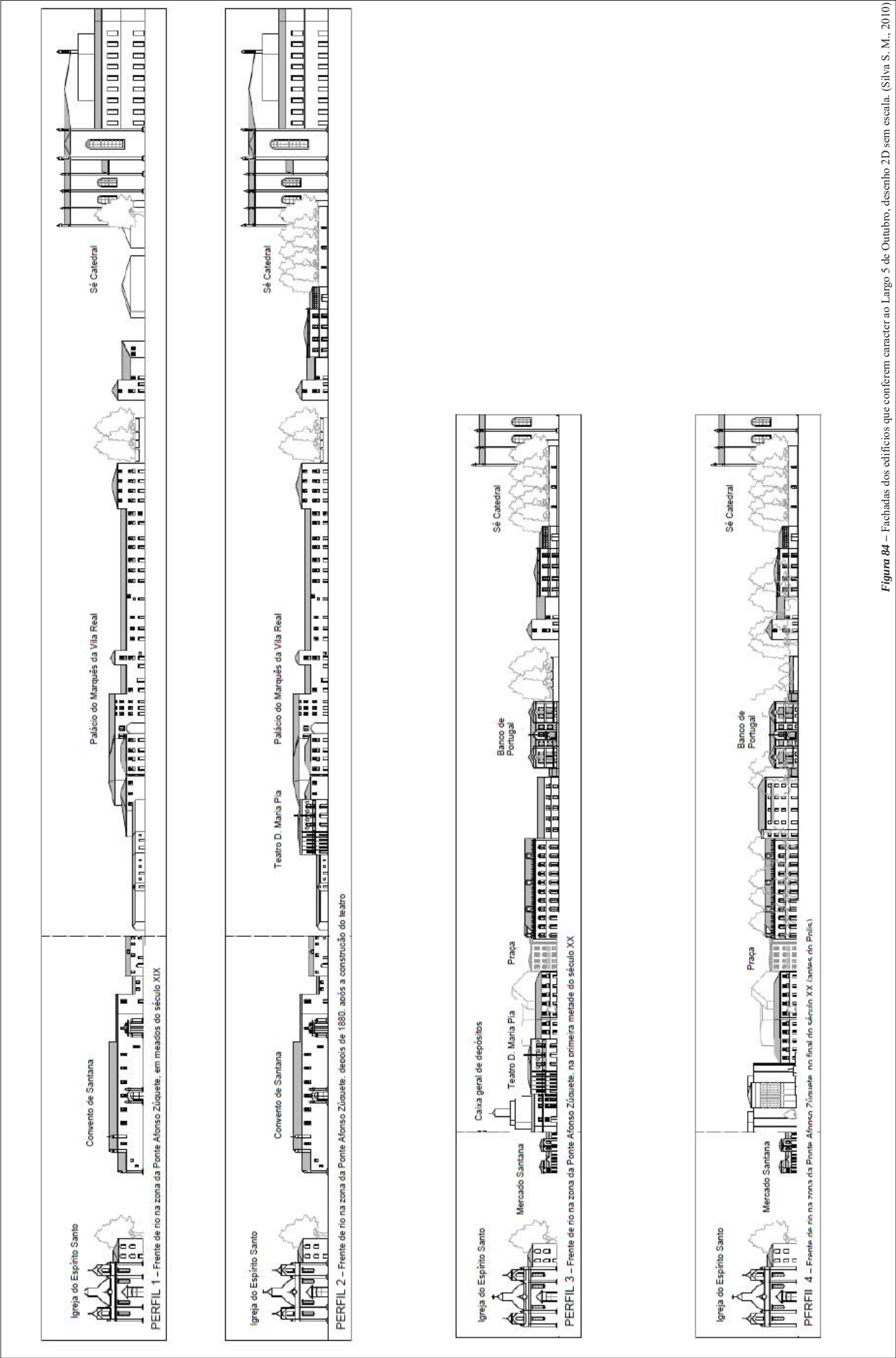


Figura 84 – Fachadas dos edifícios que conferem carácter ao Largo 5 de Outubro, desenho 2D sem escala. (Silva S. M., 2010)

2.2.1. Edifícios correntes

De todos os edifícios anteriormente referidos, ainda todos permanecem no local. Alguns deles sofreram processos de restauro quer nas fachadas, quer no interior, no entanto a maior parte deles sofreu uma intervenção profunda no seu interior.

A imagem da Avenida Heróis de Angola muda por completo, principalmente pela alteração de fachadas de dois dos edifícios mais emblemáticos, “O Paço” e o edifício “Garage”. São exemplos de como é possível misturar arquitetura antiga com conceitos mais modernistas. O edifício Garage, que já foi alvo de muitos elogios, surge uma parte totalmente nova, onde o exterior é completamente forrado em telhas, um conceito inovador e diferente. (Faria, Soproi, & Monterg, 2009, pp. 3-10)

2.2.2. Análise de projetos recentes de transformação

O Programa Polis teve como principal objetivo a valorização ambiental, ou seja, a valorização das margens do rio Lis e a integração deste na vivência da população visto ter sido em tempos um dos principais fatores que levou ao crescimento estruturado da urbe e da cidade dos dias de hoje. “(...) *A intervenção abrangeu ainda a requalificação da zona consolidada da cidade e de espaços de transição entre o centro histórico e a franja periurbana (...)*” (Trindade, 2008, p. 20)



Figura 86 – Vista aérea de parte da área de intervenção do Programa Polis, Rio Lis.



Figura 85 – Vista sobre o Largo 5 de Outubro a partir da Praça Goa Damão e Diu.



Figura 87 – Ciclovias e vias de circulação pedonal criados pelo Programa Polis.

A intervenção tem por base algumas estratégias adotadas. Essas estratégias passam pela reestruturação e modernização do sistema urbano, agregado à estratégia de ordenamento de território bem como a promoção e revitalização económica dos centros urbanos, modernizando e potenciando a eficácia dos estabelecimentos de comércio, outra das estratégias, e não menos importante, a requalificação e melhoria do espaço urbano e reforço da relação

econmico-social na cidade e por fim, um dos grandes e principais objetivos, que passa pela salvaguarda do patrimnio construído.

Postos estes objetivos como de extrema importância, surge um outro tmbm ele muito importante e que confere grande parte da movimento a que a cidade de Leiria hoje se sujeita.

A forte aglomeração urbana, multipolar e hierarquizada, tem como elemento focal vários eixos que fazem da cidade de Leiria uma cidade policêntrica. (Polis, 2000, pp. 23-26)

Para além destas medidas adotadas, existem outras mais específicas que têm relação direta com certos edifícios e com o as acessibilidades e os transportes. São importantes fatores pois existem diversos edifícios que vão sofrer diretamente com a intervenção do Polis, tal como muitas das vias, reduzindo a velocidade do transito automóvel e aumentando a área e segurança para os peões.



Figura 89 – Parque dos Mortos, outra das áreas de intervenção do Polis.



Figura 90 – Imagem rea de parte da intervenção do Polis na cidade de Leiria.



Figura 88 – O Passeio do Marachão e o Jardim Público, a requalificação das margens do Lis.

2.2.2.1. Patrimnio e cultura

A intervenção no centro histórico da cidade tinha como objetivo a preservação do patrimnio edificado e uma estratégia de atuação e para isso seria essencial a elaboração de uma Plano de Pormenor de Salvaguarda do Centro Histórico.

Era tmbm importante a integração destes elementos com valor patrimonial na restante cidade com o arranjos dos diversos espaços que os envolvem. A ligação entre o Castelo de Leiria e a zona histórica da Baixa, poderia ser feita através da construção de um teleférico apesar do impacte visual que poderia causar tendo em vista o contexto urbano em que se inseria.

A recuperação e utilização de pisos térreos de vários edifícios com historia que pelo centro histórico existem sem qualquer função, poderiam vir a estimular a relação entre a valorização do patrimnio e a própria atividade turística.

2.2.2.2. Acessibilidades e transportes;

No que toca às acessibilidades, a AMAE divide-as em três níveis, as suprarregionais, regionais e concelhia. A cidade de Leiria apesar de ocupar um local bastante privilegiado no contexto nacional, os principais eixos que pela cidade passam, nomeadamente a A1, IP1 e a N1, não existe boa ligação entre esses eixos com os segmentos que os ligam à cidade. Surge a possibilidade de construção da já prevista A8 e da IC2 como estradas que façam a ligação Norte-Sul.

Quanto às ligações Oeste-Este surgem como prioridade a concretização da IC9 e IC36 como principais vias de ligação.

Para além destas vias que fazem a canalização por todo o país, é também importante a concretização das várias vias direccionadas aos principais centros urbanos. (Polis, 2000, pp. 26-28)



Figura 91 – Pontes lúdicas e pedonais de travessia do rio.

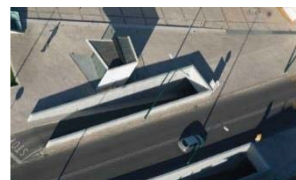


Figura 92 – Acessos aos parques de estacionamento subterrâneos.

2.2.3. Edifícios singulares

Existem edifícios que conferem tanto ao Largo como  cidade uma identidade muito própria, são eles que a caracterizam. A Gare por ser um dos elementos com extrema importância histórica por ser um dos grandes motores de evolução, o Banco de Portugal pela sua importância histórica e pela sua arquitetura inigualável e o acrescento do Paço Episcopal, como obra de arquitetura mais recente, já do século XXI por ser um elemento arquitetnico que apesar de recente não destoar com a restante imagem que o envolve.



Figura 93 – Gare Rodoviária.

2.2.3.1. Gare Rodoviária

Lima Franco propôs a implantação da Gare no seu plano, no entanto o projeto para esta parte da iniciativa de três empresas de transportes rodoviários que viram em Leiria uma boa oportunidade.

Apesar de a Gare Rodoviária não ter sofrido alterações com o programa Polis, ela sofreu algumas alterações internas ao longo do tempo, alterações no que toca ao programa que esta continha e normais enquanto edifício e sociedade que tmbm evoluem e como tal existem hábitos que se vão alterando.

Como referido anteriormente, na fachada principal que está voltada para a Avenida Heróis de Angola, existe uma enorme correnteza de lojas que visa dar diversidade quando se fala no consumo daquela população. Sendo que tmbm esta zona se pode considerar parte do centro histórico, e sendo que os habitantes desta zona, praticamente todos, com idade já

avançadas, é importante que haja maior diversidade devido à dificuldade de deslocação a um centro maior, neste caso o centro comercial Leiria Shopping.



Figura 94 – Fachada da Gare Rodoviária voltada para a praça de táxis.



Figura 95 – Fachada Norte onde atualmente está instalado uma oficina de Renault.



Figura 96 – Fachada Sul da Gare Rodoviária, voltada para o Jardim Luís de Camões.

A área ocupada pela Gare foi, portanto, reduzida conforme a necessidade, com a abertura de mais lojas e, do lado voltado para o Teatro José Lúcio da Silva deixou de existir a saída que então pertencia às gares das empresas de transportes públicos da época, Capristanos e Oliveiras, para passar a ser uma oficina de automóveis e stand da Renault tendo a saída de todas as empresas de transportes de ser efetuada pela Avenida Heróis de Angola, o eixo principal. Na praça que a fronteira, onde supostamente seria para contruir o novo mercado, existe hoje uma praça de táxis que de certa forma complementa os transportes rodoviários e/ou fazem o transporte direto para o núcleo histórico.

Quanto à fachada voltada para o Largo 5 de Outubro e para o Jardim Luís de Camões, pouco ou nada se alterou. Continuamos a ter o acesso ao edifício habitacional e comercial de esquina, no piso térreo existem serviços de apoio à população como é o caso da instalação bancária Santander Totta, seguido da entrada para o conjunto habitacional e por uma pequena ourivesaria, a Ourivesaria Marques. Entre esta e o passeio do Marachão encontramos a entrada para a Gare, entrada essa que não foi alterada até hoje.



Figura 98 – Fachada principal da Gare Rodoviária.



Figura 97 – Vista parcial da fachada norte da Gare.

Voltados para a Avenida estavam também instalados um restaurante e uma estalagem de apoio  gare, no entanto estes serviços acabaram por ser desmantelados dando lugar a “escritórios” de várias empresas como  o caso da Remax.

A estalagem situava-se nos segundo e terceiro pisos, e ainda hoje existe esse volume, já o piso térreo é hoje ocupado por um café/pastelaria criado ainda é bastante pouco tempo e uma tica. Do outro lado da entrada da saída de transportes da rodoviária, quando se caminha do Teatro em direção ao Jardim de Camões, existem cerca de duas lojas de bijuterias.

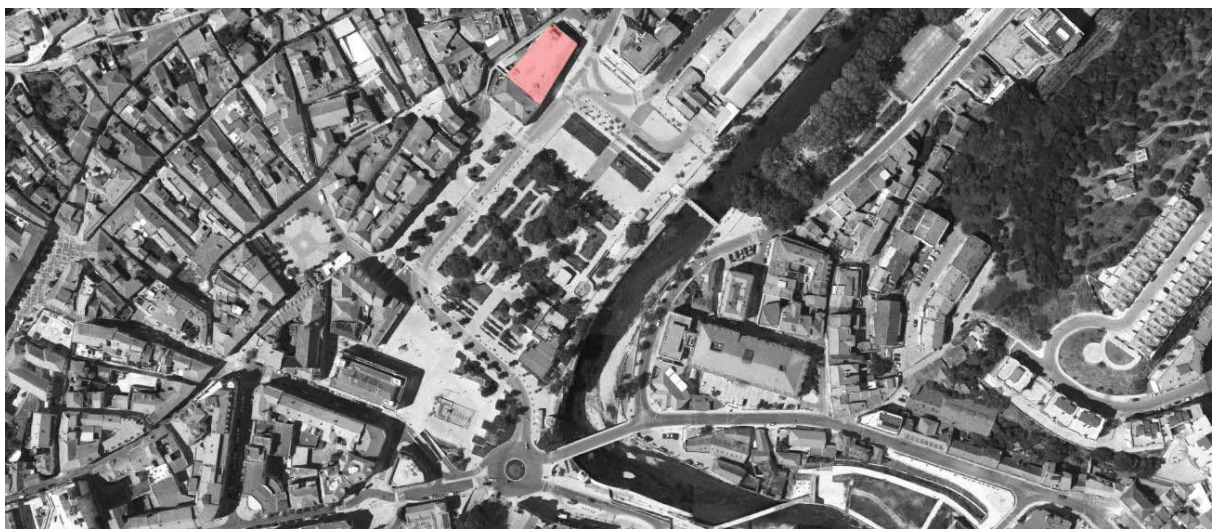


Figura 99 – Acrescento ao Paço Episcopal do arquiteto Carrilho da Graça.

2.2.3.2. Acrescento ao Paço Episcopal

No ano de 2009, um dos mais emblemáticos edifícios do centro da cidade de Leiria apresentava sinais de degradação preocupantes, sendo um péssimo cartão de visita a quem visitava a cidade.

O seu interior foi completamente demolido e foi acrescentado um volume na direção do Largo Cnego Maia, com a fachada principal voltada para a antiga Praça das Sardinhas, um projeto do arquiteto Carrilho da Graça.



Figura 102 – Zona de acesso às salas de cinema Castello Lopes.



Figura 101 – Fachada principal do Antigo Paço Episcopal.



Figura 100 – Acrescento do Paço Episcopal, Carrilho da Graça.

Para além deste acrescento, foram também acrescentados pisos, um -1 que contém neste momento o restaurante “O Paço” e acesso às antigas salas de cinema da Castelo Lopes, atualmente pertencentes à Câmara Municipal de Leiria. Foi acrescentado também um piso -2 onde existe o estacionamento subterrâneo.

No antigo edifício do Paço Episcopal, funciona agora uma loja da marca ZARA, no piso térreo, e nos pisos superiores existem escritórios.

Este contraste entre o antigo edifício e a relação que possuem é de enorme qualidade arquitetónica. A junção de um edifício do século XX, com uma fileira em toda a volta de janelas verticalmente corridas, e uma outra de acessos alinhados com as janelas superiores, com a nova construção do século XXI completamente opaca exceto na fachada principal onde existe um vão que corre o edifício de ponta a ponta com o acesso principal a meio após a subida da escadaria. Nesta parte frontal existe também a rampa que nos dá acesso ao piso inferior, piso esse que também é acessível pelas traseiras, no entanto através de uma escada.

A pequena pala é também um elemento arquitetónico de elevada importância, apesar de quase impercetível acaba por dar continuidade à implantação do edifício antigo.

É importante também referir as cores usadas na parte exterior do edifício, tudo o que fica acima deste enorme vão, está pintado de branco, de forma a não criar grande contraste com o volume antigo e também devido aquilo que são as cores da sua envolvente, o branco é predominante. Já nos pisos abaixo, tudo é preto, como que um assumir daquilo que é a “cave”, mas ao mesmo tempo a assumir aquilo a que se quer dar realmente importância.



Figura 105 – Fachada principal do Antigo Paço Episcopal.



Figura 104 – Piso -1 do edifício de Carrilho da Graça.



Figura 103 – Fachada principal do acrescento de Carrilho da Graça.



Figura 106 – Localização do Edifício Banco de Portugal.

2.2.3.3. Banco de Portugal

A antiga Sede do Banco de Portugal não sofreu diretamente com o programa Polis, mas sim toda a área que o fronteia, nomeadamente o Largo em estudo e o Jardim Luís de Camões. No entanto, e apesar de não ter sido com o programa Polis, este edifício sofreu de fato pequenas alterações.

Após deixar de pertencer ao Banco de Portugal, o edifício foi adquirido pela Câmara Municipal de Leiria de forma a albergar exposições temporárias, e, o edifício não sofreu alterações no que toca à construção já existente, tudo se mantém, foram apenas acrescentadas algumas paredes falsas para que fosse realmente possível fazer dele um edifício para exposições.

De todas as que já se realizaram, a exposição da LEGO, realizada todos os anos, é sem dúvida a mais sonante sendo que em 2014 atraiu mais de 13 mil visitantes.



Figura 108 – Pavimento e comércio no atual Largo 5 de Outubro.



Figura 107 – Entrada principal, Banco de Portugal.

CONCLUSÃO

Identificação dos elementos com maior mutabilidade

Os elementos analisados que sofreram maiores transformações foram os edifícios e o espaço público.

Quanto ao espaço público e com a recente intervenção do Polis, o Largo 5 de Outubro e “as suas fachadas” foram completamente alteradas. Desde logo o estreitar da rua que atravessa todo o largo para dar prioridade aos peões, o estender do passeio em frente do Banco de Portugal e a colocação de árvores e bancos tal como novo pavimento. São todos eles elementos que visam devolver aquela zona da cidade à população. Nas ditas fachadas do largo, existe a recuperação/ reconstrução de inúmeros edifícios, e penso que este será mesmo o elemento com maior capacidade de mutabilidade, visto que com esta recuperação de edifícios, o largo acaba por ganhar uma nova face, face essa que é também a de Leiria quando é visitada atualmente.

A imagem do Largo 5 de Outubro, acaba por voltar a ser muito idêntica àquela que possuía nos anos vinte do século XX, tal como nos mostram as figuras ao lado, a evolução do espaço durante esse mesmo século até à atualidade.



Figura 109 – Largo 5 de Outubro nos anos 20. (Martinho, 2012)



Figura 110 – Largo 5 de Outubro nos anos 80. (Martinho, 2012)



Figura 111 – Largo 5 de Outubro na atualidade.

As ruas/ Os traçados

As ruas que interferem com o Largo 5 de Outubro, sofreram recentemente um processo de reestruturação com o programa Polis. A rua principal antigamente pavimentada com betuminoso, era uma das principais vias de entrada na cidade. Atualmente, e após a intervenção, ela é bastante mais estreita e revestida com calçada pois pretende-se dar especial atenção ao peão e não tanto ao trânsito automóvel. Esta rua começa na pequena rotunda junto à Praça Goa

Damão e Diu, e termina no cruzamento da Avenida Heróis de Angola com o Largo Cónego Maia.

Posteriormente o passeio pelo qual é composto o Largo também ele foi acrescentado por diminuição da área que era ocupada pela via alcatroada. Foram criados canteiros com flores e árvores de grande porte que ora se despem no Outono para deixar passar os tão apetecidos raios solares, ora se cobrem para criar a tão desejada sombra nos dias de calor. Para acentuar ainda mais esta característica, foram também colocados bancos de jardim perto destas mesmas árvores.

Com a melhoria do espaço foram também os edifícios que ganharam com isso, começaram a ser criados comércio/serviços nos pisos térreos ladeados ao Banco de Portugal, e dos que mais força têm, é precisamente um café que criou uma zona de esplanada entre a fileira de edifícios e os tais canteiros com as tais árvores robustas não impedindo o trânsito pedonal, mas convidando, de certa forma, as pessoas a permanecer naquele espaço.

Outro dos elementos que grande importância teve para que o Largo ganhasse a vida que a cidade precisava foi a recuperação do Jardim Luís de Camões. Um jardim até então um tanto ou quanto sombrio, que ganha uma vida completamente nova com a intervenção do Polis e que liga o centro histórico da cidade ao formoso rio Lis.

Voltando novamente à Rua do Largo 5 de Outubro, esta sofre uma pequena alteração antes das propostas dos planos efetuadas pelos arquitetos Cristino da Silva, Santa Rita e Lima Franco.



Figura 113 – Planta da cidade de Leiria do ano de 1809, assinalada a vermelho a ponte dos 3 arcos.

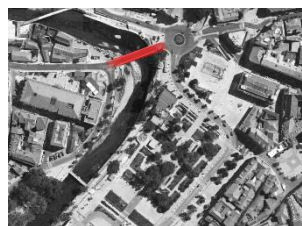


Figura 112 – Imagem aérea de Leiria atual com mancha vermelha da nova ponte, agora com o nome de Afonso Zúquete.

Numa altura em que a principal ponte ainda estava direcionada para a Fonte das Três Bicas, fazia com que a rua que faz parte do caso de estudo fosse, partindo da antiga ponte dos três arcos, demolida em 1902, curvilínea. Após a criação da nova ponte em 1940, com o nome

de Ponte Afonso Zúquete a rua passa a ser muito mais reta, quebrada em dois pontos para efetuar o contorno da Praça Goa Damão e Diu.

O cadastro

Quanto ao cadastro, nada se alterou, os lotes e as implantações dos edifícios continuam as mesmas com exceção para a antiga implantação do Palácio dos Marqueses de Vila Real que ocupava dois lotes e passam agora a ser construídos dois edifícios distintos um em cada espaço.

Os edifícios

Apesar da enorme capacidade de mutabilidade que existe nos edifícios, e, no que toca ao aumento de pisos, apenas um sofreu uma intervenção desse género.

O único edifício onde se verificou um acrescento de pisos, foi o edifício Garage. A construção que existia inicialmente, já continha os três pisos e apenas foi recuperada a fachada de estilo Arte Nova, no entanto, por cima do arco Garage, foram acrescentados 3 pisos.

Existe também substituição de dois edifícios. Os edifícios pelo qual era composto o Palácio dos Marqueses de Vila Real é demolido para a criação de dois edifícios que apesar de conterem uma linguagem arquitetónica idêntica, são de proprietários diferentes.



Figura 114 – Novo volume sobre o arco “Garage”.



Figura 115 – Farmácia Baptista, Largo 5 de Outubro.

Após terem sido erguidos ainda no século XIX, um deles, o de Afonso Zúquete, acaba por arder quase por completo no ano de 1914, apesar disso, o edifício é recuperado pelo arquiteto Ernesto Korrodi e mantém-se até aos dias de hoje. É um edifício que se impõe principalmente na fachada que está voltada sobre a Praça Francisco Rodrigues Lobo não só pelo detalhe que esta apresenta, mas também pela quantidade de serviços e comércios que existem no interior deste edifício, não apenas no piso térreo, mas também nos restantes.

Para além deste edifício, existe um outro que não foi incluído no estudo por não ser possível juntar informação suficiente. No entanto sabe-se que existiu lá um outro edifício que pertencia aos Charters de Azevedo, mas que acabou por ser demolido, e posteriormente foi erguido um novo edifício que aparentemente tinha sido desenhado por um arquiteto Leiriense, porém anos mais tarde o arquiteto Raul Lino lançou desenhos dos alçados elaborados por ele mesmo e, portanto, reside a dúvida de quem o terá realmente criado.

É também importante salientar que este edifício contém a sua fachada principal voltada para o Largo 5 de Outubro e contém um dos cafés mais frequentados e mais conhecidos do Largo, contém também uma esplanada e por ser a única naquele enorme espaço, acaba por atrair pessoas.

Os edifícios destinados aos serviços mais importantes como os espaços de utilização pública, respeitam as normas e condições de acessibilidade para que não haja restrições de utilização. (Martinho, 2012)

Os usos

Sendo que a área em estudo se integra no Centro Histórico, é também neste que o comércio é mais débil nuns casos por má gestão interna do negócio, noutros devido à gestão do sistema urbano. É no espaço público que se percebem as manifestações dessa decadência no comércio e por isso torna-se importante perceber a realidade social e económica tal como os modos de vida, pois são os principais fatores para que possamos analisar as transformações a que o sistema urbano está sujeito. (Dinis, 2008, p. 8)

O espaço público é o elemento que fornece a primeira imagem da cidade, ele funciona como lugar de “(..) *conflito, de conciliação, ou de reparação das relações sociais*”. Tal como se disse, qualquer alteração no espaço altera a rotina da cidade logo, esta deve ter como objetivo um desenvolvimento que ultrapasse, à partida, a setorização social e da própria cidade de forma a “...*integrar as diferentes esferas urbanas.*”

Se na cidade funciona como componente vital, no bairro funciona de igual forma, sendo de menor dimensão, reflete de igual forma a homogeneidade da população que o habita através dos materiais utilizados no espaço. “*Isto pode-se constatar através das práticas de consumo, das práticas de vizinhança e dos movimentos urbanos.*” (Dinis, 2008, pp. 10-15)

No caso de estudo, o Largo 5 de Outubro, os edifícios têm praticamente todos uso comercial. Apenas um contém habitação nos pisos superiores e trata-se de um edifício que não foi escolhido para estudo por não existirem informações concretas à cerca do mesmo.

Começando a identificação dos serviços/comércio atuais do edifício projetado pelo arquiteto Ernesto Korrodi envolvido pela Gare Rodoviária e que está incluído no estudo, temos o banco Santander Totta.



Figura 120 – Geladaria World Needs Nata, Largo 5 de Outubro.



Figura 119 – Edifício Zúquete mais a oeste.



Figura 117 – Ótica Central, Largo 5 de Outubro.



Figura 121 – Loja Intimissimi, Largo 5 de Outubro.



Figura 118 – Edifício Banco de Portugal, Largo 5 de Outubro.



Figura 116 – Vista parcial do edifício “O Paço”, Largo 5 de Outubro.

O antigo edifício do Paço Episcopal não tinha função comercial, tratava-se apenas e só de um edifício dedicado à igreja e ao bispado, porém, após as grandes intervenções que ocorreram no ano de 2009 com a recuperação total do seu interior e o acrescento, acabou por se transformar num edifício comercial. Inicialmente foi ocupado pela marca “Nike” e “ZARA”, bem como, nos pisos subterrâneos, a instalação de um restaurante, “O Paço”, e as salas de cinema pertencentes à empresa “Castello Lopes”. No entanto algum tempo depois, o piso térreo do edifício era apenas e só ocupado pela marca “ZARA”, e os restantes serviços mantêm-se até hoje.

Outro dos edifícios importante, é a antiga Sede do Banco de Portugal, foi adquirido pela Câmara Municipal e hoje é usado para exposições.

Entre este edifício e o primeiro edifício dos Zúquete, continuando a mesma lógica de análise, existe o tal edifício que não foi incluído no estudo, porém, ele contém uma loja da

marca de roupas, a “Intimissimi”. Contem também uma loja da “United Colors of Benetton” e inclui geladaria e cafetaria “The World Needs Nata” que estende uma esplanada sobre o Largo 5 de Outubro.

No edifício dos Zúquete, mesmo junto ao edifício anteriormente falado, podemos encontrar também, voltado para o largo, alguns serviços importantes.

Desde logo a “Farmácia Baptista” e a “Óptica Central” em seguida e já no dobrar do edifício para a Praça Francisco Rodrigues Lobo, existe também uma loja de roupa da marca “Calzedonia” e já ao dobrar para a Rua Dom Dinis existe uma outra instituição bancária que pertence ao “Millennium”.

No outro edifício da família Zúquete existe o restaurante “Mata Bicho”, um restaurante que preenche o redondo da fachada do edifício e que fica tanto voltado para a Praça Francisco Rodrigues Lobo, como para o Largo 5 de Outubro, logo de seguida existe a “MultiOpticas”, a loja de roupa “Stefanel” e novamente um outro ponto bancário do “Santander Totta”.

Ao dobrar a esquina para a Praça Goa Damão e Diu, onde existe a Fonte Luminosa e a já referida instalação da Caixa Geral de Depósitos, existem, viradas para a fonte, diversas lojas de roupa.

Identificação dos elementos permanentes

O Rio Lis surge como principal elemento permanente. Nasce junto da povoação das Fontes e pertence ao distrito de Leiria.

O rio Lis é utilizado para a rega dos terrenos agrícolas, e os campos que o limitam são caracterizados pelos vários canais e açudes para esse efeito. Em alturas de muita precipitação, o caudal do rio aumenta e cria inundações nos campos circundantes, no entanto, a situação tem vindo a ser controlada com a construção de açudes.

O Rio Lis como um dos elementos principais da morfologia urbana da cidade e que de tanto serviu a população durante longos séculos, é hoje um elemento de contemplação. Rodeado, no que toca à área de estudo, por jardins, nomeadamente o Jardim Luís de Camões a Oeste e o Jardim do Avião a Este, e possível de atravessar tanto pela ponte principal pedonal e

de circulação automóvel, a ponte Zúquete ou pelas secundárias e pedonais que se encontram ao longo dele.

Identifica-se o rio como um elemento permanente devido à importância que este tem para a cidade como elemento estruturante da malha urbana, no entanto é importante referir que o seu percurso foi alterado há já alguns séculos atrás devido às inundações que assolavam a população. Com o problema das inundações resolvido, o rio era utilizado pelas pessoas para lavarem a roupa, para diversos moinhos e também para a rega dos campos. Era também um elemento de extrema importância na medida em que oferecia muita segurança ao castelo.

Ao longo dos anos o rio foi perdendo a sua identidade e a relação com a população era cada vez menor, passava cada vez mais despercebido. No entanto, como o programa Polis, o rio acaba por ser devolvido à cidade devido às intervenções nas suas margens. Os jardins foram recuperados, foram criadas zonas de estar e lazer.

Pode assim dizer-se que o rio acaba por ser um elemento permanente devido à posição que ocupa na cidade, àquilo que representa na estrutura urbana. Um dos outros elementos que se consideram neste momento permanentes é o traçado. Apesar de ter capacidade de mutabilidade, ele foi alvo de grandes alterações em 2008 e é o espaço verde que funciona de forma perfeita e em plena harmonia com a cidade, é o maior do centro histórico e o contacto da população com este acaba por dar vida a ambos.

Os espaços têm evoluído de acordo com as necessidades funcionais da cidade.

O Largo e o traçado envolvente

Até aos dias de hoje todas as ruas permaneceram, contudo existiram alterações no tráfego automóvel.

A área de ampliação da ARU²⁴, é atravessada por duas importantes vias que fazem parte da rede viária principal, a “...*Rua Capitão Mouzinho de Albuquerque e Avenida Heróis de Angola, que se bifurca na Avenida D. João III e na Avenida Cidade de Maringá...*”.

O facto de existirem estas grandes vias a fazer o atravessamento na cidade em alternativa à utilização das vias rápidas acaba por prejudicar o funcionamento da vivência do

²⁴ Área de Reabilitação Urbana

centro da cidade devido ao enorme congestionamento que por vezes se faz sentir. Para que não bastasse, a central rodoviária localiza-se num desses eixos, na Avenida Heróis de Angola, o que faz com que o tráfego de viaturas pesadas seja também um problema.



Figura 122 – Pavimento do Largo 5 de Outubro.



Figura 123 – Fonte Luminosa em frente ao Edifício da Caixa Geral de Depósitos, em plena Praça Goa Damão e Diu.



Figura 124 – Sede do Turismo, junto da Praça Goa Damão e Diu, com o Jardim Luís de Camões como pano de fundo.



Figura 125 – Pormenor dos canteiros e dos percursos existentes no Jardim Luís de Camões.

Quanto às zonas pedonais nestas vias, elas são bastante reduzidas em comparação com a dimensão da via, de maneira que acaba por privilegiar o uso das viaturas em vez do uso pedonal, porém este facto que tem vindo a sofrer alterações. (EXPO, 2013)

Sabe-se que a Câmara pretende devolver cerca de 70% da Avenida Heróis de Angola ao peão de forma a reduzir o tráfego automóvel e a dar continuidade à ideia que começou a ser desenvolvida no Programa Polis, tornar a zona do Largo 5 de Outubro o mais segura possível no que se refere às deslocações pedonais. (Silva M. A., 2016)

O Largo, que em 1937 tinha 110 metros de comprimento por 15 metros de largura, tem atualmente o mesmo comprimento, e aproximadamente 21 metros de largura, permitindo que o uso pedonal seja feito em maior segurança e com a comodidade necessária.

Como não existem construções novas, excluindo o volume acrescentado no Paço Episcopal, o alinhamento dos edifícios foi mantido durante todo o século XX. Até este novo acréscimo lançado sobre o Largo Cônego Maia respeita o alinhamento inicial.

Todos os elementos da morfologia urbana permanecem ainda hoje com exceção para a rua do Largo 5 de Outubro que foi reduzida para privilegiar a circulação pedonal, o Largo contém assim outras dimensões e o Jardim Luís de Camões outra configuração a nível interno mantendo os seus limites. (Martinho, 2012)

Identificação dos fatores impulsionadores das mudanças

Os vários planos de urbanização para a cidade de Leiria influenciaram a conformação atual do Largo 5 de Outubro apesar de não terem sido realizados estudos específicos ou de pormenor para esta área da cidade.

Na planta que surge na figura ao lado, bastante antiga, surge a vermelho a zona a que Ernesto Korrodi se propõe intervir para a recuperação dos pavimentos alcatroados da cidade de Leiria, a planta é datada de 1937 e podemos observar na zona da área em estudo, o Largo 5 de Outubro, poucas foram as alterações. Porém das poucas que existem, a mais marcante foi a abertura da Avenida Heróis de Angola, que não está ainda nesta planta de Ernesto Korrodi, mas sim na planta de Lima Franco, aliás, foi proposta a abertura desta tal avenida pelo próprio arquiteto pois constituía um importante ponto de ligação com o “exterior”, ou seja, dava acesso a importantes vias de saída e entrada para a cidade.

Para além desta alteração, são praticamente nulas outras alterações ao local nos diversos planos, apenas a salientar a criação da antiga Praça das Sardinhas pelo arquiteto Lima Francos, mesmo ao lado do Jardim Luís de Camões, Praça essa que hoje tem o nome de Largo do Papa, com uma estátua do papa Paulo VI.

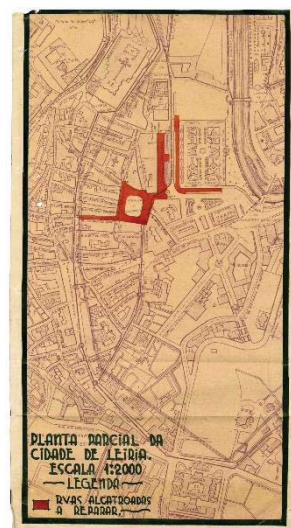


Figura 126 – Planta de pormenor com a proposta de pavimentos a renovar elaborada por Ernesto Korrodi. AMLRA 2016.



Figura 127 - Sobreposição da Carta de 1809 à planta atual (2016). Escala 1:2500.

Neste capítulo em análise importa comparar as plantas, no caso das duas plantas acima apresentadas, podemos observar que, a primeira, por ser uma planta muito antiga, a atual Ponte Zúquete ainda não está sequer construída e surge a ponte dos Três Arcos como principal acesso ao centro da cidade. A localização das pontes não coincide, a antiga termina em frente da Fonte das Três Bicas e a nova termina na pequena rotunda em frente da Fonte Luminosa.

Outra das diferenças que se viria a revelar vitais, tem a ver com o desvio do rio Lis, sendo que o seu desenho, em pouco coincide com o percurso que agora tem. Como consequência disso, é possível observar também que junto do espaço onde hoje existe o Jardim Luís de Camões e a Rodoviária, não existia qualquer tipo de construção muito devido às consequentes inundações, o que tornava o terreno extremamente frágil para a construção.

No que diz respeito ao segundo plano, elaborado pelo arquiteto Santa Rita e elaborado em resposta a um concurso lançado pela Câmara Municipal de Leiria no ano de 1926, surgem algumas propostas que não vão avante devido ao enorme impacto que traziam na cidade, mudaria a cidade por completo e arrasava com o Centro Histórico. Podemos assim observar nesta proposta o alargamento da Rua Direita e a abertura da Avenida Heróis de Angola como principais alterações neste local. É de notar que por este ano, já tinha sido construída a nova ponte, ponte essa que permanece até aos dias de hoje.

A este concurso lançado pela Câmara Municipal de Leiria para o Plano de Melhoramentos e Modernização da Cidade de Leiria, concorreu também o arquiteto Luís Cristino da Silva.



Figura 128 – Sobreposição da planta de Cristiano da Silva (1926) à planta atual (2016). Escala 1:2500.



Figura 129 – Sobreposição do plano de Fernando Santa Rita (1926) à atual (2016). Escala 1:2500.



Figura 130 - Sobreposição do plano de Lima Franco (1954) ao atual (2016). Escala 1:2500.



Figura 131 – Planta atual da Cidade de Leiria, aproximada a área de estudo (2016). Escala 1:2500.

Após a reprovação dos planos apresentados por parte da Câmara Municipal de Leiria, surge a ideia de contratar o arquiteto Lima Franco.

As três plantas anteriores são todas elas o desenrolar de recuos e avanços, o arquiteto que se seguiu a Fernando Santa Rita, Lima Franco, havia pegado no seu plano por, em conjunto com a câmara, acharem que seria o que teria maiores possibilidades. A partir dele, Lima Franco faz também os seus anteplanos e plano, no entanto acaba haver uma rescisão de contrato por parte da câmara que o haveria contratado.

No plano de Cristino da Silva é proposta a nova localização para o mercado, enquanto que no plano de Lima Franco são propostas também as localizações da gare Rodoviária e do novo teatro.

À semelhança do seu concorrente, Santa Rita propõe também a abertura da Avenida Heróis de Angola, no entanto, no que toca ao Largo 5 de Outubro, não existem diferenças nos três projetos, mas sim alterações naquilo que o envolve.

O caso do Jardim Luís de Camões, que já havia sido alterado aquando da Exposição Distrital, apenas volta a sofrer alterações após a intervenção do Programa Polis. Já a antiga Praça das Sardinhas, atual Praça Paulo VI, no plano de Lima Franco, apresenta uma configuração um tanto ou quanto diferente. A Praça atual assemelha-se em muito à configuração dada por Cristino da Silva.

Lima Franco não terminou o seu plano, e de forma a ser “concluído”, a Hidrotécnica Portuguesa desenvolve planos parciais, no entanto, esses planos parciais não interferem diretamente com a área de estudo.

A regulamentação

ID	Designações	Categoria	Tipologia	Grau	Ano	Coordenadas	Imagem
70459	Capela de São Pedro	Arq. religiosa	Capela	MN	1910	39.747197° N 8.807383° O	
70548	Castelo de Leiria	Arq. militar	Castelo	MN	1910	39.747038° N 8.809275° O	
73193	Mercado de Sant'Ana	Arq. civil	Mercado	IIP	1982	39.743336° N 8.807285° O	
73317	Capela de Nossa Senhora da Encarnação	Arq. religiosa	Capela	IIP	1982	39.738761° N 8.799869° O	
73318	Convento de Santo Agostinho e antigo Seminário	Arq. religiosa	Convento	IIP	1982	39.741786° N 8.802358° O	
73319	Convento de Santo António dos Capuchos	Arq. religiosa	Convento	IIP	1982	39.743681° N 8.814015° O	
73320	Convento de São Francisco (restos) e Igreja	Arq. religiosa	Convento	IIP	1984	39.748383° N 8.803351° O	
73321	Edifício do antigo Colégio do Dr. Correia Mateus	Arq. religiosa	Edifício	IIP	1982	39.742571° N 8.810592° O	

Os edifícios aqui assinalados tratam-se de importantes obras protegidas e torna-se importante compreender quais têm ligação direta com o Largo 5 de Outubro.

Os ID's a negrito significam que são edifícios que se localizam já bastante distantes da área abrangida pela planta e como tal não têm qualquer tipo de influência no espaço.



Figura 132 - Planta com os edifícios da tabela 1 assinalados. Escala 1/2500.

Outros fatores

Os arquitetos Cristino da Silva, Fernando Santa Rita e Lima Franco, foram dos mais importantes nesta época. Importa agora compreender que obras e outros autores influenciaram a sua arquitetura.

Arq. Cristino da Silva

O Arquiteto português Luís Ribeiro Cristino da Silva (Lisboa, 1896-1976), diplomou-se na Escola de Belas Artes de Lisboa no ano de 1919 e estudou em Paris entre 1920 e 1925. Quando regressou a Lisboa, expôs diversos projetos realizados em Paris na Sociedade Nacional de Belas Artes. Dos projetos apresentados, há que destacar uma “Bourse Maritime”, obra que começa a mostrar o estilo arquitetónico presente nas suas obras futuras.

Em 1925 projetou o Cineteatro Capitólio (1925-1931), um edifício que é, nos dias de hoje, considerado como uma enorme referência arquitetónica quando se fala do modernismo português. É caracterizado por ter uma volumetria muito simples e também pelas decorações *Déco* da sua fachada.

Foi um dos vanguardistas do movimento moderno, no entanto, acompanhado pelos arquitetos Jorge Segurado (1898-1990), Pardal Monteiro (1897-1957), Cottinelli Telmo (1897-1948), Cassiano Branco (1897-1970) e Carlos Ramos (1897-1969).

Posteriormente contribuiu, através da construção, para a alteração “definitiva” do estilo arquitetónico oficial do Estado Novo. Contribuiu com edifícios como o conjunto urbano da Praça do Areeiro em Lisboa (1938-1943), foi também um membro importante na Exposição do Mundo Português (1940) e foi arquiteto-chefe do projeto para a Cidade Universitária de Coimbra (1948).

Elaborou uma proposta para o acrescento/prolongamento da Avenida da Liberdade, em Lisboa, onde hoje se localiza o Parque Eduardo VII²⁵.

²⁵ Proposta apresentada na Exposição dos Independentes, SNBA, em 1930. A extensão “*de proporções grandiosas e grande teatralidade, em divórcio completo com a escala e carácter da cidade*”. (Duarte, 1999, p. 358)

Arq. Fernando Santa Rita

Fernando de Santa Rita nasceu em Leiria a 11 de outubro de 1891 e faleceu em Lisboa em 19 de julho de 1976.

Estudou arquitetura em Bruxelas na Academie Royal de Beaux Arts onde recebeu também o primeiro prémio de Arquitetura, uma medalha de ouro no seu último ano de curso.

Entre os anos de 1926 a 1928 integrou os quadros do Atelier do Barão Victor Horta, em Bruxelas, onde, entre outros trabalhos, desenvolveu o Plano de Urbanização de Telavive, integrado no Plano Balfour para o desenvolvimento da Palestina, atual Estado de Israel, para onde foi convidado para dirigir o Plano, mas não aceitou.

Após o regresso a Leiria em 1929, começou a sua vida profissional em Portugal com a elaboração de alguns projetos a nível nacional tal como a ocupação de cargos importantes.

O arquiteto Fernando Santa Rita, começou por chefiar o Grupo Técnico da Federação dos Municípios da Beira Alta (1938-1941), chefiou também a Repartição dos Serviços Técnicos da Câmara Municipal de Leiria (1941-1946) e foi professor de Desenho, Tecnologia e Materiais na Escola Industrial e Comercial Domingos Sequeira em Leiria. Também foi Diretor do Curso de Construção Civil (1946-1962).

No que toca a projetos, Santa Rita, em parceria com o Arquiteto belga Jean Caille ganhou o concurso aberto pelo MOP para a construção de um Estádio Nacional em Lisboa. Foi autor dos Planos de Urbanização de S. Martinho do Porto e da Praia do Pedrógão, em 1929 elaborou o Projeto da sede da Junta Nacional dos Vinhos na Rua Tenente Valadim em Leiria, em 1931 elaborou o Projeto do Cineteatro de Vieira de Leiria e o prédio Fernando de Sá na Av. Maria de Oliveira em Alcobaça.

Entre 1929 e 1968 desenvolveu vários projetos importantes para a cidade de Leiria, destacam-se os vários projetos para a Rua Tenente Valadim e as escadarias da Av. José Jardim para o mercado de Santana (1940-1942), os Projetos de recuperação da Igreja de Stº. Agostinho e do coro da Sé Catedral de Leiria, e o Monumento aos Mortos da Grande Guerra (1948-1950),

Em 1952 elaborou o Projeto da Casa Virgílio Norte, em Monte Redondo, um dos muitos exemplos de arquitetura habitacional que elaborou durante a sua vida. Apesar de muitos projetos, alguns deles não chegaram a ser construídos, como é o caso do Projeto do edifício para o Grémio do Comércio para a Rua D. José Alves Correia da Silva (1959), o Projeto do

edifício Joaquim Manuel Pereira no Largo Camilo Castelo Branco, e o edifício para Luís dos Santos Sismeiro na Rua Duarte Pacheco (1960).

Arq. Lima Franco

José Lima Franco nasceu no ano de 1904 e faleceu em 1970. Foi autor de diversos projetos em todo o País, nomeadamente:

- Mercado do Chão do Loureiro, em Lisboa (recentemente remodelado para abrigar um parque de estacionamento);
- Cinema Alvalade, projetado em 1945 e inaugurado em 1953 (demolido);
- Edifício do Largo de Andaluz, 15, em Lisboa;
- Cine-Teatro São Pedro, na actual Rua 25 de Abril, junto à Praça 8 de Maio e dos Paços do Concelho, em Alcanena;

Para além destes importantes projetos, foi também autor de diversos planos de urbanização para Alcanena; Aviz; Fronteira; Gavião; Marco de Canavezes; Marinha Grande; Moscavide e Sacavem; Nelas; Sabugal; S. Pedro de Moel.

Trabalhou com Dário Silva Vieira e Ignácio Perez Fernandes e Manolo Gonzales Potier.

A evolução dos elementos fundamentais da morfologia urbana

A imagem urbana da cidade foi-se alterando ao longo dos tempos, se inicialmente existia uma cidade sem interesse, com domínio principal das indústrias e ao mesmo tempo pouco desenvolvida nos outros setores, hoje esta imagem não existe.

Toda esta mudança se deve, primeiramente, aos planos de organização e desenvolvimento urbano da cidade, a construção de edifícios singulares e a reparação de outros, posteriormente e já bem recente, a intervenção do Polis, visto que a cidade funcionava ainda de forma um tanto ou quanto deficiente e este programa acaba por desenvolver certos aspetos que tornam a cidade mais organizada em todos os aspetos. A nível de circulação automóvel, o trânsito acaba por fluir com maior facilidade apesar de ainda se notarem alguns problemas no escoamento do centro histórico na pequena rotunda em frente à Praça Goa Damão e Diu.

Os modelos de intervenção ao longo do tempo

Após o estudo destes elementos, podemos concluir que a tendência de alterações passa pela recuperação daquilo que já existe e não pela construção de novos edifícios ou espaços públicos. Existe um enorme esforço por parte da Câmara para melhorar a imagem da cidade e isso é possível de se verificar quando se circula pelo Largo em estudo.

Os edifícios acabam por ser reabilitados. Em dois casos existem acrescentos para dar novas funções ao edifício em questão. Um deles foi o edifício Garage, o outro foi o Paço Episcopal. Também se pode dizer que parte destes dois edifícios foi demolida, nomeadamente todo o seu interior que apresentava enormes fragilidades a nível de estrutura, apenas as fachadas foram mantidas e recuperadas.

Quanto às ruas existem de facto algumas alterações. Para além do alargamento da rua que liga o Largo 5 de Outubro à Praça Rodrigues Lobo, foi também criada a Avenida Heróis de Angola que acaba por ser um dos principais eixos da cidade, onde aliás se situa a rodoviária e a praça de táxis, no entanto sabe-se que existe uma proposta para que setenta por cento da Avenida seja devolvida ao trânsito pedonal, segundo se pode ler no Jornal de Leiria na edição de 25 de fevereiro de 2016. Já a rua do Largo 5 de Outubro acaba por perder a sua largura, foi reduzida aquando da intervenção do Polis pois pretendia dar-se prioridade aos peões e condicionar o acesso automóvel ao centro histórico.

Os quarteirões não sofreram qualquer tipo de alterações ao longo do século XIX e XX e este acaba por ser um elemento com difícil capacidade de mutabilidade. A estrutura urbana da cidade de Leiria está muito consolidada devido à localização do Rio Lis e como tal pouco se alterou. Existiu de fato uma proposta para alteração/demolição de quarteirões no século XX pela parte do arquiteto Cristino da Silva quando apresentou o seu plano de urbanização para a cidade, no entanto esta proposta não foi implementada.

Quanto aos usos, e após uma tendência de diminuição do uso residencial no centro histórico verifica-se uma nova procura no centro da cidade. Cada vez mais são as pessoas que querem viver lá, existem diversas obras de recuperação de edifícios não só para o uso habitacional, mas também para o uso comercial, no entanto, no Largo, o uso habitacional é praticamente nulo. Existem apenas três edifícios que contêm habitação um deles fica no Largo, um edifício que se pensa ser do arquiteto Raul Lino e dois edifícios que não lhe pertencem diretamente, como é o caso do edifício Garage e do edifício junto à Gare Rodoviária do arquiteto Ernesto Korrodi. (EXPO, 2013, p. 12)

O futuro

Na minha opinião não devemos centrar a atenção no edificado individual, mas tentar preservar todo o conjunto edificado, como parte da identidade de Leiria.

No que toca ao edificado, verificam-se, em alguns edifícios, uma grande capacidade de resistir às alterações do futuro e que mesmo com as modificações em seu redor acabam por se destacar sempre, são eles: a antiga Sede do Banco de Portugal, o edifício do antigo Paço Episcopal tal como o seu recente acrescento, o edifício Garage e a Gare Rodoviária. São edifícios que se destacam pela sua arquitetura de estilo Arte Nova, com exceção da Gare e do acrescento do Paço Episcopal. No entanto, no caso do acrescento do Paço Episcopal, considero que é um edifício que contrasta com tudo o resto pela sua composição de fachadas, mas ao mesmo tempo insere-se naquele espaço de forma harmoniosa. No caso da Gare, para além de ser arquitetonicamente interessante, um edifício construído segundo a linha modernista que se pretendia para a Avenida Heróis de Angola, acaba por ser um espaço de chegada à cidade e que fica voltada para todos os edifícios anteriormente falados.

Atualmente a maioria dos edifícios estão bem conservados quer a nível de fachadas, quer a nível estrutural.

O espaço público, foi também ele um elemento com enorme capacidade de mutabilidade. Através da comparação de plantas analisadas anteriormente, o Largo 5 de Outubro, tal como a estrada que o delimita e o Jardim Luís de Camões, sofreram enormes alterações.

O Jardim, não sofreu alterações no que toca aos seus limites. No entanto foi redesenhado com novos canteiros e espaços de circulação. Já a rua do Largo 5 de Outubro, foi reduzida e repavimentada. O pavimento foi alterado de alcatrão para calçada fazendo com que a circulação automóvel seja feita de forma menos apressada e dando, portanto, uma maior segurança ao peão.

Quanto ao largo em si, para além de ter sido aumentado, foi também ele repavimentado segundo um novo desenho de canteiros que faz lembrar o Largo 5 de Outubro nos anos 20 do século XX, com canteiros e candeeiros centrais, acompanhados de bancos e caixotes de jardim. Hoje, o café que existe no largo, começa também a fazer um pouco uso do espaço através da esplanada que joga sobre ele, um pouco à semelhança daquilo que acontece com os cafés e restaurantes existentes na Praça Francisco Rodrigues Lobo e que tão bem funcionam.

É importante referir que, e como existe uma constante evolução da população, ele não possa vir a ser alterado para outras funções respondendo às necessidades do futuro, porém, às necessidades do presente ele responde de forma exemplar.

O cadastro, o traçado dos quarteirões e as fachadas, identificam-se como elementos praticamente permanentes, pois existe uma enorme vontade de preservar a imagem do largo e acima de tudo do largo como espaço pertencente ao centro histórico.

Os edifícios protegidos mais próximos do local acabam por ser importantes locais pois atraem bastantes turistas a todo aquele espaço. Para além destas obras, existem outras, que se tornam vitais para que o comércio no largo e no centro histórico em geral funcione.

FONTES DOCUMENTAIS – PROCESSOS ADMINISTRATIVOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LEIRIA

DESIGNAÇÃO	CONCELHO	REFERÊNCIA	ARQUIVO
Gare Rodoviária	Leiria	- (Memória descritiva do anteprojeto, dezembro de 1956). - (Memoria descritiva do projeto datada de 15 de abril de 1959) - (Memória descritiva do anteprojeto, dezembro de 1956) - (Memória descritiva de projeto, agosto de 1960)	PT/AMLRA/CMLRA/L-LA
Caixa Geral de Depósitos	Leiria	- (Memória descritiva de projeto, 27 de maio de 1940.) - (Memória descritiva de projeto, 20 de junho de 1942)	PT/AMLRA/CMLRA/L-LA
Plano de Lima Franco	Leiria	- (memoria descritiva de 1962, em data posterior à rescisão do contrato com o urbanista por parte das entidades municipais) - (<i>Memória Descritiva e Justificativa do Plano de Urbanização da Cidade de Leiria – 1ª Revisão</i>, 1957)	PT/AMLRA/CMLRA/L-LA
Casa no Largo 5 de Outubro com a Avenida Heróis de Angola (Ernesto Korrodi)	Leiria	- (memoria descritiva do projeto de 1940). - (memoria descritiva do projeto, 27 de fevereiro de 1962). - (memoria descritiva e justificativa de Lima Franco, para o plano da cidade de Leiria, 1948).	PT/AMLRA/CMLRA/M-ME

Banco Nacional Ultramarino	Leiria	- (memoria descritiva do projeto datada de 10 de julho de 1929).	PT/AMLRA/CMLRA/L-LA
Reparação de pavimentos alcatroados – Leiria (Ernesto Korrodi)	Leiria	- (memoria descritiva de fevereiro de 1937)	PT/AMLRA/CMLRA/L-LA
O Plano Diretor da Cidade de Leiria (hidrotécnica portuguesa)	Leiria		PT/AMLRA/CMLRA/L-LA

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, R. R., RODEIA, J. B., & RODEIA, T. (2004). *Mapa de Arquitectura de Leiria*. Lisboa: Argumentum.
- Cabral, J. (1975). *Anais do Município de Leiria* (Vol. II). Leiria: Câmara Municipal de Leiria.
- Coelho, J. D. (1998). *Leiria entre 1920 e 1940 : sociabilidade e vida quotidiana*. Coimbra: Coimbra J.M.O.D.Coelho.
- Correia, J. (2013). *Leiria : a evolução do espaço urbano da cidade moderna (1926-1974)*. Lisboa: Portugal: Gradiva.
- Costa, L. V. (1989). *Leiria*. Lisboa: Editorial Presença.
- Damásio, D. F. (2013). *Arquitetura do Banco de Portugal - Evolução dos projetos para a sede, filial e agências do Banco de Portugal (1846-1955)*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Dinis, C. M. (2008). *Estudo do Comércio do Centro Histórico de Leiria*. Leiria: Câmara Municipal de Leiria.
- Duarte, C. S. (1999). *Arquitetura em Portugal no Século XX: do modernismo ao tempo presente*. Porto: Campo de Letras e Fundação Serralves.
- Faria, P., Soproi, L., & Monterg, A. (2009). *EDIFÍCIO "GARAGE" GANHA NOVA VIDA. Região de Leiria*.
- Gomes, P. (s.d.). *Leiria - A Terra e o Tempo*. Edições ASA, S.A.

Korrodi, E. (s.d.). ***Roteiro na Cidade de Leiria. Leiria.***

Lamas, J. M. (2014). ***MORFOLOGIA URBANA E DESENHO DA CIDADE*** (7ª Edição ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Lôbo, M. S. (1995). ***Planos de urbanização: a época de Duarte Pacheco.*** Porto: FAUP.

LOPES, Flávio e CORREIA, Miguel Brito - ***Património Cultural: Critérios e Normas Internacionais de Proteção*** (Caleidoscópio, 2014);

LOPES, Flávio - ***Património Arquitectónico e Arqueológico: Noção e Normas de Proteção*** (Caleidoscópio, 2012);

Margarido, A. P. (1988). ***Leiria, História e morfologia urbana.*** Leiria: Câmara Municipal de Leiria.

Mateus, J. M. (14 de Set. de 2011). **Muitos cortes, poucas costuras.** O Programa Polis e os centros históricos, alguns casos de estudo. Universidade de Coimbra.

Polis, P. (2000). ***Viver Leiria, Plano estratégico.*** Lisboa.

Silva, M. A. (Fevereiro de 2016). **Será desta que Leiria vai ganhar novas zonas pedonais?** *Jornal de Leiria.*

Silva, S. M. (2010). ***LEIRIA, CIDADE DO (PO)LIS - ANÁLISE DA ESTRATÉGIA DE REVITALIZAÇÃO DA FRENTE DE ÁGUA.*** Coimbra: Universidade de Coimbra.

Trindade, L. (13 de Mar de 2008). **Os projectos e as intervenções na cidade.** Conheça os rostos do Polis. *Leiria Polis.*

PUBLICAÇÕES ELETRÓNICAS

Eirena. (18 de Fev de 2011). *Viver Leiria*. Obtido em 09 de Dez de 2015, de Blogspot:

<http://viverleiria.blogspot.pt/2011/02/casa-de-narciso-costa.html>

EXPO, P. (2013). *Programa estratégico de reabilitação urbana do centro da cidade de Leiria*.

Obtido de CMLeiria: http://www.cm-leiria.pt/uploads/writer_file/document/708/20131217122247117849.pdf

Faria, P., Soproi, L., & Monterg, A. (2009). EDIFÍCIO "GARAGE" GANHA NOVA VIDA. *Região de Leiria*.

Leiria, C. (2005). *Centro Histórico/Reabilitação Urbana*. Obtido de CM Leiria:

<http://www.cm-leiria.pt/pages/403>

Leiria, C. (2005). *Enquadramento histórico*. Obtido de Município de Leiria: <http://www.cm-leiria.pt/pages/405>

Leiria, C. M. (2005). *EDIFÍCIOS DO LARGO 5 DE OUTUBRO*. Obtido em 02 de Fev de 2016, de Município de Leiria: <http://www.cm-leiria.pt/pages/397>

Martinho, A. (2012). *Município de Leiria*. Obtido de C.M.Leiria: [http://www.cm-](http://www.cm-santarem.pt/ordenamento/projectos/Documents/4.%C2%BA%20Congresso%20Internacional%20da%20Rede%20CIUMED/MUNIC%C3%8DPIO%20DE%20LEIRIA%20-%20Uma%20Cidade,%20uma%20Estrat%C3%A9gia.pdf)

[santarem.pt/ordenamento/projectos/Documents/4.%C2%BA%20Congresso%20Internacional%20da%20Rede%20CIUMED/MUNIC%C3%8DPIO%20DE%20LEIRIA%20-%20Uma%20Cidade,%20uma%20Estrat%C3%A9gia.pdf](http://www.cm-santarem.pt/ordenamento/projectos/Documents/4.%C2%BA%20Congresso%20Internacional%20da%20Rede%20CIUMED/MUNIC%C3%8DPIO%20DE%20LEIRIA%20-%20Uma%20Cidade,%20uma%20Estrat%C3%A9gia.pdf)

Wikipédia. (2 de Jul. de 2015). *Banco de Portugal (Leiria)*. Obtido de Wikipédia:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Banco_de_Portugal_\(Leiria\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Banco_de_Portugal_(Leiria))

Wikipédia. (18 de Abr. de 2016). *Luís Cristino da Silva*. Obtido de Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_Cristino_da_Silva

Wordpress. (s.d.). *História*. Obtido de wordpress: <https://ctsp.wordpress.com/o-cine-teatro-sao-pedro/historia/>

Milheiro, A. V. (s.d.). *Manolo Potier - O arquitecto violinista*. Obtido de Jornal Arquitectos: <http://arquivo.jornalarquitectos.pt/pt/241/mais%20velhos/>

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

1 – Célia Ascenso, 19 de setembro de 2011, [https://commons.wikimedia.org/wiki/File: Castelo_de_Leiria_visto_da_Encarnacao.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Castelo_de_Leiria_visto_da_Encarnacao.jpg)

2 – http://www.prof2000.pt/users/avcultor/Postais2/Leiria/145_Leiria.jpg

3 – <http://www.panoramio.com/photo/42054656>

4 – <http://www.exercito.pt/sites/RA4/Historial/Paginas/default.aspx>

5 – http://www.prof2000.pt/users/avcultor/Postais2/Leiria/008_Leiria.jpg

6 – http://www.prof2000.pt/users/avcultor/Postais2/Leiria/076_Leiria.jpg

7 – http://www.prof2000.pt/users/avcultor/Postais2/Leiria/079_Leiria.jpg

8 – <http://colipoleiria.blogspot.pt/2013/08/exposicao-distril-de-leiria.html>

14 – <http://www.schreder.com/en-egs/Projects/Pages/City-Park-Polis-Leiria.aspx>

15 |16 |17 |19 |22 |23 |29 |30 |38 |39 |40 |41 |42 |44 |45 |46 |47 |48 |49 |52 |53 |54 |55 |56 |57 |62 |64 |65 |66 |67 |68 |69 |70 |71 |72 – Correia, J. (2013). *Leiria : a evolução do espaço urbano da cidade moderna (1926-1974)*. Lisboa: Portugal: Gradiva.

18 |20 |126 – Arquivo histórico – PT/AMLRA/CMLRA/L-LA

22 – <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73320>

25 – http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/Leiria/032_Leiria.jpg

26 – http://preguicamagazine.com/2014/07/24/vai-dar-uma-ganda-volta/dcim100go_pro-16/#main

28 – http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/Leiria/033_Leiria.jpg

32 – http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/Leiria/056_Leiria.jpg

33 – http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/Leiria/003_Leiria.jpg

36 – http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/Leiria/013_Leiria.jpg

37 – http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/Leiria/009_Leiria.jpg

43 |50 – ***Jornal Região de Leiria***, ed. 14 maio de 2015. p. 3.

21 |34 |61 – Costa, L. V. (1989). ***Leiria***. Lisboa: Editorial Presença. p. 53.

74 – Mateus, J. M. (14 de Set. de 2011). Muitos cortes, poucas costuras. O Programa Polis e os centros históricos, alguns casos de estudo. Universidade de Coimbra. p. 8.

76 |77 |78 |79 |80 |81 |82– Damásio, D. F. (2013). ***Arquitetura do Banco de Portugal - Evolução dos projetos para a sede, filial e agências do Banco de Portugal (1846-1955)***. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra.

85 |86 |87 |88 |89 |90 |91 |92 – [http://www.parqueexpo.pt/conteudo.aspx?caso=projeto & lang=pt&idobject=580&name=Polis-Leiria](http://www.parqueexpo.pt/conteudo.aspx?caso=projeto&lang=pt&idobject=580&name=Polis-Leiria)

109 |110 – Martinho, A. (s.d.). ***Município de Leiria-Uma Cidade, uma Estratégia***. p. 151.

84 – Silva, S. M. (2010). ***LEIRIA, CIDADE DO (PO)LIS - ANÁLISE DA ESTRATÉGIA DE REVITALIZAÇÃO DA FRENTE DE ÁGUA***. Coimbra: Universidade de Coimbra.

134 – <https://www.flickr.com/photos/biblarte/2921679256>

Imagens do autor: 9 |10 |11 |12 |13 |24 |27 |31 |35 |51 |58 |59 |60 |63 |73 |75 |83 |93 |94 |95 |96 |97 |98 |99 |100 |101 |102 |103 |104 |105 |106 |107 |108 |111 |112 |113 |114 |115 |116 |117 |118 |119 |120 |121 |122 |123 |124 |125 |127 |128 |129 |130 |131 |132